

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS  
MESTRADO EM GEOGRAFIA

LUZIANNY BORGES ROCHA

**A PRODUÇÃO DE FLORES NO ESTADO DO CEARÁ EM  
BATURITÉ, REDENÇÃO E SÃO BENEDITO**

Fortaleza - Ceará

2006

LUZIANNY BORGES ROCHA

**A PRODUÇÃO DE FLORES NO ESTADO DO CEARÁ EM  
BATURITÉ, REDENÇÃO E SÃO BENEDITO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia, do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Geografia, na área de concentração em Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. José Levi Furtado Sampaio

Fortaleza - Ceará

2006

LUZIANNY BORGES ROCHA

**A PRODUÇÃO DE FLORES NO ESTADO DO CEARÁ EM  
BATURITÉ, REDENÇÃO E SÃO BENEDITO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia, do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Geografia, na área de concentração em Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em 20 de Julho de 2006. Nota: 10. Conceito: Com Louvor.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. José Levi Furtado Sampaio**  
**Universidade Federal do Ceará**  
**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Maria Soares**  
**Universidade Federal do Ceará**

---

**Dr. José Luiz Mosca**  
**EMBRAPA – Agroindústria Tropical**

## **DEDICATÓRIA**

À minha querida e inesquecível avó, Maria Clemilda de Moura Chaves e Silva (*In memoriam*), pelo amor e ensinamentos de vida que muito contribuíram para minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me capacitado para vencer mais esta etapa da minha vida profissional.

Ao esposo e amigo, Alberto Pessoa Rocha, que esteve ao meu lado colaborando para realização deste trabalho.

À minha família, pelo incentivo aos estudos.

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, pela contribuição intelectual e motivação em minha vida acadêmica.

Ao professor e amigo Dr. José Levi Furtado Sampaio, pela orientação dada para a construção desta pesquisa.

À professora Dr<sup>a</sup>. Fátima Maria Soares, pela colaboração dada para o enriquecimento deste trabalho.

Ao agrônomo Dr. José Luiz Mosca, que confiavelmente me cedeu material científico com informações importantes para esta pesquisa.

Aos colegas de mestrado, pelo convívio e crescimento intelectual.

Às grandes amigas, Magda Maria Mourão de Aguiar, Maria Edivani Silva Barbosa e Neiliane Santiago Sombra Borges, pelo apoio dado nesta caminhada.

À colega, Anna Érika Ferreira Lima, pela colaboração em trabalho de campo.

À minha querida irmã e amiga Prof<sup>a</sup>. Francisca Helena Silva Borges, que por sua formação realizou a correção ortográfica desta pesquisa.

Ao querido primo Marcos Sérgio Meneses e Silva, que tão gentilmente realizou a tradução do resumo deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico do Estado do Ceará (FUNCAP), que contribuiu financeiramente para o desenvolvimento desta pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa, em especial, o processo da produção de flores nos municípios de Baturité, Redenção e São Benedito, no Estado do Ceará. A escolha destes, como objeto de análise do ponto de vista geográfico, deve-se ao destaque no espaço cearense, no que se refere às metamorfoses na estrutura produtiva e espacial, que são reflexos das políticas públicas e privadas que criam as condições favoráveis para a reprodução ampliada do capital. Diante disso, questiona-se a respeito da expansão da atividade nos últimos seis anos, 2000 a 2005, na economia cearense. E, na busca de responder a este questionamento, foi possível compreender as transformações que se dão no espaço agrário. A pesquisa organizou-se em torno de dois eixos principais: a bibliográfica, que foi realizada, principalmente, em bibliotecas, órgãos públicos da cidade de Fortaleza e em sítios eletrônicos com relevância para o trabalho, e a de campo, realizada na região do Maciço de Baturité, nas propriedades Sítio Olho d' Água, em Baturité e Sítio Vale do Piancó, em Redenção, que constituem a empresa Flora Tropical, e na região da Ibiapaba, nas empresas Reijers Produção de Rosas S.A. e Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda., em São Benedito, onde as informações e observações permitiram confrontar os dados bibliográficos coletados à realidade das regiões. A horticultura ornamental, aqui denominada floricultura, é um dos setores da agricultura que apresenta maior rentabilidade por área cultivada e que proporciona rápido retorno financeiro. Além disso, pode ser praticada em pequenos espaços, constituindo atividade assimiladora de mão-de-obra, exigindo a utilização de técnicas de cultivo, como também sistema de distribuição e comercialização. Trata-se de uma atividade em ascensão, com amplo mercado nacional e mundial, apresentando claras vantagens comparativas no Estado do Ceará, o que justifica a escolha da temática. A floricultura cearense apresenta vantagens de custos relativas a outros competidores nacionais e internacionais, confirmando a hipótese de que tais vantagens comparativas só se converterão em vantagens competitivas de modo a contribuir com o desenvolvimento econômico do Estado, se houver um esforço coletivo que faça a promoção dos arranjos produtivos locais da atividade. Desse modo, constata-se que a floricultura é uma nova alternativa na busca de geração de emprego e renda, e, para existir, deve haver investimento financeiro, científico, técnico, político, cultural, sem estes elementos, o setor não vingará.

Palavras-chave: Reestruturação Produtiva. Técnica e Campo. Meio Ambiente.

## ABSTRACT

This research analyzes, in special, the process of the production of flowers in the cities of Baturité, Redenção and São Benedito, in the State of the Ceará. The choice of these, as object of analysis of the geographic point of view, must it the prominence in the pertaining to the state of Ceará space, as for the metamorphoses in productive and space the structure, that are reflected of the public and private politics that create the favorable conditions for the extended reproduction of the capital. Ahead of this, if it questions regarding the expansion of the activity in last the six years, 2000 to 2005, in the pertaining to the state of Ceará economy and in the search to answer to this questioning it was possible to understand the transformations that if give in the agrarian space. The research was organized around two main axles: the bibliographical one, that it was carried through, mainly, in libraries, public agencies of the city of Fortaleza and in electronic small farms with relevance for the work and of field, carried through in the region of the Massif of Baturité, in the properties Small farm Olho D'Água, in Baturité and Small farm Vale do Piancó, in Redenção, that constitutes the company Tropical Flora and in the region of the Ibiapaba, in the companies Reijers Produção de Rosas S.A. and Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda., in São Benedito, where the information and comments had allowed to collate the collected bibliographical data to the reality of the regions. The ornamental horticulture, called floricultura here, is one of the sectors of the agriculture that presents greater yield for cultivated area and that it provides to fast financial return. Moreover, assimiladora activity of man power can be practised in small spaces, constituting, demanding the use of culture techniques, as also system of distribution and commercialization. One is about an activity in ascension, with ample national and world-wide market, presenting clear comparative advantages in the State of the Ceará, what it justifies the choice of the thematic one. The pertaining to the state of Ceará floricultura presents relative advantages of costs to other national competitors and international, confirming the hypothesis, of that such comparative advantages will only be become into competitive advantages, in order to contribute with the economic development of the State, a collective effort will be had that it makes the promotion of the local productive arrangements of the activity. Therefore, the floricultura is a new alternative in the search of job generation and income and to exist must have financial, scientific investment, technician, politician, cultural, without these elements the sector will not avenge.

Keywords: Productive restructuring. Technique and Camp. Environment



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Pág.

### FIGURAS

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESTADO DO CEARÁ.....	66
FIGURA 2 – MERCADOS CONSUMIDORES DE FLORES COM RELAÇÃO A FORTALEZA-CE .....	72
FIGURA 3 – REGIÕES PRODUTORAS DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO ESTADO DO CEARÁ.....	77
FIGURA 4 – MARCAS DA FLORICULTURA CEARENSE .....	82
FIGURA 5 – MUNICÍPIOS QUE PERTENCEM À MICRO-REGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ NO ESTADO DO CEARÁ.....	87
FIGURA 6 – MUNICÍPIOS QUE PERTENCEM À MICRO-REGIÃO DA CHAPADA DA IBIAPABA NO ESTADO DO CEARÁ .....	91

### FOTOS

Foto 1 – Bulbo de Amarílis .....	70
Foto 2 – Flores de Amarílis.....	70
Foto 3 – Estufa da Empresa <i>Naturalis Tropicus</i> em Maranguape-CE .....	75
Foto 4 – Abacaxis Ornamentais.....	79
Foto 5 – Câmara Frigorífica para Exportação de Flores.....	82

Foto 6 – Sítio Olho d'Água, Baturité-CE .....	93
Foto 7 – Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE .....	94
Foto 8 – Proprietários da Empresa Flora Tropical, Sítio Olho d'Água, Baturité-CE .....	95
Foto 9 – Irrigação Sítio Olho d'Água, Baturité-CE .....	96
Foto 10 – Açude Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE .....	96
Foto 11 – Irrigação Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE .....	97
Fotos 12, 13 – Pós-colheita da Flora Tropical .....	98
Foto 14 – Pós-colheita da Flora Tropical .....	99
Foto 15 – Cultivo de Antúrio em Cobertura Telada, Sítio Olho d'Água, Baturité-CE .....	100
Foto 16 – Cultivo de Cordyline em Cobertura Telada, Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE .....	100
Foto 17 – Helicônia.....	101
Foto 18 – Tapeinoquilos .....	101
Foto 19 – Papiros .....	101
Foto 20 – Sorvete .....	101
Foto 21 – Dracena.....	101
Foto 22 – Alpínia.....	101
Foto 23 – Caulinha .....	102
Foto 24 – Bastão do Imperador .....	102

Foto 25 – Musa Ornata.....	102
Foto 26 – Musgo.....	102
Foto 27 – Fazenda Cearosa, São Benedito-CE .....	105
Foto 28 – Área do Cultivo de Rosas na Cearosa.....	106
Foto 29 – Presidente/Produtor da Empresa Cearosa, São Benedito-CE .....	107
Foto 30 – Açude que Abastece a Cearosa, São Benedito-CE .....	108
Foto 31 – Irrigação do Cultivo das Rosas, Fazenda Cearosa, São Benedito-CE.....	108
Foto 32 – Equipamento de Retirada de Espinhos e Folhas com a Mesa Classificadora do Tamanho das Rosas .....	109
Foto 33 – Equipamento de Fechamento dos Bonches (Boncheadora) .....	110
Foto 34 – Rosas na Câmara Frigorífica em Hidratação.....	110
Foto 35 – Rosas na Câmara Frigorífica, Acondicionadas para Transporte .....	111
Foto 36 – Botões de Rosas Protegidos com Capucho de Polietileno.....	112
Foto 37 – Nim .....	113
Foto 38 – <i>Carola</i> .....	113
Foto 39 – <i>Eliza</i> .....	113
Foto 40 – <i>Salmone</i> .....	113
Foto 41 – <i>Attaché</i> .....	113
Foto 42 – <i>Chaim Soutine</i> .....	113

Foto 43 – <i>Hot Princess</i> .....	113
Foto 44 – <i>Concorde</i> .....	114
Foto 45 – <i>Prima Donna+</i> .....	114
Foto 46 – Fazenda Reijers, São Benedito-CE .....	115
Foto 47 – Irrigação da Produção de Rosas, Fazenda Reijers, São Benedito-CE .....	117
Fotos 48 e 49 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE.....	118
Fotos 50 e 51 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE.....	119
Foto 52 – <i>Passion</i> .....	121
Foto 53 – <i>Brazilian Lady</i> .....	121
Foto 54 – <i>Avalanche</i> .....	121
Foto 55 – <i>Prima Donna</i> .....	121
Foto 56 – <i>Sorrisa</i> .....	122
Foto 57 – <i>Melaine</i> .....	122
Foto 58 – <i>Atraccta</i> .....	122
Foto 59 – <i>Serena</i> .....	122

## **MAPA**

MAPA – A PRODUÇÃO DE FLORES NO ESTADO DO CEARÁ.....	23
---	----

## QUADROS

QUADRO 1 – NOMECLATURA DO SETOR DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS (NCM/SH)* .....	49
QUADRO 2 – BRASIL: EXPORTAÇÕES DE FLORES E SEUS BOTÕES, FRESCOS, CORTADOS PARA BUQUÊS, POR PAÍS DE DESTINO, JANEIRO A DEZEMBRO DE 2003 E 2004.....	52
QUADRO 3 – PARTICIPAÇÃO DO VALOR DA EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS DA FLORICULTURA BRASILEIRA POR PAÍS DE DESTINO EM 2004 (%) .....	52
QUADRO 4 – CONSUMO PER CAPITA DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS (EM US\$/ANO).....	56
QUADRO 5 – MUNICÍPIOS PRODUTORES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS COM OS PRODUTOS .....	78
QUADRO 6 – PRINCIPAIS DESTINOS DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA CEARENSE – EXPORTAÇÃO 2005 (US\$) .....	80
QUADRO 7 – CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DO MACIÇO DE BATURITÉ, CEARÁ.....	86
QUADRO 8 – CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DA CHAPADA DA IBIAPABA, CEARÁ.....	90

## LISTA DE TABELAS

Pág.

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES CEARENSES DO AGRONEGÓCIO – 2003 .....	42
TABELA 2 – PRINCIPAIS PRODUTORES MUNDIAIS DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS – 2001 .....	45
TABELA 3 – MERCADO MUNDIAL DE FLORES DE CORTE, POR VALOR (CIF) 1997 – 2001 .....	46
TABELA 4 – IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE FLORES – 2001.....	47
TABELA 5 – BALANÇA COMERCIAL DOS PRODUTOS DE FLORICULTURA – 2004 E 2005 (MILHÃO DE US\$ FOB).....	53
TABELA 6 – EXPORTAÇÃO DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA BRASILEIRA, POR PAÍS DE DESTINO, 2004 E 2005 .....	53
TABELA 7 – DADOS COMPARATIVOS DE RENTABILIDADE ENTRE AS CULTURAS TRADICIONAIS E FLORES .....	68
TABELA 8 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA CEARENSE .....	69

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

### **ABREVIATURAS**

°C – Grau Celsius (Referente à Temperatura)

hab/km<sup>2</sup> - Habitante por Quilômetro Quadrado

ha. – Hectare

Km – Quilômetro

Km<sup>2</sup> – Quilômetro Quadrado

m – Metro

m<sup>2</sup>/ano – Metro Quadrado por Ano

mil/m<sup>2</sup> – Mil por Metro Quadrado

mm – Milímetro

n° – Número

% – Por Cento

### **SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACEFLOR – Associação Cearense dos Floristas

AFLORAL – Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais e  
Tropicais de Alagoas

AFLORAR – Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Estado do Ceará

APEX – Agência de Promoção e Exportação

ASFOF – Associação de Floricultores, Olericultores e Fruticultores da Serra da Ibiapaba

BAHIAFLOR – Associação Baiana dos Produtores de Flores Tropicais e Plantas Ornamentais

BB – Banco do Brasil

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CCE-CE – Comissão do Comércio Exterior do Ceará

CEASA – Campinas – Central de Abastecimento de Campinas

CEAGESP – Companhia de Entrepasto e Armazéns Gerais de São Paulo

COMFLORA – Cooperativa dos Produtores e Exportadores de Plantas, Flores e Folhagens Tropicais de Alagoas

CONFLOA – Associação dos Produtores de Flores do Maciço de Baturité

CARIRIFLORA – Associação de Produtores de Flores e Plantas Ornamentais da Região do Cariri

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FAT – Fundo de Amparo do Trabalhador

FESTFLORA – Feira Internacional do Nordeste da Floricultura, Paisagismo e Jardinagem



FIEC-CIN – Federação das Indústrias do Estado do Ceará – Centro Internacional de Negócios do Ceará

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

FLORALSULBA – Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Sul da Bahia

FLORA BRASILIS – Programa Setorial Integrado de Promoção e Exportação de Flores e Plantas Ornamentais

FNE – Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste

FRUPEX – Programa de Apoio à Produção e Exportação de Frutas, Hortaliças e Plantas Ornamentais

FRUTAL – Instituto de Desenvolvimento da Fruticultura e Agroindústria

FUNCET – Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza

FUNDECI – Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAFLORE – Instituto Brasileiro de Floricultura

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

INFRAERO – Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária

ISS – Imposto sobre Serviços

MDIC – Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior

NCM/SH – Nomenclatura Comum do Mercosul/Sistema Harmonizado

SEAGRI – Secretaria de Agricultura e Pecuária

SEAGRI–BA – Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia

SEAGRI–CE – Secretaria de Agricultura e Pecuária do Ceará

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SH – Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias ou Sistema Harmonizado

TROPIFLOR – Associação de Produtores de Flores Tropicais Amélia Rodrigues

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNIAGRO – Cooperativa dos Engenheiros Agrônomos do Ceará

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 1 A FLORICULTURA SOB UM OLHAR GEOGRÁFICO</b> ...	28
1.1 O Mercado de Flores no Mundo .....	44
1.2 O Brasil no Mercado Internacional de Flores .....	51
1.3 As Flores do Nordeste.....	61
<b>CAPÍTULO 2 A FLORICULTURA CEARENSE</b> .....	66
2.1 Histórico da Floricultura Cearense.....	73
2.2 Estratégias de Desenvolvimento do Estado do Ceará que Incentivaram à Expansão do Agronegócio: Produção de Flores .....	81
<b>CAPÍTULO 3 AS POTENCIALIDADES DO MACIÇO DE BATURITÉ E DA IBIAPABA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FLORICULTURA CEARENSE</b> .....	86
3.1 Maciço de Baturité: A Floricultura em Redenção e Baturité .....	93
3.2 São Benedito: A Produção de Flores da Ibiapaba .....	105
3.3 Apontando Propostas de Viabilidade Ambiental e Social .....	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	126
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	130
<b>APÊNDICE</b> .....	138
Apêndice A – Roteiro das Entrevistas .....	139

<b>ANEXO</b> .....	140
<b>Anexo A – Sítios de Interesse sobre Floricultura</b> .....	141

**“Circunda-te de rosas**

**Ama...**

**Bebe...**

**e cala...**

**O mais é nada.”**

**(Fernando Pessoa)**

## INTRODUÇÃO

A beleza da flora brasileira, a diversidade climática e a posição estratégica do Brasil em relação ao mercado internacional constituem fatores de sucesso em empreendimentos no setor produtivo de flores e plantas ornamentais, cujas potencialidades ainda não são totalmente exploradas segundo a propriedade das terras, a área total, a condição do produtor, as receitas, as despesas, a mão-de-obra, os insumos e as tecnologias utilizados na atividade, os investimentos, entre outros indicadores do nível de modernidade e especialização da floricultura brasileira. O conjunto dessas informações fornece ampla caracterização desse agronegócio no País, contribuindo, assim, para o conhecimento do seu potencial socioeconômico e para a elaboração de políticas e programas orientados ao seu desenvolvimento.

A produção de flores sempre existiu nos jardins desde as mais antigas civilizações, ora com conotações religiosas e ou filosóficas, ora com conotações utilitárias e ou contemplativas. Nesse rol se incluem os lendários jardins da “Babilônia, os jardins e parques dos castelos europeus ou chineses, o jardim doméstico grego e romano, os jardins dos mosteiros medievais, os renascentistas, o jardim francês (Versailles), italiano (as ‘Villas’) e inglês” (CENIQUEL, 1995). Essas flores eram cultivadas em pequena escala, voltadas principalmente para atender as necessidades do consumo particular, não havendo preocupação com o mercado.

No Estado do Ceará, até meados do século XX, a produção de flores era inexpressiva, voltada para a ornamentação de jardins, quintais de casa, decoração de ambientes. Na capital cearense, sobressaía o jardim japonês da família Fujita, na Avenida Bezerra de Meneses, próximo à praça São Sebastião. Contudo, desde o ano 2000, essa atividade começa a ser ampliada para alguns municípios e região metropolitana. Está havendo uma interiorização, porque as flores passaram a ter maior aceitação no mercado, assumindo valor de mercadoria.

A exemplo do Brasil, o Estado do Ceará vê a oportunidade de inserção no mercado nacional e internacional como forma de originar emprego e renda. Em face

de sua biodiversidade e das condições de clima e solo, a floricultura apresenta-se como uma das atividades agrícolas com potencialidades determinadas por vantagens comparativas em função da proximidade com os principais importadores, países europeus e Estados Unidos, tendenciando uma natural inserção dos produtos cearenses no mercado internacional; os ecossistemas distintos, litoral, serras e sertão, favorecendo o cultivo diversificado de espécies florísticas; as temperaturas 12°C a 32°C, amenas e estáveis nas serras durante todo o ano, propiciando ao produtor o planejamento de sua produção de acordo com as exigências do mercado; a luminosidade intensa, 3000 horas de sol anuais, atribuindo cores mais vivas às flores; a mão-de-obra caracterizada por habilidade e capacidade de trabalho.

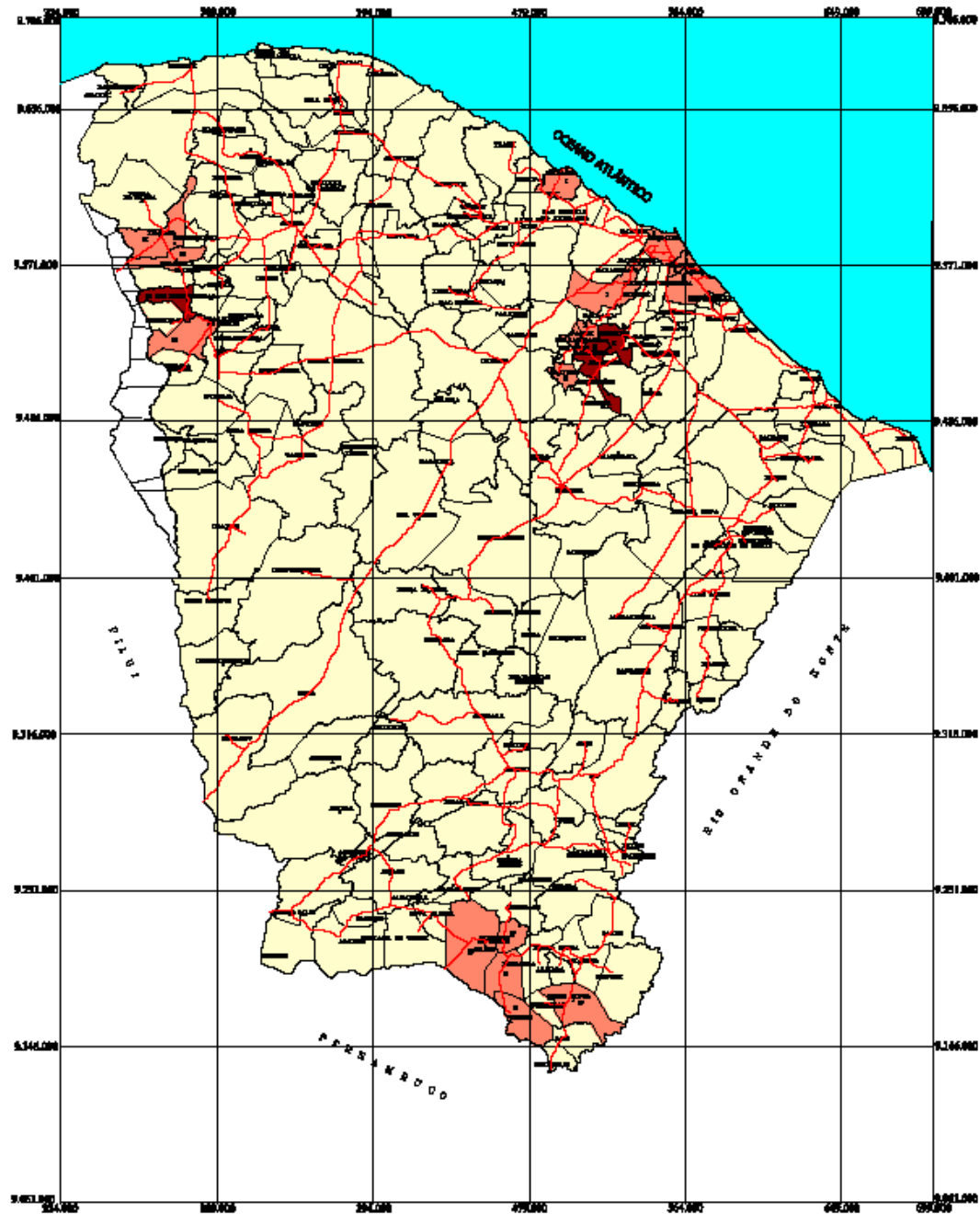
Sendo assim, esta atividade se torna uma alternativa do setor produtivo da economia, capaz de inserir o Estado do Ceará no processo de internacionalização.

A partir dessas vantagens, esta pesquisa analisa, em especial, o processo da produção de flores nos municípios de Baturité, Redenção e São Benedito, no Estado do Ceará (Mapa).

O Maciço de Baturité localiza-se entre o Sertão Central do Estado do Ceará e a Região Metropolitana de Fortaleza, distante da capital 100Km, e compreende os municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Baturité, Redenção, Mulungu, Palmácia, Pacoti, Capistrano, Guaramiranga e Itapiúna. A Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande, localiza-se na porção Norte - Sul do Estado do Ceará, nos limites com o Estado do Piauí, distante da capital 304Km, e compreende os municípios: Viçosa do Ceará, Tianguá, Ubajara, Ibiapina, São Benedito, Carnaubal, Guaraciaba do Norte e Croatá.

No Maciço de Baturité, foram escolhidos os municípios de Redenção e Baturité e, na Ibiapaba, São Benedito, como objeto de análise do ponto de vista geográfico, por serem destaque destas áreas. Nestes, as metamorfoses na estrutura produtiva e espacial são reflexos das políticas públicas e privadas que criam as condições favoráveis para a reprodução ampliada do capital. Diante disso, questiona-se a respeito da expansão da atividade, nos últimos seis anos, 2000 a 2005, na economia cearense. E, na busca de responder a este questionamento, foi

# A PRODUÇÃO DE FLORES NO ESTADO DO CEARÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
 FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E DESENVOLVIMENTO  
 TECNOLÓGICO DO ESTADO DO CEARÁ (FUNCAP)  
 LUZIANNY BORGES ROCHA  
 ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ LEVI FORCADO SAMPAIO  
 ÁREAS DA PESQUISA: NATURITÉ, REDEENÇÃO E SÃO BENEDITO

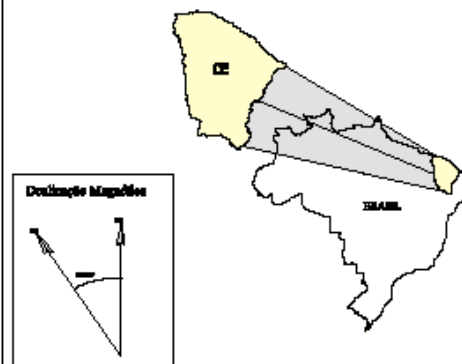
## LEGENDA

- ESTADO DO CEARÁ
  - MUNICÍPIOS PRODUTORES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO CEARÁ
  - ÁREAS DA PESQUISA
- I - MUNICÍPIO DA REGIÃO METROPOLITANA  
 II - MUNICÍPIO DA REGIÃO DE NATURITÉ  
 III - MUNICÍPIO DA REGIÃO DE REDEENÇÃO  
 IV - MUNICÍPIO DA REGIÃO DE SÃO BENEDITO

## CONVENÇÕES

- |                             |                       |
|-----------------------------|-----------------------|
| CAPITAL                     | LIMITE ESTADUAL       |
| SEDE DE MUNICÍPIO           | LIMITE INTERMUNICIPAL |
| CIDADE                      | LIMITE INTERMUNICIPAL |
| RODOVIA FEDERAL             | LIMITE INTERMUNICIPAL |
| RODOVIA DE INTERCOMUNICAÇÃO | ESCURVA-CORRIDA       |
| ESTRADA RUSTICA             | ÁGUA                  |

## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



DATA: 01/06/2009 / FOLHA: 01 / MC - 30° W2  
 Projeto: LSCB  
 Escala: 1:200.000





possível compreender as transformações que se dão no espaço agrário, decorrente desta atividade.

Como objetivos específicos, têm-se os seguintes:

1 Levantamento da produção de flores a nível mundial, nacional e regional;

2 Histórico do cultivo de flores no Estado do Ceará;

3 Levantamento das possíveis estratégias de desenvolvimento do Estado que incentivaram a expansão do agronegócio: produção de flores;

4 Identificação das potencialidades das áreas em estudo para o desenvolvimento da floricultura cearense;

5 Coleta de dados sobre os tipos de flores cultivadas e os mercados consumidores;

6 Propostas de viabilidade ambiental e social na ampliação do cultivo de flores para o Estado do Ceará.

É razoável sustentar que a floricultura cearense apresenta vantagens de custos relativas a outros competidores nacionais e internacionais, levantando-se a hipótese de que tais vantagens comparativas poderão se converter em vantagens competitivas de modo a contribuir com o desenvolvimento econômico do Estado, se houver promoção dos arranjos produtivos locais da floricultura.

Adota-se, para o presente estudo, o conceito de região enquanto “espaço social, vivido, em estreita correlação com a prática social” (CORRÊA, 1996:25), visto que é através do entendimento do espaço como um dado social que se pode contribuir para a necessária teorização do trabalho como mediação da relação entre sociedade e espaço. Como afirma Júnior (2002:5) “[...] o trabalho enquanto ato teleológico redefine constante e contraditoriamente o processo social e o espaço geográfico”. Nesta mesma perspectiva, Lima (2002:1a), para quem o espaço é como “produto do trabalho social, estabelece a condição de continuidade da sociedade,

pois cada nova geração sobrevive utilizando-se dos objetos do passado, superpondo-lhes ou acrescentando-lhes outras criações”.

A horticultura ornamental, aqui denominada floricultura, é um dos setores da agricultura que apresenta maior rentabilidade por área cultivada e que proporciona rápido retorno financeiro. Além disso, pode ser praticada em pequenos espaços, constituindo atividade assimiladora de mão-de-obra, exigindo a utilização de técnicas de cultivo, como também sistema de distribuição e comercialização. Trata-se de uma atividade em ascensão, com amplo mercado nacional e mundial, apresentando claras vantagens comparativas no Estado do Ceará, o que justifica a escolha da temática.

Pode-se afirmar que há um processo de organização flexível da produção, que deve ser analisada com detalhe a partir das experiências locais. No caso da floricultura, a organização vem ocorrendo no campo da produção agrícola e do mercado. Em ambas, é necessário definir as estratégias em relação à força de trabalho. Desse modo, constata-se que a floricultura é uma nova alternativa na busca de geração de emprego e renda, e, para existir, deve haver investimento financeiro, científico, técnico, político, cultural, sem estes elementos, a floricultura não vingará.

A análise aqui desenvolvida não teve a pretensão de exaurir o tema em estudo, sendo agrupado um conjunto de indicadores associados ao eixo da pesquisa como estratégia de ação para alcançar os objetivos propostos. Buscaram-se como indicadores as variáveis que fornecessem a possibilidade de conhecer as especificidades do agronegócio: produção de flores no Estado do Ceará.

A pesquisa organizou-se em torno de dois eixos principais: pesquisa bibliográfica e de campo. A bibliográfica foi realizada, principalmente, em bibliotecas, órgãos públicos da cidade de Fortaleza e em sítios eletrônicos com relevância para o trabalho (Anexo A). As principais fontes de informações foram: dissertações, livros, periódicos, artigos.

Este levantamento foi complementado pela pesquisa de campo realizada na região do Maciço de Baturité, nas propriedades Sítio Olho d' Água, em Baturité, e

Sítio Vale do Piancó, em Redenção, que constituem a empresa Flora Tropical, e na região da Ibiapaba, nas empresas Reijers Produção de Rosas S.A. e Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda., em São Benedito, onde as informações e observações permitiram confrontar os dados bibliográficos coletados à realidade das regiões.

Além dos dados de origem secundária, foram utilizados dados de origem primária, obtidos através de 94 entrevistas diretas<sup>1</sup> (Apêndice A), junto aos produtores (4), trabalhadores agrícolas (84) e representantes de entidades públicas ou privadas (6) de interesse para pesquisa.

A entrevista semi-estruturada, que articula as duas modalidades de entrevista, a “aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas” (MINAYO, 1994:58) e a observação direta funcionaram como instrumento de coleta das informações.

Para Pereira (1992:25), a pesquisa qualitativa tem o mérito de “interpretar fatos e informações sobre a vida das pessoas e fenômenos que não podem ser quantificados e explorados por posicionamentos teóricos positivistas”. Enquanto a pesquisa quantitativa apreende nexos externos que se apresentam à observação ou experimentação, a pesquisa qualitativa volta-se, fundamentalmente, para atingir as causas dos fenômenos sociais, as contradições e os processos intrínsecos, procurando examinar sua lógica e estrutura interna, contrapondo-se às investigações de cunho positivista.

Com a pesquisa qualitativa, teve-se a oportunidade de compreender a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos nela envolvidos, detectando os significados que os atores dão aos fenômenos, ou seja, a interpretação da realidade a partir da apreensão do seu significado por parte dos entrevistados.

Além das entrevistas realizadas, foram ainda anotadas, no diário de campo, informações e impressões sobre situações ou aspectos propostos, como

---

<sup>1</sup> As informações obtidas através das entrevistas e as observações, realizadas em atividade de campo, no período de 2004.2 a 2005.2, estão dissertadas nos capítulos do presente ensaio.

também foram feitos registros fotográficos de momentos significativos para a pesquisa.

No trabalho de campo também foram efetivadas pesquisas junto às instituições públicas, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Secretaria de Agricultura e Pecuária (SEAGRI), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), onde foram buscados dados que pudessem fornecer informações para desenvolver o referencial teórico.

A presente dissertação foi elaborada seguindo as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), “com validade a partir de 30 janeiro de 2006” (ABNT, 2005), como também as orientações segundo Pedro Augusto Furasté em as “Normas Técnicas para Trabalho Científico” (FURASTÉ, 2004).

Os capítulos foram estruturados, obedecendo a seguinte seqüência: na tentativa de construir um arcabouço teórico-metodológico, no primeiro capítulo, são discutidos alguns conceitos operacionais que nortearam o estudo em questão, contextualizando com a atividade a nível mundial, nacional e regional.

No segundo capítulo, traz-se à luz o levantamento histórico do cultivo de flores no Estado do Ceará, bem como as estratégias que incentivaram a expansão do agronegócio: produção de flores.

Em seguida, o terceiro capítulo trata das potencialidades das áreas em estudo para o desenvolvimento floricultura cearense, como também as espécies cultivadas, os mercados consumidores, e são apontadas propostas de viabilidade ambiental e social.

Na seqüência, são apresentadas as Considerações Finais, a Bibliografia utilizada, o Apêndice e o Anexo.

## **CAPÍTULO 1 A FLORICULTURA SOB UM OLHAR GEOGRÁFICO**

Em seu sentido amplo, a floricultura abrange o cultivo de plantas ornamentais, desde flores de corte e plantas envasadas, floríferas ou não, até a produção de sementes, bulbos e mudas de árvores de grande porte. É um setor competitivo, que exige conhecimento técnico pelo produtor e sistema eficiente de distribuição e comercialização.

A floricultura nacional, até meados da década de 50, era pouco expressiva tanto econômica como tecnologicamente, caracterizando-se como atividade alternativa a outros setores agrícolas, e os principais cultivos localizavam-se nas regiões próximas às capitais do sudeste e sul do Brasil, não tendo quase expressão no contexto da agricultura nacional.

No início do século XX, a floricultura constituía-se principalmente do cultivo de flores nos jardins e quintais das residências, desempenhando função paisagística ou, quando aquelas eram colhidas, decorativa de lares, igrejas, oratórios, funerais.

Destacava-se, nesta época no Estado de São Paulo, a firma DIEBERGER, fundada em 1893, que embora praticando a floricultura como atividade paralela à fruticultura, seu forte, formou outros produtores de renome tais como os irmãos Boettcher, seus empregados até 1929 quando iniciaram seu próprio negócio, hoje a conhecida "Roselândia" e, no Estado do Rio de Janeiro, o "Orquidário Binot", em Petrópolis o mais antigo do Brasil, existindo desde a época do Império. (SILVEIRA, 1993a).

Com a especulação imobiliária, as chácaras e as grandes mansões foram sendo gradativamente substituídas por conjuntos residenciais, privando parte da população da possibilidade de cultivar flores para o seu consumo. Houve, desse modo, a necessidade de um suporte representado pelo cultivo em escala comercial de plantas ornamentais diversas para atender a demanda urbana que se ressentia da ausência da natureza viva.

Em 1969, com a inauguração do Mercado de Flores na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), começava a organização do comércio de flores e plantas ornamentais.

A iniciativa coube aos imigrantes portugueses. A princípio, a produção era pequena e visava abastecer o mercado em épocas definidas de intensa demanda como Dia das Mães, Dias dos Namorados, Finados e Natal. Com a ocorrência dos fluxos migratórios, o surgimento dos assentamentos e a diversificação das atividades dos imigrantes, a floricultura passou a apresentar os primeiros sinais de organização e crescimento. Assumindo este papel os italianos, alemães e principalmente os japoneses. Com a fundação, por imigrantes holandeses, da Cooperativa Agropecuária Holambra, em 1972, a atividade teve um novo e decisivo impulso.

Diante desse novo processo, que implicou no aumento da produção e dos sistemas de comercialização, os mercados vão se firmando.

Inicialmente os produtos eram vendidos em barracões armados em praças como no Rio de Janeiro (Centro) e São Paulo (Cantareira, Largo do Arouche, Praça Charles Miller) em locais sem a mínima infra-estrutura. E começava a expedição de pequenas quantidades de gladiolos, por meio ferroviário, a cidades cada vez mais distantes e aumentando, assim, tanto a demanda como a distribuição. (SILVEIRA, 1993b).

Com a organização implantada pela Cooperativa Agropecuária Holambra, imprimiu-se profissionalização ao comércio de flores e plantas ornamentais, pois os grupos de produção e os comerciantes emergidos dentro da Cooperativa uniram-se na comercialização.

Essa organização refletiu-se no aprimoramento das atividades desenvolvidas pelos demais produtores, de modo que o binômio quantidade produzida - qualidade do produto passou a ser mais bem atendido. O avanço do setor contribuiu para que, em 1979, fosse instituída a Sociedade Brasileira de Floricultura e Plantas Ornamentais. O grupo pequeno e disperso, todavia, dedicava-se à pesquisa científica e técnica para atender as demandas da área. Esse grupo de associados era constituído de pesquisadores, técnicos, produtores, estudantes, floristas e demais interessados. Após sua consolidação, são promovidos Congressos, Encontros e Reuniões, objetivando garantir a melhoria do setor.

Em função da floricultura no Brasil ter sido desenvolvida como alternativa a outros setores agrícolas e, muitas vezes, ser considerada como destinada à "produção de material supérfluo", existia a dificuldade em se encontrar material bibliográfico para consultas, especialmente no que diz respeito às práticas culturais.

Respondendo às demandas, o Estado introduziu no ensino a oferta de disciplinas.

O ensino, principal responsável pela capacitação de profissionais especializados, requisitados por esse campo de trabalho, teve grande incentivo a partir de 1986, através da Portaria do Ministério da Educação que estabeleceu a obrigatoriedade da inclusão da disciplina "Floricultura" no currículo mínimo das Faculdades de Agronomia do país. Onde, as pesquisas brasileiras em floricultura têm visado à solução de problemas referentes ao cultivo de espécies com grande potencial comercial sobre as quais, em sua maioria, existem insuficientes informações quanto à adequação de tecnologias de produção. (SILVEIRA, 1993c).

Percebe-se que os estudos, juntamente com os parceiros, favorecem ao crescimento da floricultura, por isso a abertura do *Veiling*, na Cooperativa Agropecuária Holambra, em 1991, sistema de comercialização moderno e transparente, que contribuiu para conduzir ao desenvolvimento da floricultura nacional.

Importante também foi a criação, através da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais, em 25 de fevereiro de 1992, congregando a iniciativa privada, representantes das instituições oficiais de ensino, pesquisa e extensão e representantes de agentes financeiros, marcando o início da organização do setor. Essa iniciativa transformou-se em fórum permanente, que estuda e discute os problemas referentes à floricultura em geral.

Essa Câmara tem por finalidade propor, apoiar e acompanhar as ações para o desenvolvimento da floricultura e abrange produção, comercialização interna, exportação, pesquisa, assistência técnica, serviços e insumos, estimulando novos produtores, instituições e Estados.

No Paraná, Pernambuco, Goiás, Santa Catarina, Ceará, Câmaras Setoriais começam a ser instituídas. Mostrando a importância de se trabalhar de forma organizada, colocando o interesse coletivo acima do individual, saindo do isolamento, rompendo fronteiras estaduais, federais e internacionais.

Seguindo o mesmo caminho, o Programa de Apoio à Produção e Exportação de Frutas, Hortaliças e Plantas Ornamentais (FRUPEX) está apoiando o subprograma de Fitossanidade, em São Paulo, que, além do controle de pragas e doenças de flores, frutas e hortaliças, inclui no seu monitoramento o treinamento de pessoal, a sistematização de informações e a formação de redes de laboratório para diagnóstico e edições de manuais fitossanitários, porque são atividades que requerem manejo qualificado e cuidados para que não haja transmissões de pragas e doenças.

Diante disso, a pesquisa em flores e plantas ornamentais deve atingir diretamente o produtor, para que este se convença da necessidade de tecnologias adaptadas às condições edafoclimáticas brasileiras, deixando de ser imediatista e passando a acreditar nas pesquisas que ajudem o desenvolvimento setorial.

Logo, a hora da floricultura é agora. Ela está deixando de ser um trabalho de diletantismo, crescendo tanto no referente à produção, como ao ensino e pesquisa. Estamos começando a formar uma tradição de Floricultura Brasileira, com alternativas e oportunidades tanto para os produtores, atacadistas/distribuidores, floristas como para os supermercados. (SILVEIRA, 1993d).

Portanto, esse rastro da modernização, que deixa o improvisado e avança na construção de uma nova cultura, agora profissionalizada, chega ao século XX, nas atividades agrícolas que conhecem ações contínuas de mudanças e globalização. Isto porque a revolução tecnológica atinge essa atividade, acompanhando as transformações dos demais setores econômicos.

Seu anterior “sistema de objetos e seu sistema de ações” (SANTOS, 1994a) foram substituídos, seja para o cultivo de plantas, seja para a criação de animais, uma vez que se mostravam incompatíveis com as novas formas de produção, distribuição e consumo, atingindo a organização de um novo modelo técnico, econômico e social de desenvolvimento agrícola. Este se baseia na incorporação da ciência, da tecnologia e da informação para aumentar e melhorar a



produção agropecuária, culminando em memoráveis transformações econômicas e, conseqüentemente, sócio-espaciais. A agricultura também se realiza de forma globalizada, se não na sua produção propriamente, através da sua circulação, distribuição e consumo, mostrando-se uma das atividades contagiadas pela revolução tecnológica.

A terra, o trabalho e o capital foram, durante séculos, os principais fatores da produção agrícola, mas a “incorporação de ciência, tecnologia e informação ao seu processo produtivo tem conduzido a horizontes jamais imaginados antes do Período Técnico-Científico” (SANTOS, 1994b).

Uma transformação importante é justamente a reorganização da relação entre esses três fatores tradicionais da produção, em razão disso, o aumento da extensão da área cultivada deixou de ser o fator exclusivo de crescimento da produção agrícola, uma vez que o uso intensivo de capital e tecnologia elevaram a produtividade do trabalho no setor. Um instrumento primordial para a modernização da agricultura foi o amplo emprego de máquinas, insumos químicos e biotecnológicos, fornecidos pela atividade industrial, provocando notáveis metamorfoses, seja na atividade humana voltada para a transformação da natureza, que sofreu um processo intenso de divisão do trabalho, seja na terra, que se transforma cada dia mais de “terra-matéria em terra-mercadoria”.

A rentabilidade do capital almejada pela economia globalizada tornou necessária a existência de formas mais eficazes de produção, transformando radicalmente as forças produtivas da agropecuária, visto que seus conjuntos técnicos anteriormente hegemônicos não condiziam com a racionalidade vigente no período tecnológico. A impossibilidade de controle do processo produtivo da agricultura, com estrutura extremamente dependente dos fatores naturais (clima, relevo, solo, temperatura, topografia, etc.), sempre representou limite para a acumulação ampliada no setor, uma vez que o tempo de produção é comumente superior ao tempo de trabalho.

Desta forma, um dos caminhos buscados pela pesquisa tecnológica voltada para o setor visou justamente a aproximação do seu processo produtivo com o funcionamento da indústria, parâmetro considerado ideal para obter maior

crescimento e acumulação. O progresso tecnológico na agricultura teve como intuito a produção de insumos artificiais, produzidos em escala industrial, capazes de substituir parte dos insumos naturais e, assim, ter maior controle sobre o ciclo biológico das plantas e dos animais, deixando-o menos vulnerável e, em consequência, capaz de responder mais positivamente às novas formas de produção, distribuição e consumo.

Com a difusão deste novo conjunto técnico na atividade agrícola, sua realização tornou-se crescente e dependente do processo científico-técnico de base industrial, minimizando a anterior vantagem relativa representada pela produção localizada nos melhores solos, nas topografias mais adequadas, entre outras. Aumentou, assim, a possibilidade de aproveitamento dos solos menos férteis e de ocupação intensiva de territórios antes desprezados para tal atividade.

Para Silva (1981: 44), “a produção agropecuária deixou de ser uma esperança ao sabor das forças da natureza para se converter numa certeza sob o comando do capital, perdendo a autonomia que manteve em relação aos outros setores da economia”.

Evidencia-se, assim, que todos os espaços do planeta são espaços da produção e das trocas globalizadas, inclusive os espaços agrícolas, os quais passam por inúmeras metamorfoses, uma vez que são extremamente susceptíveis de aceitação do capital tecnológico. Isto se deve, em grande parte, pelo fato de possuírem uma quantidade pequena de pedaços de tempo materializados, permitindo uma rápida difusão do capital novo, podendo responder rapidamente aos seus interesses. (ELIAS, 1999).

O Brasil é um dos países que reorganizou sua atividade agropecuária calcada em bases científico-técnicas. O tamanho continental de seu território, com extensas áreas pouco rugosas, aliado à forte concentração fundiária e à existência de parque industrial em expansão foram fatores favoráveis ao caleidoscópio de transformações que se processaram no setor agrícola.

A modernização da agricultura brasileira se realizou abalizada na racionalidade do sistema temporal, tendo seu funcionamento regulado pelas relações de produção e distribuição globalizadas, cada vez menos dedicada à subsistência, direcionando-se para atender à crescente demanda do mercado

urbano interno e à produção de produtos exportáveis, seja em estado bruto, seja passando por algum tipo de transformação industrial, aumentando seu valor adicionado.

O descompasso técnico e econômico entre as diferentes áreas e culturas agrícolas do país é notório. Concomitantemente convivem áreas e culturas com capacidades distintas de responder aos estímulos para a renovação das forças produtivas e da expansão do meio técnico-científico-informacional, apresentando acentuado contraste entre si, de acordo, ainda, com as formas e estruturas sócio-espaciais anteriores. Tudo isso acabou acarretando a transformação de funções historicamente exercidas por determinadas áreas de produção agrícola e por determinados produtos agrícolas, gerando nova e mais profunda divisão social e territorial do trabalho agrícola no Brasil. Nesta, ganham destaque as áreas que passam a produzir produtos agropecuários industrializados ou semi-industrializados, voltados em grande parte para a exportação, gerando situação de privilégio econômico a nova classe de empresários agrícolas e agroindustriais, com grande concentração de terras e de renda.

Com tais transformações, a agropecuária passou a ser um empreendimento totalmente associado à racionalidade do “período técnico-científico-informacional” (SANTOS, 2000), apresentando as mesmas possibilidades das demais atividades para a aplicação de capital e para obtenção de alta lucratividade, tornando-se mais competitiva, permitindo maior valorização dos capitais nela investidos, o que a aproximou da indústria, do comércio e dos serviços. A modernização da agropecuária privilegiou determinados segmentos sociais, econômicos e os espaços mais rapidamente suscetíveis a uma reestruturação sustentada pelas inovações científico-técnicas e pela globalização da produção e consumo. Acirrou-se, assim, a expansão das relações capitalistas de produção no meio rural, tendo sido conduzida de forma prejudicial à maioria da população rural, à organização do território e ao meio ambiente, promovendo desenvolvimento cada vez mais desigual no país.

Dentre os resultados mais desastrosos, destacar-se-ia a exacerbação da histórica concentração fundiária, com a expansão da propriedade privada no campo, ou, segundo Oliveira (1998), “com a monopolização da concentração da terra”. A

política fundiária do governo federal, concretizada pelo Estatuto da Terra, principal elemento da legislação agrária brasileira, propicia as condições favoráveis ao empreendimento capitalista na agricultura, acirrando o acesso privado ao solo agrícola.

Considerando que a terra é o meio de produção fundamental para a agricultura e não é suscetível de ser multiplicado, reproduzido ao livre-arbítrio do homem, a forma de sua apropriação é fundamental para as relações econômicas e sociais de produção que se estabelecem na agropecuária. A estrutura fundiária, ou seja, a forma como a terra está distribuída e apropriada, é um elemento determinante para o regime de exploração do solo agrícola e para as relações sociais de produção.

Uma vez que a propriedade fundiária privada constitui o elemento fundamental que separa os trabalhadores dos meios de produção na agropecuária, processam-se profundas transformações das relações sociais de produção, expandindo a proletarização do trabalhador agrícola e do trabalho assalariado no campo, reforçando a categoria do proletário agrícola, aumentando a sujeição real do trabalho ao capital.

Foi, no entanto, a partir de 1970, que uma crise começou a atingir o centro do sistema capitalista. Num plano geral, essa crise refere-se tanto às dimensões econômicas (consumo de massa, superprodução, queda na taxa de lucro, crise do petróleo) quanto às dimensões políticas (crise do Estado de Bem-Estar Social), enfim trata-se de uma crise do padrão de produção fordista.

No Brasil, após essa crise do modelo de desenvolvimento baseado nas “substituições das importações”, se instaura a reestruturação produtiva, a partir dos anos 1970. Mas, é nos anos 1990 que aquela ganha amplitude, com as inovações técnicas e organizacionais num caráter mais sistêmico, em todos os setores de atividades econômicas (indústria, comércio, serviços e agricultura), tendo conseqüências significativas para classe “que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2000).

O processo de reestruturação produtiva no Brasil se dá em dois momentos: inicialmente nos anos 1980, com a resistência do empresariado a métodos e técnicas e, posteriormente nos anos 1990,

com a abertura comercial e a necessidade de reestruturar para concorrer no mercado globalizado. (GOMES, 1996).

Druck procurou periodizar a implementação do modelo japonês no Brasil, que inspirou a reestruturação produtiva no país. A autora salienta que:

[...] a primeira fase ocorre na passagem dos anos 1970 para os anos 1980 e tem, na prática dos Círculos de Controle de Qualidade a forma mais difundida do modelo. O segundo momento, meados dos anos 1980, outras práticas japonesas surge *Just in time*, Programas de Qualidade Total e de Controle Estatístico de Processo, concentrou no complexo automotivo. E o terceiro período, começa nos anos 1990 – inaugurando a década da qualidade para todos os setores produtivos de bens de serviços, há uma verdadeira campanha para que as culturas gerenciais sejam substituídas por cultura de qualidade. (DRUK, 1999:102-103a).

Alves (2000a), “assevera que nos anos 90, a reestruturação produtiva ganha impulso”. As grandes empresas passaram a incorporar um conjunto de novas estratégias produtivas que atingiram, com maior integração, intensidade e amplitude, o mundo do trabalho. Esse novo patamar da ofensiva do capital na produção resultou em impactos expressivos sobre o mundo do trabalho no Brasil.

O processo de reestruturação produtiva no Brasil ocorre aos novos padrões de competitividade internacional, e as mudanças econômicas que ocorrem no país, a recessão, o desemprego, a crise do padrão industrial baseado no desenvolvimentismo, culminaram com a política de abertura econômica, inspirada no neoliberalismo.

A crise do mercado interno implicou em “pressão” para exportações, obrigando as empresas a adotarem novos padrões de qualidade, a buscarem inovações tecnológicas e uma nova gestão da mão-de-obra, ou seja, novos requerimentos de qualificação para os trabalhadores, novas técnicas organizacionais, associados à “estratégia de maior integração entre concepção e execução da produção e, ainda, estimulada por estratégias que permitam maior envolvimento dos trabalhadores e compromisso com os interesses específicos dos clientes e, portanto, da empresa”, conforme (CARLEIAL, 1997:297), visando à busca de qualidade e produtividade.

Leite (1994: 573-574) ressalta que:

[...] a partir da entrada da nova década, dois fatores colaboraram para empurrar as empresas em direção a uma estratégia inovadora mais efetiva. Por um lado, o aprofundamento da crise econômica a partir de 1990 diminuiu brutalmente o mercado interno, forçando as empresas a se voltar para o exterior; por outro lado, a política de abertura adotada pelo governo Collor obrigou as empresas a melhorar suas estratégias de produtividade e qualidade para fazer frente à concorrência internacional. Nesse novo contexto, as empresas se viram pressionadas a investir de maneira mais firme na modernização de sua produção, gerando uma verdadeira epidemia de competitividade, em meio à qual muitos industriais optaram por adquirir ao Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, lançado pelo Governo em 1990.

Nessa perspectiva, Druck (1999:103b) salienta que o processo de “globalização dos mercados, a exigência de novas práticas de gestão empresarial e de inovações tecnológicas, colocando em seu centro a qualidade, têm obrigado as empresas, no mundo inteiro, a se reciclarem para enfrentar a concorrência”. Além das novas bases de competitividade há outros fatores de caráter mais geral que, segundo os empresários brasileiros, também pressionaram as empresas para transformações organizacionais: a recessão econômica e o processo inflacionário no país. Trata-se, portanto, de buscar meios para sobreviver à crise.

Essas mudanças promoveram a desintegração - desarticulação da cadeia produtiva acarretando a "destruição" de parte significativa da estrutura produtiva e do emprego, ao invés de gerá-los. De um lado, houve falência, fusões, aquisições de empresas, privatizações contribuindo para redução dos postos de trabalhos, do outro lado, as empresas buscavam se adaptar às novas exigências de competitividade, para aumentar a produtividade e a qualidade dos produtos.

Sendo assim, tais mudanças alteraram substancialmente a organização do trabalho contribuindo para com a degradação do trabalho<sup>2</sup> e para surgimento de um “novo e precário mundo do trabalho” (ALVES, 2000b). Além disso, contribuiu para a crise do sindicalismo, pois a classe trabalhadora fragmentou-se e precarizou-se.

As mudanças paradigmáticas iniciaram-se na segunda metade do século XX, quando se assistia ao acelerado processo de globalização do capital, pensado,

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Braverman (1987) ao se referir às mudanças na organização de produção e do trabalho provenientes da Segunda Revolução Industrial.

articulado e comandado pelos países mais ricos do mundo, pela explosão tecnológica da terceira revolução, pela ascensão do neoliberalismo, pela substituição do sistema de gestão da produção e trabalho taylorista fordista pelo toyotismo, isto é, a suplantação de um sistema hierarquizado e inflexível por um mais flexível, polivalente e com crescente nível de automação dos meios de produção<sup>3</sup>.

O neoliberalismo, a globalização e as tecnologias da terceira revolução industrial, científica e tecnológica são os precursores da fase vivida pelo sistema capitalista de produção. Por estar inserida no processo de reestruturação do capitalismo, a tecnologia da informação vem revolucionando os meios de transmissão de informações e de novos conhecimentos, fazendo com que o recém-concebido século XXI, já seja denominado de “século da informação e do conhecimento”<sup>4</sup>.

Há uma premente necessidade de quebra, de desmoronamento da estrutura construída no passado para remontar uma nova ordem espacial; como se refere Soja:

[...] a reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a noção de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação seqüencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição [...] (SOJA, 1993:193).

O espaço é a expressão mais significativa dessa mudança. Nesse aspecto, a cidade é o lugar de maior demonstração do espaço reconstruído e criador de extensores capazes de vincular diferentes pontos, proporcionando a abertura de novos mercados que oferecem meios para a nova ordem que se constrói.

Sabe-se que a ciência, a técnica e a informação, como as fortes matrizes das forças produtivas, são monopolizadas pelas grandes corporações, cujas tendências se voltam para o controle do trabalho e para o controle do consumo.

---

<sup>3</sup> Reorganização Produtiva Mundial no Período pós-guerra. Visto em: KURTZ, Roberto, In: O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise econômica mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>4</sup> Processo de Produção num Contexto de uma Economia Globalizada. Pode ser visto em: SANTOS, Milton, In: Por uma outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Para reestruturar o espaço, exigem-se novos objetos, que respondam aos fluxos cada vez mais acelerados pelas contingências necessárias à reprodução de um capital mais ávido e mais faminto. “Tão faminto que, numa eterna contradição, necessita destruir para reedificar, numa dança infernal de construção e destruição, o que dera origem à tese da destruição criativa” (LIMA, 2002b).

Que as mudanças no espaço sempre ocorreram, sabe-se, pois "a história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno" (SANTOS, 1994:17c). Mas o que chama a atenção é a contínua e permanente mudança que se faz com uma forte voracidade. Essa nova realidade conduz a tomar os níveis de modernização de cada lugar como balizamento para entender o enquadramento de cada um deles na totalidade vivenciada.

No Brasil, diante da conjuntura que se instaura, o Nordeste ressurgiu como recanto pleno de potenciais de atração de investimentos. A própria natureza é revalorizada, se não tecnificada, ora por ingerência direta, ora por propaganda político-ideológica como a da metáfora "sol inclemente" transformando-se em "sol benéfico", revestindo-se de valor de troca para o novo modo de acumulação.

Essa redefinição está muito vitalizada no Estado do Ceará, em que é forte a atração de capital externo, implantando-se com as inovações de última geração. Marginalizam-se as tradições à medida que se erigem o que a racionalidade técnica determina, em proveito da reconstrução de um modo de acumulação que procura convergir para si novos territórios da produção e do consumo.

Relacionando-se os investimentos aportados nesse subespaço do Brasil, tem-se como certa a lógica de integrá-lo no contexto da modernidade, isto é, em torná-lo um componente territorial capaz de ser evidenciado no cenário da competitividade mundial.

O Estado assume seu papel na preparação do cenário para a reprodução do capital:

No orçamento federal brasileiro de 1997, perto de US\$ 300 milhões ou 7,12% do total, foram transferidos para investimento no Ceará. Até o final do século XX, os investimentos federais no Estado ultrapassaram os três bilhões. Demais parcelas foram concedidas por



órgãos de fomento da Alemanha, Japão, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). (informação verbal)<sup>5</sup>.

São recursos destinados a criar infra-estrutura, à reestruturação do espaço com os objetos necessários às ações do capital hegemônico, pois somente estes são capazes de enfrentar os “desafios da globalização”. Esta correlação força os lugares a hospedarem os grandes objetos, se desejam inserir-se na nova mundialização, ou seja, na nova divisão internacional do trabalho. Esta mundialização exige ações hegemônicas, daí ser ela “caracterizada pela unicidade técnica, e com esta a unicidade do tempo ou simultaneidade e a unicidade do motor ou a globalização da mais-valia” (SANTOS, 1996:76a) não muito difere estar em Taiwan ou no Chile, no Ceará ou na Coréia.

Com a expansão do meio-técnico-científico-informacional priorizando algumas áreas seletivas do Nordeste brasileiro, a partir dos anos 80 do século XX, o Estado do Ceará, que durante séculos teve sua estrutura produtiva baseada na pecuária extensiva (bovinos, caprinos, ovinos), agricultura de subsistência (algodão, milho e mandioca) e no extrativismo vegetal (cera da carnaúba e castanha do caju), passa a merecer atenção dos atores hegemônicos nacionais e internacionais do agronegócio, com vistas a inserir o Estado dentro da produção globalizada.

A partir desse período, o discurso do atraso, da miséria, advindo dos azares climáticos, passam a ser substituídos pelas elites dominantes, pelo discurso da modernidade, da globalização, do liberalismo econômico e do desenvolvimento sustentável. A ideologia do “novo”, do “moderno” passa a ser difundida por alguns setores da administração pública, das oligarquias industriais e do grande capital, que ora dominam as esferas do poder no Estado. Para esses interventores, a ciência e tecnologia se tornam capazes de suplantar todos os problemas de ordem ambiental.

Portanto, a revolução técnico-científico-informacional na agropecuária cearense modifica a cadeia produtiva, “conjunto de componentes interativos, incluindo os sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços, indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, além de

---

<sup>5</sup> Informação obtida através de entrevista realizada, na capital cearense, em atividade de campo, em outubro de 2005, junto à Engenheira Agrônoma, Neiliane Santiago Sombra Borges, Técnica da Gerência da SEAGRI - CE, representante da entidade pública.

consumidores finais" (CASTRO, 1998a), na qual a produção econômica "deixa de ser uma exclusividade (uma) esperança ao sabor das forças da natureza para se converter numa certeza sob o comando do capital" (SILVA, 1996).

Dessa forma, algumas faixas do território cearense não escapam da adoção de diversas estratégias para responder à lógica da produção globalizada, passando a participar dos circuitos espaciais globalizados da produção agrícola. Nesse processo de reestruturação produtiva três vetores de modernidade (turismo, agronegócio e indústria), matizes do desenvolvimento econômico moderno, passam a receber atenção especial, por parte do Estado e do grande capital nacional e internacional, com vistas à acumulação do capital, o que propicia no espaço geográfico uma articulação do local com o global.

"Diante do processo de modernização da economia do Ceará, além da intervenção do grande capital privado, presenciamos a forte presença do Estado como gestor" (ELIAS, 2002:22) na intervenção do espaço geográfico, modificando sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências, em suas relações, através da "construção no território de um conjunto de objetos e ações com vistas a fornecer subsídios ao grande capital monopolista" (SANTOS, 1996b).

O agronegócio constitui-se, dentro dessa perspectiva de reestruturação produtiva cearense, como um dos mais importantes vetores de modernidade, para impulsionar o desenvolvimento econômico do Estado. Agronegócio, neste estudo, é compreendido, segundo Cruvinel (2000:1):

[...] como conceito que procura guardar a mesma categorização para o conceito de *agribusiness*, o qual soma as operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, as operações de produção nas unidades agrícolas, o armazenamento, processamento e a distribuição dos produtos agrícolas, e os itens produzidos a partir deles.

Para isso, passam a ser peças-chave, na prioridade dos investimentos, três áreas do território que são estrategicamente selecionadas: os vales úmidos, as serras úmidas e o litoral. Os vales úmidos para desenvolvimento da fruticultura irrigada; as áreas serranas para o cultivo de flores; a aqüicultura com relevância para criação de camarão em cativeiro, nas áreas litorâneas.

As exportações cearenses do agronegócio somam US\$ 600,4 milhões em 2003, o que representa 78,9% das vendas externas totais do Estado. Doze produtos aparecem com maior potencial competitivo e respondem, em conjunto, por cerca de 50% dos negócios (Tabela 1).

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES CEARENSES DO AGRONEGÓCIO – 2003

12 principais agronegócios	2003	Participação 2003 %	2003	
	US\$ milhões		CE/NE(*)	CE/NE(**)
1º Castanha de Caju	109,9	29,3	1º	1º
2º Peles e Couros	107,4	28,6	1º	3º
3º Camarões	80,9	21,6	1º	1º
4º Lagostas	30,7	8,2	1º	1º
5º Frutas	21,2	5,7	4º	8º
6º Cera de Carnaúba	10,5	2,8	1º	1º
7º Mel de Abelhas	5,6	1,5	2º	4º
8º Sucos de Frutas	4,1	1,1	1º	2º
9º Extratos Vegetais	2,3	0,6	1º	2º
10º Flores	1,1	0,3	1º	2º
11º Peixes	0,8	0,2	4º	10º
12º Pimenta	0,6	0,2	1º	1º
A-Total 12 Principais Agronegócios	375,1	100,0		

Fonte: SECEX, 2004.

(\*) Classificação do Ceará nas exportações Nordestinas.

(\*\*) Classificação do Ceará nas exportações Brasileiras.

Dos 12 produtos acima, nove lideram as exportações nordestinas. A castanha de caju responde por 29,3% das exportações, enquanto as peles e couros e o camarão por 28,6% e 21,6%, respectivamente. Estes três itens totalizam 79% das exportações. Alguns produtos tiveram aumentos substanciais como é o caso das flores (146,2% das flores e produtos da floricultura).

Em 2005 o Ceará não só manteve a liderança nas exportações de produtos tradicionais, castanha de caju, camarão, lagosta, cera de carnaúba, como passou a figurar entre os principais exportadores de flores, mel, sucos de frutas e couros e peles. Os crescentes investimentos em capacitação, assistência técnica e crédito rural, por sua vez vêm se desdobrando rapidamente em geração de emprego e renda, conferindo nova feição à economia de muitas cidades do interior. Entre 1999 e 2005, o valor bruto da produção agropecuária evoluiu de R\$ 1,61 bilhão para R\$ 3,15 bilhões. As exportações de frutas e flores dos pólos de irrigação, por exemplo, saltaram de US\$ 1,9 milhão, em 1999, para US\$ 44,6 milhões em 2005. E esse volume tende a dobrar nos próximos quatro anos. (JÚNIOR F., 2006).

A percepção dessas mudanças, a partir dos centros de decisão do capital, no início do século XXI, incita uma época em que o Ceará se insere na onda que se insufla, que não é o fim da história, mas o começo pela busca da melhoria de vida para a sociedade, que também constrói a história.

## 1.1 O Mercado de Flores no Mundo

“O mercado mundial de flores e plantas ornamentais gera negócios que ultrapassam 100 bilhões de dólares ao ano, considerando toda a cadeia produtiva e a produção mundial ocupa uma área estimada de 190.000 hectares” (CASTRO, 1998b).

"A produção e comercialização de flores e plantas ornamentais nos países de primeiro mundo movimentam bilhões de dólares, recebendo a conotação de *'flowerindustry'*" (MATSUNAGA, 1997a). Essa denominação é apropriada porque envolve, profissionalmente, todos os segmentos da cadeia produtiva, que vai dos insumos envolvidos na produção aos agentes da intermediação e varejo, até chegar ao consumidor final. Essa indústria é importante da perspectiva do consumo de flores cortadas no mundo, podendo dar dimensão da importância relativa entre países consumidores.

A floricultura é explorada em diversos países, principalmente na Europa. Destacam-se como principais produtores europeus Holanda, Itália, Dinamarca, Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Suíça, Bélgica, Suécia, Finlândia e Hungria; na Ásia, sobressaem-se o Japão e a China; na América do Sul, os líderes são Colômbia, Equador e Brasil (Tabela 2).

Em 2001, a China, país do continente asiático, apresentava 80.000 hectares, dominando metade da produção mundial, sendo considerada o maior produtor em área cultivada. No continente europeu, a Holanda, no mesmo período, possuía 6.121 hectares de área cultivada, com 11.300 produtores, e assume a categoria de maior centro distribuidor de flores do mundo. Na América do Sul, a Colômbia, também em 2001, detinha 4.700 hectares destinados à floricultura com 7.300 produtores.

TABELA 2 – PRINCIPAIS PRODUTORES MUNDIAIS DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS – 2001

PAÍSES	ÁREA (hectares)	%
1º China	80.000	53,30
2º Japão	30.000	19,99
3º Itália	7.000	4,66
4º Holanda	6.121	4,08
5º Reino Unido	5.800	3,86
6º Brasil	4.850	3,23
7º Colômbia	4.700	3,13
8º Espanha	3.521	2,35
9º Alemanha	2.544	1,69
10º Equador	2.300	1,53
11º Dinamarca	416	0,28
12º Suíça	337	0,22
13º Suécia	266	0,18
14º Bélgica	228	0,15
15º Finlândia	68	0,05
16º Hungria	48	0,03
Total	150.089	100,00

Fonte: *Floraculture International*, 2002.

O Brasil, no referido ano, ocupava o sexto lugar em produção, com 4.850 hectares, buscando melhorar sua participação no mercado mundial com o cultivo de flores tropicais<sup>6</sup> e temperadas<sup>7</sup>.

A Holanda e a Colômbia são considerados os dois maiores exportadores mundiais (Tabela 3). Em 2001, a Holanda era exportadora de 56,6% da produção com flores de corte. E a Colômbia, o segundo maior exportador mundial, com valores da ordem de US\$ 525 milhões.

Na Holanda encontram-se grandes cadeias de distribuição para toda a Europa, além dos leilões eletrônicos, que constituem o principal meio de comercialização de flores, folhagens e plantas ornamentais para todo o mundo.

<sup>6</sup> De clima tropical, com forma e cor exótica. Dentre as principais espécies comercializadas estão alpinia, antúrio e helicônia. (AKI, 1997).

<sup>7</sup> Preferencialmente cultivadas em clima frio, em locais como as serras, são também denominadas de tradicionais. Destaca-se entre as espécies mais comercializadas a rosa, gérbera e crisântemo. Nos países tropicais são cultivadas em estufas ou em ambientes livres de acordo com condições climáticas adequadas. (Idem, 1997).

TABELA 3 – MERCADO MUNDIAL DE FLORES DE CORTE, POR VALOR (CIF)  
1997 – 2001

Exportadores	Valor(*) 1997	Part. %	Valor(*) 1998	Valor(*) 1999	Valor(*) 2000	Valor(*) 2001	Part. %
Exportações Mundiais	3.351,7	100	3.565,5	3.026,7	3.445,0	3.716,8	100
1º Holanda	2.147,4	64,1	2.241,6	1.744,2	1.995,9	2.102,2	56,6
2º Colômbia	387,1	11,5	442,1	462,3	483,4	525,0	14,1
3º Israel	145,9	4,4	148,2	134,8	152,5	158,7	4,3
4º Quênia	53,6	1,6	63,2	68,4	85,8	103,5	2,8
5º Equador	22,1	0,7	31,7	44,0	63,1	102,2	2,7
6º Itália	113,2	3,4	115,4	78,8	86,8	92,3	2,5
7º Tailândia	75,5	2,3	74,5	73,5	76,9	80,5	2,2
8º Espanha	70,3	2,1	65,4	47,4	59,5	60,0	1,6
9º Zimbábue	16,6	0,5	29,5	29,7	36,8	51,9	1,4
10º França	31,9	1,0	33,9	29,2	35,3	39,6	1,1
11º Nova Zelândia	17,1	0,5	20,5	23,4	33,8	37,1	1,0
12º Malásia	11,5	0,3	18,6	24,2	31,3	29,7	0,8
13º Estados Unidos	23,0	0,7	29,6	31,1	30,4	28,6	0,8
14º México	18,8	0,6	15,5	17,2	18,5	27,9	0,8
15º Costa Rica	15,0	0,4	16,7	18,5	22,6	23,3	0,6
16º Cingapura	17,8	0,5	22,9	22,7	22,8	22,7	0,6
17º Bélgica-Luxemburgo	6,6	0,2	8,4	8,6	16,7	21,6	0,6
18º Austrália	16,8	0,5	15,6	16,7	19,8	20,6	0,6
19º Alemanha	16,9	0,5	17,9	20,6	18,6	20,0	0,5
20º Marrocos	15,0	0,4	16,5	14,9	15,6	17,4	0,5
21º África do Sul	16,1	0,5	15,9	14,9	15,5	16,4	0,4
22º Reino Unido	15,3	0,5	16,8	9,9	13,6	15,9	0,4
23º Turquia	12,6	0,4	13,5	13,1	13,6	13,0	0,3
24º Índia	2,0	0,1	2,5	2,5	5,6	11,4	0,3
25º Guatemala	5,1	0,2	7,2	7,2	9,8	10,7	0,3
26º Maurício	5,4	0,2	5,8	5,6	5,4	6,7	0,2

Fonte: *Floraculture International*, 2002.

(CIF) Custo, Seguro e Frete.

(\*) Valores em milhões de dólares.

A Alemanha, em 2001 era o maior país importador mundial de flores, respondendo por 23,5% das importações mundiais. Os Estados Unidos ocupava a segunda colocação com US\$ 1.071 bilhões em importação. O Japão, com 13% de sua área agricultável, ocupava a nona posição apresentando US\$ 234 milhões em importação (Tabela 4).

TABELA 4 – IMPORTAÇÃO MUNDIAL DE FLORES – 2001

PAÍSES	VALOR US\$ X 1000	PARTICIPAÇÃO
1º Alemanha	1.869.988,00	23,5%
2º Estados Unidos	1.071.977,00	13,5%
3º França	817.147,00	10,3%
4º Grã-Bretanha	809.223,00	10,2%
5º Holanda	739.869,00	9,3%
6º Suíça	319.411,00	4,0%
7º Itália	311.039,00	3,9%
8º Bélgica/Luxemburgo	265.432,00	3,3%
9º Japão	234.821,00	2,9%
10º Áustria	219.470,00	2,8%
11º Canadá	168.813,00	2,1%
12º Suécia	146.105,00	1,8%
13º Dinamarca	140.653,00	1,8%
14º Espanha	108.200,00	1,4%
15º Noruega	86.515,00	1,1%
16º Brasil	5.500,00	0,1%
Outros	652.866,00	8,2%
Total	7.967.028,00	100,00%

Fonte: *Floraculture International*, 2002.

Países como Equador, Colômbia e Costa Rica, estão dependendo de certificação ambiental para ter aceitação internacional. É o que indicam as negociações destes países em busca da certificação fornecida pelo Programa Selo Verde (*Flower Label Program*) da Alemanha. (CASTRO, 1998c).

Os mercados norte-americano e europeu estão exigindo dos exportadores as certificações ISO 9.000 e 14.000.

Para um país como o Equador a exportação de flores já representa uma das cinco fontes principais de divisas, com valores que ultrapassam os US\$ 130 milhões de dólares por ano. Na Colômbia pelo menos 150 empresas exportadoras estão participando de um programa de melhoramento ambiental, incluindo a redução de uso de pesticidas, e apoio social aos trabalhadores. (MATSUNAGA, 1997b).

Com a evolução do comércio internacional de mercadorias, tornou-se necessária a criação de um sistema que pudesse facilitar o processo de troca comercial entre as nações, bem como conhecer a movimentação das mercadorias florísticas, entre outras, no mundo, independentemente de diferenças lingüísticas ou culturais, uma espécie de "linguagem aduaneira comum" aceita em todo o mundo.

O Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, ou simplesmente Sistema Harmonizado (SH), é um método internacional de classificação de mercadorias, baseado em



uma estrutura de códigos e respectivas descrições. (PLANEJANDO..., 2003a).

Esse Sistema foi criado para promover o desenvolvimento do comércio internacional, assim como aprimorar a coleta, a comparação e a análise das estatísticas, particularmente as do comércio exterior. Além disso, o Sistema Harmonizado (SH) facilita as negociações comerciais internacionais, a elaboração das tarifas de fretes e das estatísticas relativas aos diferentes meios de transporte de mercadorias e de outras informações utilizadas pelos diversos órgãos intervenientes no comércio internacional, que também envolve o mercado da floricultura.

A composição dos códigos do SH, formado por seis dígitos, permite que sejam atendidas as especificidades dos produtos, tais como origem, matéria constitutiva e aplicação, em um ordenamento numérico lógico, crescente e de acordo com o nível de sofisticação das mercadorias.

A Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) adota uma sistemática de classificação com base no SH. Está dividida em 21 seções e 96 capítulos. A NCM/SH utiliza código composto de 8 dígitos, sendo que os 6 primeiros acompanham a nomenclatura internacional do SH. (Ibidem..., 2003b).

A classificação na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) posiciona a mercadoria para todos os efeitos relativos ao comércio exterior, como, por exemplo, o tratamento administrativo, a incidência de tributos, os incentivos existentes, os contingenciamentos, a inclusão em acordos internacionais. Facilita a comercialização, a análise e comparação das estatísticas dos diversos países, inclusive do setor de flores e plantas ornamentais (Quadro 1).

A expansão do consumo, no setor mundial de flores, tem sido proporcionada pelo aumento da demanda individual, devido ao maior poder aquisitivo; por ser um meio de expressar afetividade; pelo sistema de distribuição; interesse por arranjos, pois as pessoas estão preocupadas com a qualidade de vida, e as flores causam efeito psicológico positivo nas pessoas, além de darem ambientação diferenciada as decorações.

QUADRO 1 – NOMECLATURA DO SETOR DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS (NCM/SH)*	
06.01	Bulbos, tubérculos, raízes tuberosas, rebentos e rizomas, em repouso vegetativo, em vegetação ou em flor; mudas, plantas, raízes de chicória
0601.10.00	Bulbos, tubérculos, raízes tuberosas, rebentos e rizomas, em repouso vegetativo
0601.20.00	Bulbos, tubérculos, raízes tuberosas, rebentos e rizomas, em vegetação ou em flor; mudas, plantas e raízes de chicória
06.02	Outras plantas vivas (incluídas as suas raízes), estacas e enxertos; micélios de cogumelos
0602.10.00	Estacas não enraizadas e enxertos
0602.20.00	Árvores, arbustos e silvados, de frutos comestíveis, enxertados ou não
0602.30.00	Rododendros e azaléias, enxertados ou não
0602.40.00	Roseiras, enxertadas ou não
0602.90	Outros
0602.90.10	Micélios de cogumelos
0602.90.2	Mudas de plantas ornamentais
0602.90.21	De orquídea
0602.90.29	Outras
0602.90.8	Outras mudas
06.03	Flores e seus botões, cortados para buquês ou para ornamentação, frescos, secos, branqueados, tingidos, impregnados ou preparados de outro modo
0603.10.00	Frescos
06.04	Folhagem, folhas, ramos e outras partes de plantas, sem flores, nem botões de flores, e ervas, musgos e líquens, para buquês ou para ornamentação, frescos, secos, branqueados, tingidos, impregnados ou preparados de outro modo
0604.10.00	Musgos e líquens
12.09	Sementes, frutos e esporos, para semeadura
1209.30.00	Sementes de plantas herbáceas cultivadas especialmente pelas suas flores

Fonte: (PLANEJANDO..., 2003).

(NCM/SH)\* Nomenclatura Comum do Mercosul/ Sistema Harmonizado.

A atividade exportadora, no setor da floricultura, tem proporcionado os seguintes benefícios:

Geração do aumento de renda e trabalho; aperfeiçoamento do processo produtivo; acesso às variedades melhoradas; facilidade de contato e acesso às empresas internacionais de primeiro escalão; desenvolvimento do melhoramento genético e tecnologias nacionais; redução da carga tributária; redução da dependência de mercado interno. (VANTAGENS..., 2003).

Essa situação tem exigido do exportador trabalho de análise de tendências dos consumidores, para identificação das melhores oportunidades, e das

plantas ornamentais e flores, que estão em evidência, pois o mercado internacional da floricultura caracteriza-se por ser diversificado e sujeito a modificações.

## 1.2 O Brasil no Mercado Internacional de Flores

Embora sem tradição no mercado internacional de flores, o Brasil vem ampliando aos poucos a sua participação com vendas para países da Europa e da Ásia, além dos Estados Unidos. Historicamente, a produção brasileira era concentrada nas regiões Sul e Sudeste. Um dos motivos que explicam esta mudança de comportamento é o aumento da oferta de flores da região Nordeste.

“Depois de um longo período de estagnação na década de 90, a exportação de flores voltou a registrar desempenho positivo, com aumento de 30% em 2003 e 21% em 2004, quando somou 23 milhões de dólares” (KIYUNA; ÂNGELO; COELHO, 2005).

As exportações foram sustentadas, em 2004, pelo segmento das Flores Frescas de Corte, com vendas externas da ordem de US\$ 4.877 milhões e crescimento de 87,23% sobre 2003. O segmento consolidou definitivamente a sua presença no mercado norte-americano, para onde foram exportados US\$ 2.919 milhões, com crescimento de 54,74% sobre o período de janeiro a dezembro de 2003 (Quadro 2).

Constatou-se, também, forte crescimento da penetração das flores frescas brasileiras no mercado holandês, com vendas superiores em mais de 3 vezes o resultado obtido em 2004. Foram notáveis, também, os crescimentos das vendas das flores e botões frescos para Portugal (+118,75%), além da abertura comercial ou consolidação da presença nos novos mercados da Itália, Reino Unido, Canadá, Espanha, Chile, Alemanha, Suíça e Emirados Árabes. (JUNQUEIRA; PEETZ, 2005).

QUADRO 2 – BRASIL: EXPORTAÇÕES DE FLORES E SEUS BOTÕES, FRESCOS, CORTADOS PARA BUQUÊS, POR PAÍS DE DESTINO, JANEIRO A DEZEMBRO DE 2003 E 2004			
Destino	Exportações jan. a dezembro 2003 (US\$) (A)	Exportações jan. a dezembro 2004 (US\$) (B)	Participação no total exportado %
EUA	1,886,303	2,918,898	59,85
Países Baixos (Holanda)	427,763	1,450,851	29,75
Portugal	84,514	184,874	3,79
Argentina	134,508	68,464	1,40
Itália	5,817	65,189	1,34
Reino Unido	1,244	63,014	1,29
Canadá	6,822	59,983	1,23
Chile	1,420	25,829	0,53
Uruguai	40,707	15,863	0,33
Espanha	1,157	7,150	0,15
França	3,709	6,057	0,12
Emirados Árabes Unidos	-	4,625	0,09
Alemanha	194	4,612	0,09
Suíça	10,810	1,756	0,04
TOTAL	2,604,968	4,877,165	100,00

Fonte: SECEX, 2005.

Em 2004, oito parceiros comerciais compraram o equivalente a 93% do valor da exportação com produtos da floricultura brasileira (Quadro 3).

QUADRO 3 - PARTICIPAÇÃO DO VALOR DA EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS DA FLORICULTURA BRASILEIRA POR DESTINO EM 2004 (%)	
Holanda	51
EUA	19
Itália	11
Japão	04
Reino Unido	02
Alemanha	02
Dinamarca	02
Uruguai	02
Outros países	07

Fonte: SECEX, 2005.

O valor das exportações dos produtos da floricultura brasileira encerrou o ano de 2005 com US\$ 25,8 milhões, uma variação positiva de 9,4% em relação a 2004 (Tabela 5).

O menor desempenho recente da floricultura brasileira na conquista de fatia do mercado internacional é minimizado pelo fato de a

expansão anual já ocorrer de maneira ininterrupta desde 2001, em que pese também a contínua valorização cambial que aconteceu desde julho de 2004. Tomando como base o ano de 2000, quando o valor exportado foi de US\$ 11,9 milhões, houve crescimento de 117,3% até 2005. (KIYUNA; ÂNGELO; COELHO, 2006).

O valor das importações em 2005 (US\$ 5,6 milhões) teve variação negativa de 16,6% em comparação com o de 2004. O saldo comercial terminou o ano com superávit e crescimento de US\$ 20,2 milhões, representando incremento de 19,7% (Tabela 5).

TABELA 5 – BALANÇA COMERCIAL DOS PRODUTOS DE FLORICULTURA – 2004 E 2005 (MILHÃO DE US\$ FOB)

	2004	2005	Var. %
Exportação	23,6	25,8	9,4
Importação	6,7	5,6	-16,6
Saldo	16,9	20,2	19,7

Fonte: SECEX, 2006.  
(FOB) Livre a Bordo.

Em 2005, as exportações brasileiras tiveram como destino 34 países, dos quais dois parceiros comerciais, Holanda e Estados Unidos absorveram 71,7% do valor das vendas ao exterior (Tabela 6).

A Holanda continua como destino principal dos produtos da floricultura brasileira em termos de valor comercializado (US\$ 11,97 milhões), respondendo por 46,4% do total e pelo crescimento de 2,5% em relação ao período anterior. Os Estados Unidos aparecem em segundo lugar, com US\$ 6,5 milhões (25,3% da fatia) e crescimento de 27%. Outros destinos de destaque em termos de volume são Itália, Japão e Bélgica, que representam, respectivamente, 9,7%, 4,4% e 2,6% da fatia total.

TABELA 6 – EXPORTAÇÃO DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA BRASILEIRA, POR PAÍS DE DESTINO, 2004 E 2005

Países	Ano 2004			Ano 2005			Variação (%) 2005/04
	US\$ FOB	Ranking	Part.(%)	US\$ FOB	Ranking	Part.(%)	
Holanda	11.683.791	1	49,5	11.970.347	1	46,4	2,5
Estados Unidos	5.137.431	2	21,8	6.526.956	2	25,3	27,0
Itália	2.194.152	3	9,3	2.509.946	3	9,7	14,4
Japão	1.179.884	4	5,0	1.141.213	4	4,4	-3,3
Bélgica	429.069	7	1,8	668.021	5	2,6	55,7

Alemanha	484.896	6	2,1	410.998	6	1,6	-15,2
Espanha	200.935	11	0,9	392.515	7	1,5	95,3
Dinamarca	391.050	8	1,7	288.320	8	1,1	-26,3
Uruguai	327.817	9	1,4	279.947	9	1,1	-14,6
Canadá	171.865	12	0,7	278.497	10	1,1	62,0
Portugal	284.980	10	1,2	274.732	11	1,1	-3,6
Reino Unido	524.590	5	2,2	257.939	12	1,0	-50,8
Argentina	149.790	13	0,6	174.445	13	0,7	16,5
México	119.473	14	0,5	132.726	14	0,5	11,1
França	28.957	18	0,1	118.556	15	0,5	309,4
Polônia	-	-	-	97.967	16	0,4	-
Chile	72.495	15	0,3	70.286	17	0,3	-3,0
Suíça	16.599	22	0,1	49.113	18	0,2	195,9
China	14.393	23	0,1	33.635	19	0,1	133,7
Taiwan	4.593	28		33.360	20	0,1	626,3
Bolívia	475	35	0,0	22.000	21	0,1	4.531,6
Venezuela	13.286	24		16.692	22	0,1	25,6
Hungria	-	-	-	14.505	23	0,1	-
Costa Rica	-	-	-	13.320	24	0,1	-
Hong Kong	23.925	19	0,1	12.791	25	0,0	-46,5
Rússia	1.625	30	0,0	10.028	26	0,0	517,1
Angola	17.919	21	0,1	9.479	27	0,0	-47,1
Coréia do Sul	19.519	20	0,1	6.796	28	0,0	-65,2
República Tcheca	420	36		3.235	29	0,0	670,2
Ilhas Cayman	-	-	-	1.215	30	0,0	-
Tailândia	641	33	0,0	1.100	31	0,0	71,6
Suriname	-	-	-	680	32	0,0	-
Cabo Verde	-	-	-	673	33	0,0	-
Guatemala	-	-	-	500	34	0,0	-
Paraguai	37.250	16	0,2	-	-	-	-100,0
Emirados Árabes	35.842	17	0,2	-	-	-	-100,0
Índia	12.000	25	0,1	-	-	-	-100,0
Israel	11.910	26	0,1	-	-	-	-100,0
Paquistão	11.771	27	0,0	-	-	-	-100,0
Colômbia	1.725	29	0,0	-	-	-	-100,0
Equador	1.468	31	0,0	-	-	-	-100,0
Guiana	836	32	0,0	-	-	-	-100,0
Estônia	483	34	0,0	-	-	-	-100,0
Peru	405	37	0,0	-	-	-	-100,0
Jordânia	97	38	0,0	-	-	-	-100,0
Total	23.606.536		100,0	25.822.533		100,0	9,4

Fonte: SECEX, 2006.

(FOB) Livre a Bordo.

“As exportações de flores e mudas costumam registrar picos nos meses de fevereiro, maio e dezembro. São Paulo é o principal Estado exportador de flores frescas (78%), seguido por Ceará (17%) e Minas Gerais (3%)” (EXPORTAÇÕES..., 2004).

Para Renato Optiz, presidente da Câmara Setorial da Floricultura, órgão consultivo, vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa):

[...] o Brasil conseguiu avanços significativos entre os anos de 1999 a 2005, que precisam ser ampliados com a criação de uma base única de dados, pois os números de produção e vendas do setor estão em poder de instituições como o IBGE, Secretaria de Agricultura de São Paulo e IBRAFLOR, além de melhorar a abertura de linhas de financiamento para pesquisa, dada necessidade de padronizar as flores nacionais para obter maior competitividade no exterior e uma maior divulgação dos produtos por meio de estratégias de *marketing*. (OPTIZ, 2005).

Para equacionar os gargalos da atividade florística, a Câmara Setorial da Floricultura trabalha com quatro grupos temáticos. O fitossanitário, que atua na proposição de medidas para atualização da legislação nacional em consonância com a legislação mundial. A área tributária, setor que trabalha com as diferentes legislações de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e de Imposto sobre Serviços (ISS). O setor que se refere à proteção de cultivares, que estimula investimentos no desenvolvimento de novas variedades e impede a comercialização de variedades vegetais por terceiros não autorizados. E a logística de exportação, constituindo um importante veículo da análise de tendências e da evolução do setor, e que concentra postos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Receita Federal e Ministério da Agricultura num mesmo local.

Os benefícios socioeconômicos do setor flores, para o Brasil, podem ser identificados como:

- Orientação da produção agrícola de pequenos e médios produtores fornecendo produtos com alto valor de mercado;
- Aumento de renda regional e da renda per capita de regiões produtoras, além da geração de renda indireta;



- Geração de empregos na região, predominando a mão-de-obra familiar, contribuindo para fixar o homem no campo e estancar o fluxo migratório;
- Geração de divisas através de exportações;
- Geração de receitas fiscais, nos níveis Municipal, Estadual e Federal;
- Geração e transferências de novas tecnologias agronômicas, gerenciais e mercadológicas;
- Especialização da mão-de-obra com respectiva elevação do salário real.

O último estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contendo dados sobre a produção nacional de flores e plantas ornamentais no Brasil:

[...] mostrou 2.963 estabelecimentos rurais onde essa era a principal atividade em outubro de 2004, totalizando 72.488 hectares, gerando 21.844 empregos diretos. Aproximadamente 1.300 hectares do cultivo de flores se realizam em ambiente protegido por estufas. Também se registram perdas entre a produção e o consumo, variando de 30% a 60%, devido à falta de organização do setor. (IBGE, 2004a).

No mercado interno brasileiro, o consumo per capita de flores e plantas ornamentais ainda é pequeno, em torno de 7 dólares por ano, se comparado a outros países, como Suíça, US\$ 174 por ano, e Noruega, US\$ 167 por ano, porém com grande potencial para se expandir (Quadro 4).

QUADRO 4 – CONSUMO PER CAPITA DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS (EM US\$/ANO)	
Suíça	174
Noruega	167
Áustria	109
Alemanha	98
Suécia	89
Dinamarca	83
Holanda	80
Finlândia	69
França	69
Bélgica	69
Itália	63
Estados Unidos	58
Japão	45
Grécia	33

Fonte: *Geocities*, 2004.

A maioria dos produtores existentes no Brasil está concentrada em São Paulo, distribuída em 20 municípios, reunidos em seis pólos produtores. O pólo de Holambra, Atibaia, Campinas, Dutra, Paranapanema e o pólo do Vale do Ribeira. Juntos, esses pólos são responsáveis por cerca de 75% da produção nacional, embora seja crescente o número de produtores em outros estados brasileiros como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Distrito Federal, Pará, Amazonas, Bahia, Alagoas, Ceará e Pernambuco.

“O setor da floricultura é responsável pela geração de aproximadamente 50 mil empregos, dos quais 22,5 mil (45%) estão localizados na produção, cerca de 3,5 mil (6%) na distribuição, 22,5 mil (45%) no comércio e 2,0 mil (4%) no apoio” (IBRAFLOR, 2002a).

Baseado na tendência de crescimento da oferta de flores brasileiras no mercado mundial, o Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR), através da Agência de Promoção e Exportação (APEX), lançou um Programa Setorial Integrado de Promoção e Exportação de Flores e Plantas Ornamentais, denominado FLORA BRASILIS.

Este programa tem como premissa a formação, a capacitação e o treinamento de mão-de-obra, bem como a qualificação dos produtos com "Selo de Qualidade Nacional". Pretende-se com isso criar bases de produção como forma de garantir a participação do Brasil em feiras e eventos internacionais. Os mercados previstos para serem atendidos com este programa são: Alemanha, Estados Unidos, França, Holanda e Japão, seguidos de Suíça, Itália, Bélgica, Áustria, Canadá e Inglaterra.

Segundo o Programa Flora Brasilis (2004), “onze pólos foram eleitos, onde as bases produtivas já estão organizadas”. Os pólos do Programa FLORA BRASILIS são os seguintes:

- Amazonas, Pará e Maranhão;
- Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná;

- Bahia e Espírito Santo;
- Pernambuco;
- Ceará;
- Alagoas;
- Minas Gerais;
- Rio de Janeiro;
- São Paulo (com 2 pólos);
- Distrito Federal (com um pólo de plantas tropicais e temperadas voltadas para o mercado interno).

As metas dos floricultores junto ao governo federal são defender a redução de impostos; buscar linhas de crédito específicas para o financiamento da cadeia produtiva; orientar profissionais do setor quanto ao estabelecimento de normas técnicas para a produção e comercialização; apoiar os processo de certificação de produtos, necessários ao desenvolvimento da produção; e promover o desenvolvimento do mercado nacional para aumentar o consumo e fortalecer a produção. (IBRAFLOR, 2002b).

O Brasil pretende se tornar um grande produtor e exportador de flores e plantas ornamentais. O seu programa dá ênfase à organização de informações nas diversas etapas da cadeia produtiva, pois há carência de dados estatísticos para se fazer um diagnóstico preciso, à exceção de São Paulo, com vista a mapeamento correto da atividade em todo o país.

A pesquisa existente no Brasil é dispersa. Não se publicou material instrucional e didático em número suficiente e com qualidade para atender às inúmeras espécies da flora brasileira passíveis de serem exploradas comercialmente.

Embora tenha sido foco de programas de incentivo, o setor ainda não dispõe de informações homogêneas, obtidas cientificamente, em nível nacional e de forma sistemática. O estudo do IBGE visa preencher essa lacuna e comprovar a necessidade de um acompanhamento periódico do segmento. (IBGE, 2004b).

Soma-se a isso, a deficiência dos Sistemas de Produção e Normas e Padrões de Qualidade para plantas e flores, diante do expressivo número de espécies que são cultivadas. Como também de linhas de crédito específicas, para custeio e financiamento da atividade no campo e nos demais elos da cadeia

produtiva, e de assistência técnica e extensão rural, para as ações de pesquisa. Isto se faz necessário diante dos problemas de pragas e doenças que existem já na fase de produção.

A característica marcante da atividade é o fato dela poder ser explorada em pequenas frações de áreas das propriedades. Indo além do tamanho da área do quintal, chácara, sítio e fazenda, é conduzida principalmente pelas mulheres, que sempre tiveram o hábito de plantar flores e plantas ornamentais no entorno de suas moradias. Hábito que se transferiu para as cidades com as migrações e o exôdo rural, dando origem ao hábito de cultivar e manter jardins e plantas em vasos que, com o tempo, se modificou, com a expansão imobiliária nos grandes centros urbanos, derivando-se para o consumo de flores frescas e ou plantas em jarros, passando, mais tarde, para flores e plantas artificiais mais baratas e duráveis. Entretanto, este hábito ainda é inerente ao próprio comportamento das mulheres e garante a sustentabilidade desta atividade.

A floricultura nacional está na relação de agronegócios promissores; o setor consta na relação de prioridades em importantes órgãos de desenvolvimento, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); há empresas do setor em todos os estados brasileiros; há programas governamentais para fomento da atividade e incentivo à exportação; produtores, comerciantes e usuários integram a cadeia de flores e plantas ornamentais.

O mercado brasileiro de flores está seguindo as tendências da floricultura mundial, ou seja, a da segmentação e profissionalização da cadeia produtiva, na qual cada elo da cadeia se especializa ao máximo. O produtor que se responsabilizava por toda a cadeia, desde o plantio até o transporte, comercialização e cobrança, está sendo substituído por aquele cada vez mais especializado apenas na produção do produto final.

Com a floricultura, cresceu também a indústria de insumos, adubos solúveis, vasos plásticos, embalagens, estufas e túneis plásticos para ambiente protegido. A indústria nacional de substratos para plantas organizou-se na busca de padrões de qualidade e normas funcionais. Paisagistas aperfeiçoaram-se, interferindo positivamente nos jardins residenciais e industriais. A paisagem urbana

tem ficado mais bonita e colorida, com canteiros floridos nas praças e parques públicos. Mas existem desafios a enfrentar: a gestão dos negócios, avanços tecnológicos, novos mercados e integração com os países vizinhos.

### 1.3 As Flores do Nordeste

O Nordeste vem se destacando como pólo produtor e exportador na área de flores temperadas e tropicais, além de estar desenvolvendo programas específicos para incentivar o desenvolvimento da floricultura, buscando assim o fortalecimento da cadeia produtiva e conseqüentemente um crescimento conjunto para o setor.

Tendo como objetivo principal o de inserir as flores nordestinas no “mercado nacional e internacional, de forma empresarial competitiva e geradora de emprego e renda, enfocando a mudança e a definição que precisam ser percebidas no agronegócio das flores e plantas ornamentais” (LOPES; TAVARES, 2001). Uma vez que há um vasto mercado consumidor a ser conquistado, embora o setor se mostre carente de conhecimento e de um planejamento estratégico sustentável.

Na qualidade de Agente do Governo Federal para o desenvolvimento do Nordeste, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) vem estimulando o cultivo de flores em áreas vocacionadas da região, através do crédito e de outras ações para fortalecimento da atividade.

A iniciativa insere-se no esforço de apoiar o aproveitamento das potencialidades econômicas locais, incentivando atividades que se destacam pela geração de emprego e renda em bases sustentáveis.

O cultivo de flores constitui, dentro dessa perspectiva, atividade econômica de grande relevância em várias microrregiões nordestinas, o que o levou a estruturar o Programa de Desenvolvimento da Floricultura Regional - Flores do Nordeste, firmando termos de parceria com entidades públicas e privadas que atuam no setor, em âmbito estadual, para operacionalização do programa.

O objetivo é estimular o fortalecimento da cadeia produtiva de flores, desde a produção dos insumos até a comercialização.

“O BNB já firmou parcerias para desenvolvimento da floricultura em todo o Nordeste, envolvendo o comprometimento de recursos superiores a R\$ 12 milhões, com perspectiva de crescimento em razão do potencial existente em vários estados” (BNB, 2001a).

Essas parcerias visam organizar a cadeia produtiva, aumentar o número de floricultores, contribuir para a qualidade do produto, atender à demanda interna e aumentar as exportações de flores.

Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco são os maiores produtores de flores no Nordeste. Como potencialidades para a expansão da floricultura nesses e em outros estados da Região destacam-se: a localização tropical e o clima favorável para produção de flores de corte, flores em vaso, folhagens e plantas ornamentais; a definição de políticas e o apoio governamental; mercado interno e externo com grande potencial de crescimento; a posição geográfica, que permite custo menor de frete devido a sua proximidade com os grandes centros consumidores, como Europa e Estados Unidos.

O Estado de Alagoas produz flores tropicais que vêm ganhando mais espaço no mercado nacional e internacional. Abastece outros estados brasileiros e exporta para Holanda, Portugal, Itália, França e Grécia.

Essas exportações revitalizaram a agroindústria no Estado, anteriormente concentrada na lavoura da cana-de-açúcar e na pecuária de corte, o que justifica a expansão da área de cultivo de flores, “que no ano 2000 era de aproximadamente 5 hectares passando para 183 hectares em 2005” (ASSUNÇÃO, 2006). O aumento das exportações é prejudicado por falhas na oferta e regularidade dos vôos.

O Estado dispõe das associações de floricultores: a Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais e Tropicais de Alagoas (AFLORAL), fundada em 1997, que possui 42 associados, divididos em dois grupos com estratégias comerciais distintas, a Flora Atlântica e a Cooperativa dos Produtores e Exportadores de Plantas, Flores e Folhagens Tropicais de Alagoas (COMFLORA).

O incremento de novas tecnologias para o cultivo de flores em Alagoas é meta para o aperfeiçoamento de embalagens e utensílios, além da realização de

pesquisas nas áreas de irrigação, fertilização, adubação, combate às pragas e comercialização.

No Estado da Bahia são 70 produtores de flores, sendo 35 produtores de flores tropicais, reunidos em 3 associações distintas: Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Sul da Bahia (FLORALSULBA - Ilhéus), Associação Baiana dos Produtores de Flores Tropicais e Plantas Ornamentais (BAHIAFLORA - Ituberá) e Associação de Produtores de Flores Tropicais Amélia Rodrigues (TROPIFLOR - Amélia Rodrigues). Essas associações, além de outras instituições como a Secretaria da Agricultura, prefeituras e órgãos consultivos, como SEBRAE, instituições financeiras e de pesquisa, integram o Comitê Baiano de Floricultura e Plantas Ornamentais, criado em fevereiro de 2001.

As flores tropicais são cultivadas na zona litorânea, tanto ao norte como ao sul de Salvador, com destaque para os municípios de Ituberá e Ilhéus, onde se situam alguns dos principais produtores do Estado. Flores de clima temperado, como gladiólus, rosa, crisântemo, vêm sendo produzidas, principalmente, no município de Maracás, por pequenos produtores. A Prefeitura de Maracás criou associações de famílias de agricultores sem terras, fornecendo-lhes os insumos de produção, como bulbos, sementes e mudas, defensivos e fertilizantes, além de assistência técnica e apoio à comercialização, com a instalação de uma câmara fria e um caminhão com carroceria isotérmica para o transporte das flores.

“A comercialização é um problema da floricultura da Bahia. A venda para o varejo é difícil, restando ao produtor negociar com os poucos atacadistas que existem em Salvador, de forma desvantajosa do ponto de vista econômico” (SCHERER, 2001). Em busca de uma solução para esse impasse, a Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia (SEAGRI-BA) tem apoiado as iniciativas de produtores e está muito empenhada na organização do setor e no desenvolvimento do segmento. A SEAGRI-BA pretende inaugurar um mercado atacadista de flores em Salvador. O governo tem recursos para viabilizar a reforma ou construção das instalações, o que falta é um consenso entre os produtores sobre o modelo do mercado.



Pernambuco é o primeiro produtor nacional de flores tropicais e o quinto de flores temperadas, onde 197 produtores exploram 125 hectares de terra: 32 produtores de flores tropicais (70 ha.) e 165 de flores de clima temperado (55 ha.), organizados em quatro associações e uma cooperativa, movimentando recursos da ordem de R\$ 36 milhões por ano, gerando 800 empregos diretos e milhares de indiretos. As espécies de clima temperado (rosa, crisântemo) têm sua concentração no agreste, onde o clima de altitude favorece, consideravelmente, a qualidade das flores. No município de Itambé, na zona da mata, tem-se a produção de flores em vaso. A produção de flores tropicais (helicônia, alpínia, antúrio), está concentrada na região litoral-mata.

A comercialização das flores temperadas, em sua maioria, ocorre, principalmente, em Recife e, em menor proporção, em outros Estados do Nordeste. Já as flores tropicais estão sendo comercializadas em Estados do Sudeste e do Centro-Sul do País, por meio de mercados estruturados como a Central de Abastecimento de Campinas (CEASA-Campinas).

“O grande objetivo dos produtores pernambucanos é a exportação e, para isso, eles estão em permanente capacitação para atender às exigências do mercado internacional, como: padronização, aspectos tarifários e fitossanitários” (FREITAS, 2001).

Pernambuco dispõe de laboratórios de micropropagação, universidades bem estruturadas, dois aeroportos e dois portos internacionais, uma central de abastecimento estrategicamente localizada e uma posição geográfica privilegiada na interligação da malha viária de todo o Nordeste. Ainda falta um melhor aparelhamento da estrutura já existente, como a implantação de câmaras frias para flores nos aeroportos, visando garantir a qualidade e possibilitar uma real inserção da floricultura pernambucana no mercado internacional.

Para o meio rural nordestino, a floricultura é relevante por ser um tipo de cultura que absorve muita mão-de-obra, “em média de 10 a 15 empregados por hectare” (PIMENTEL, 2000), gerando mais empregos em relação a outras culturas agrícolas. A atividade destaca-se também pela geração de empregos no meio

urbano, na parte de comercialização, além de assegurar rentabilidade satisfatória para todos os elos da cadeia produtiva.

O produtor não pode tomar suas decisões de alocar fatores e serviços sem levar em conta o mundo que o engloba. Este mundo é formado não só por outros agricultores, seus competidores reais ou potenciais, mas também pelos prestadores de serviços, pelos vendedores de insumos, pelos compradores, intermediários, corretores, agroindústrias e empresas de comercialização. O agricultor deve entender a cadeia produtiva na qual está envolvido e como deve se organizar para tirar maior proveito dessa inserção. Do estabelecimento correto de parcerias estratégicas decorrerá a maior chance de sucesso dos empreendimentos.

O agricultor não pode produzir o que desejar, sem levar em consideração o mercado em que está inserido. Esse modelo, no qual as decisões do que e quanto produzir são autônomas e internas à propriedade agrícola, é típico da agricultura de subsistência, cujo objetivo é o auto-abastecimento, e, nele, os excedentes do consumo familiar são comercializados. De forma diversa, a moderna agricultura é dirigida pelo mercado, de tal modo que as decisões do que e quanto produzir são tomadas não pelo agricultor, mas pelo consumidor. Essas decisões circulam pelas cadeias produtivas, e suas "mensagens" devem ser entendidas pelos agricultores. Daí a regra básica de inserção nas cadeias produtivas: primeiro vender, depois produzir.

## CAPÍTULO 2 A FLORICULTURA CEARENSE

O Estado do Ceará está situado na região Nordeste, possuindo uma “área de 148.825,6km<sup>2</sup> e população de 7.430.661 habitantes” (IBGE, 2000a), (Figura 1).

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESTADO DO CEARÁ



Fonte: IBGE, 2000.

Sua economia é baseada na agricultura (frutas, algodão, arroz, feijão, milho, mandioca), na indústria (calçados, tecidos, agroindústria), na pecuária (aves, bovinos, caprinos e ovinos), no extrativismo (ceras vegetais, urânio, granito, fosfato, pedras preciosas e semipreciosas, sal) e no turismo.

Em 1998, as exportações de frutas, flores e hortaliças somavam US\$ 876 mil, saltando para US\$ 23,2 milhões, em 2003. Segundo o Coordenador de Irrigação da Secretaria de Agricultura e Pecuária do Ceará (SEAGRI-CE), Francisco Zuza de Oliveira, “esse resultado mostra a transformação de um estado, que passou de uma agricultura exclusivamente dependente das variações climáticas, para uma cultura de agronegócio, que tem mudado o cenário econômico de várias regiões cearenses” (OLIVEIRA F., 2004).

Foi nesse cenário que, no final de 1999, o Ceará se lançou no mercado da floricultura, ramo de atividade rentável, comparado a outras culturas (Tabela 7).

Em 1999, o Ceará possuía 19 hectares de flores plantados e exportações que somavam US\$ 64 mil. Já em 2002, eram de 78,6 hectares e US\$ 443 mil em exportações, num crescimento de 692%. Em 2003, com 127 hectares plantados o Estado exportou o equivalente a US\$ 1.088 milhões. E com 160 hectares de flores plantados, exportou aproximadamente US\$ 2 milhões, em 2004. (ROSAS..., 2004).

TABELA 7 – DADOS COMPARATIVOS DE RENTABILIDADE ENTRE AS CULTURAS TRADICIONAIS E FLORES

Culturas	Unidade	Rendimento (unid/ha/ano)	Receita Bruta (R\$/ha/ano)	Custo de Produção (R\$/ha/ano)	Receita Líquida (R\$/ha/ano)	
Flores	Flores Tropicais	flores	138.852	111.081,60	28.900,00	82.181,60
	Crisântemo Corte	pacote	82.705	454.876,19	248.114,00	206.762,19
	Crisântemo Vaso	vaso	625.981	1.251.961,90	938.971,43	312.990,48
	Violeta	vaso	1.066.233	852.986,40	539.864,81	313.121,59
	Rosa	flores	1.800.000	540.000,00	216.000,00	324.000,00
	Média			642.181,22	394.370,05	247.811,17
	Banana Nanica	tonelada	70	36.120,00	7.735,00	28.385,00
	Melão Uva	tonelada	25	23.120,00	15.778,00	7.342,00
Frutas	Abacaxi	tonelada	40	92.880,00	27.534,00	65.346,00
	Média		40	23.672,00	6.234,00	17.438,00
	Média		44	43.948,00	14.320,25	29.627,75
	Outras	Arroz	tonelada	6	1.560,00	1.200,00
Feijão		tonelada	50	1.000,00	850	150
Cana-de- açúcar		tonelada	2	1.110,00	750	360
Média			19	1.223,33	933,33	290,00

Fonte: SIGA, 2000.

Para o Ceará alcançar esses resultados, o Governo do Estado, aliado a parceiros privados, criou em 2000, o Projeto "Flores do Ceará" para incentivar os pequenos produtores.

O programa trouxe técnicos estrangeiros para formar os produtores locais, introduzindo novas tecnologias ao mercado cearense. As parcerias que foram firmadas desde o início do projeto com a APEX, com a Universidade Federal do Ceará (UFC), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), também ajudaram a dar respaldo ao programa. (informação verbal)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Informação adquirida através de entrevista realizada junto à Engenheira Agrônoma Neiliane Santiago Sombra Borges, Técnica da Gerência da SEAGRI – CE, em Fortaleza, por ocasião desta pesquisa, em outubro de 2005.

Segundo o Gerente de Floricultura da SEAGRI, Rubens Aguiar, “o Ceará está consolidado como o maior exportador de rosas do Brasil e o segundo exportador de flores, perdendo apenas para o Estado de São Paulo” (AGUIAR, 2004a) (Tabela 8).

TABELA 8 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DOS PROUTOS DA FLORICULTURA CEARENSE

Produtos	2002		2003		2004 (até junho)		Crec. %
	US\$ FOB	% Part.	US\$ FOB	% Part.	US\$ FOB	% Part.	
Flores Tropicais	260.096,00	58,80	317.401,94	29,15	145.524,26	23,30	22,30
Rosas	76.608,00	17,30	500.469,46	45,97	427.597,02	68,45	553,29
Folhagens	53.256,00	12,00	87.956,39	8,08	26.936,03	4,31	65,16
Bulbos	52.548,00	11,90	115.263,00	10,59	-	-	119,35
Plantas Ornamentais	-	0	67.671,04	6,22	24.599,87	3,94	-
Total	442.508,00	100	1.088.763,53	100	624.657,18	100	146,04

Fonte: SIGA, 2004.

(FOB) Livre a Bordo.

A exportação de rosas para a Holanda, a partir de 2002, foi um atestado de competência que impulsionou, ainda mais, a floricultura cearense. “[...] duas vezes por semana, as rosas seguem para a Holanda, o maior produtor mundial. São em média 300 caixas ou três mil quilos por embarque” (Idem, 2004b).

Tem se destacado no setor a integração de pequenos e grandes produtores. São feitas parcerias, consórcios para as exportações contribuindo para o fortalecimento dos pequenos produtores e também para a redução dos custos, pois o pequeno produtor, sozinho, não consegue entrar no mercado, porque não tem volume suficiente para exportar.

O Estado do Ceará também exporta o bulbo de Amarílis produzido em Paraipaba, município localizado ao litoral oeste do Estado do Ceará, na fazenda do Grupo Shumarcher (Foto 1).



Foto 1 – Bulbo de Amarílis  
Fonte: Melyana, 2005.

“Aqui a planta se beneficia do clima e do solo arenoso para desenvolver seu bulbo. Na fazenda são 7 hectares plantados com cerca de 230 plantas cada, mas com pretensão para atingir 40 hectares até 2007” (informação verbal)<sup>9</sup>.

Em 2004, a empresa exportou o primeiro *contêiner* para os Estados Unidos, via porto do Pecém, com 40 mil bulbos a US\$ 0,70 em média. “Ao chegar no mercado norte-americano, a Amarílis, produzida no Ceará, vai para prateleira dos supermercados em pequenas caixas. Cada bulbo por US\$ 4,50” (MOTEIRO, 2004), (Foto 2).



Foto 2 – Flores de Amarílis  
Fonte: Flora Brasilis Ceará, 2003.

O Estado do Ceará apresenta quatro agropólos produtores de flores: Agropólo Metropolitano, Agropólo do Maciço de Baturité, Agropólo da Ibiapaba, Agropólo Cariri.

A maior produção de rosas para exportação é da Serra da Ibiapaba. Ali se encontram grandes empresas como a Reijers Produção de Rosas S.A., que exporta para a Holanda, e a Cearosa Comércio Exportação, Importação de Flores Ltda, as duas em São Benedito.

---

<sup>9</sup> Informação obtida através de entrevista realizada, na capital cearense, em atividade de campo, em maio de 2005, junto ao Gerente da SEAGRI - CE, Rubens Aguiar, representante da entidade pública.

Mas há cultivos em vários outros municípios cearenses: na Ibiapaba, além de São Benedito, existem produtores em Ubajara, Guaraciaba do Norte e Tianguá; no Maciço de Baturité, além do município de Baturité, há em Redenção, Guaramiranga, Pacoti e Aratuba. No Cariri, existem áreas plantadas em Juazeiro do Norte, Barbalha, Jardim, Crato e Brejo Santo. No Baixo Jaguaribe, há produtores em Limoeiro do Norte e Russas. No Baixo Acaraú, o cultivo é feito na Serra da Meruoca. Iguatu, na Região Centro-Sul e Quixeramobim, no Sertão Central, nestas quatro últimas regiões em fase de projeto inicial. (AGUIAR, 2004c).

No Ceará, a intensa luminosidade, que alcança cerca de 3.000 horas de sol anuais, resulta nas cores das flores que se tornam mais vívidas. Isso tem efeito no metabolismo da planta, cujo ciclo produtivo se acelera; enquanto em São Paulo uma flor gasta em média 72 dias, no Ceará, esse resultado é alcançado em torno de 42 dias. Isso explica o porquê de São Paulo produzir 120 botões de rosa por metro quadrado, enquanto o Ceará alcança entre 180 e 200 botões, na mesma área.

O Estado combate às pragas usando o pó de manipueira, defensivo orgânico, pois se trata de cultura recente, isso diminui o uso de produtos químicos, aplicado em caso de necessidade. Além disso, os investimentos são mais reduzidos pelo fato de não necessitar investir em estufas de vidro (usadas nos climas mais rigorosos), bastando as de plástico, de preços mais acessíveis. (informação verbal)<sup>10</sup>

A proximidade com os mercados americano e europeu é outro fator importante que contribui para redução dos investimentos, dado que o encurtamento das distâncias torna os custos do frete mais reduzidos (Figura 2).

---

<sup>10</sup> Informação adquirida através de entrevista realizada, em Fortaleza, junto ao Engenheiro Agrônomo Ronaldo Lima Moreira Borges, Facilitador do Programa de Qualidade Total do SEBRAE, representante da entidade pública, por ocasião desta pesquisa, em fevereiro de 2005.



FIGURA 2 – MERCADOS CONSUMIDORES DE FLORES COM RELAÇÃO A FORTALEZA-CE



Fonte: IPECE, 2002.

## 2.1 Histórico da Floricultura Cearense

Do primeiro plantio de flores no Ceará nos anos 20, feito por um imigrante japonês, até o início do século XXI, muita coisa mudou na floricultura do Estado. A atividade, que incorporou também o cultivo de plantas ornamentais, tornou-se agronegócio. O Ceará, de importador de flores, principalmente da região Sudeste e de Países Sul-americanos como Colômbia e Equador, está passando, para exportador, desde 2002, para países da Europa, América do Norte e Estados do Brasil.

A floricultura no Estado do Ceará manteve-se por “muitas décadas pouco desenvolvida e tecnicizada, caracterizando-se como uma atividade conduzida de forma amadorística” (SEBRAE, 1999). A situação está sendo gradativamente alterada com o crescimento e a especialização da produção, que está se consolidando como atividade de importância socioeconômica para algumas regiões no Estado, tendo em vista os crescentes volumes de exportação.

De acordo com Leitão (2001:9), “os primeiros registros de produção de flores no Estado do Ceará ocorreram no período de 1919 a 1921”. Existem registros de “produções contando de mais de quinze anos na Serra de Baturité, no Estado do Ceará, quando as condições de cultivo ainda eram realizadas sob a vegetação nativa e sem obedecer nenhum critério técnico” (COSTA, 2003:46).

Em 1994, tiveram início os cultivos tecnicizados em estufas e projetos voltados para exportação. Em 1996 tem-se o registro das primeiras exportações de flores tropicais do Ceará. “A qualidade e durabilidade das flores tropicais, beleza e exotismo de suas formas e cores, foram determinantes para o sucesso das flores nos mercados mais exigentes” (AGUIAR, 2004:5a).

A expansão da floricultura no Estado do Ceará, em 1999, também teve como incentivadora, a então primeira-dama do Governo, Renata Jereissati que observou na atividade a possibilidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas (aspecto socioeconômico) tendo instalado em sua propriedade, o Sítio Arvoredo, a primeira estufa para cultivo de rosas, em Pacoti, na Serra de Baturité. No sítio,

foram plantadas mil e duzentas mudas de rosas vindas de Holambra (SP). Outra atividade do sítio é a produção de flores tropicais (helicônias). O cultivo tem como destino o abastecimento local e exportação. (informação verbal)<sup>11</sup>.

Foram desenvolvidos projetos de produção de rosas em 2000 e 2001, iniciando a exportação em 2002. Para chegar a esse resultado, segundo Carlos Matos, Secretário da SEAGRI, “identificaram-se, primeiramente, as áreas potencialmente favoráveis ao plantio de flores; o número de empresas de insumos ligadas ao setor e as condições de comercialização” (MATOS, 2001a).

Assim, a história da produção de flores e plantas ornamentais no Estado do Ceará pode ser dividida em quatro fases distintas:

- FASE 1 (1919 a 1921) – Início da atividade, quando se destacam duas famílias, a da Dr<sup>a</sup>. Alice Carneiro, proprietária da Chácara das Rosas, que ainda continua no setor, somente como florista, e do Sr. Guilherme Fujita, do Jardim Japonês, proprietário da Floricultura FujiFlores. Esses dois jardins localizavam-se em Fortaleza e plantavam várias espécies de flores e plantas, como rosas, dalias, hortências, samambaias, bromélias;
- FASE 2 (1970 a 1980) – Implantação de alguns plantios de flores e plantas em áreas fora de Fortaleza. Destaca-se nesse período o Maciço de Baturité, principalmente os municípios de Baturité, Redenção, Guaramiranga e Pacoti, com os produtores Cândida Nuto (Flora Tropical), Hugo Varella (Floricultura Guaramiranga) e Francisco Chaves (Sítio Vale das Rosas). Os produtos eram bastante diversos, como rosas, helicônia, copo-de-leite, margaridas, gypsophila, gérbera. Essa produção destinava-se a atender varejo que estava começando a ser criado. No município de Eusébio, a produção de plantas ornamentais: palmeiras, minilacres, começava a se destacar com o produtor Valdir Leite;
- FASE 3 (1994-1996) – Início dos primeiros cultivos em estufas, de rosas, através da empresa Agropecuária Jereissati, no Sítio Arvoredo, em Pacoti e crisântemo, em corte e em vaso, tendo como exemplo a empresa *Naturalis*

---

<sup>11</sup> Informação adquirida através de entrevista realizada, em atividade de campo, junto ao Engenheiro Agrônomo Ronaldo Lima Moreira Borges, Facilitador do Programa de Qualidade Total do SEBRAE, em Fortaleza, em fevereiro de 2005.

*Tropicus* (Foto 3), em Maranguape, e de projetos voltados para a exportação, como é o caso da Quinta das Flores, em Paracuru, que produz o abacaxi ornamental;

- FASE 4 (2000 a 2001) – Implantação de grandes projetos de produção de flores, principalmente, na Ibiapaba, destacando-se as empresas Cearosa e Reijers, ambas destinadas à produção de rosas.



Foto 3 – Estufa da Empresa *Naturalis Tropicus* em Maranguape-CE  
Fonte: SEAGRI, 2004.

O crescimento da floricultura no Ceará ocorreu por causa da melhoria da tecnologia e da infra-estrutura do setor, com apoio financeiro do BNB, que garante financiamento para produtores ou para qualquer elo da cadeia. Em relação às novas tecnologias, depois de uma série de estudos, a SEAGRI optou por seguir o exemplo da Colômbia, o segundo maior exportador de flores do mundo. Foram desenvolvidos, também, cursos de capacitação para técnicos e produtores de acordo com a demanda das comunidades locais. Todo esse esforço com objetivo de desenvolver o agronegócio da floricultura cearense em bases competitivas e sustentadas. (MATOS, 2001b).

A floricultura faz parte da lista de produtos prioritários da SEAGRI, tendo sido criada, em 1999, a Gerência de Floricultura para coordenar as ações do projeto de desenvolvimento da atividade no Estado. O projeto inicial teve as seguintes linhas gerais de ação:

- 1 Prospecção de produtos e processos: levantamento da situação da floricultura cearense e das suas potencialidades;

- 2 Sensibilização da base produtiva: através de seminários e eventos regionais para divulgar o projeto e sensibilizar produtores;
- 3 Mobilização das lideranças setoriais: articulação com as mais variadas entidades representativas do setor e de outras áreas de fomento ao agronegócio;
- 4 Adequação de produtos e processos: capacitação dos elos da cadeia produtiva;
- 5 Promoção e *marketing*: objetivando a divulgação dos produtos do Ceará e do nosso potencial produtivo;
- 6 Parcerias e convênios: realização de parcerias e convênios entre as entidades de apoio governamental e não-governamental, para colaborarem no desenvolvimento do projeto.

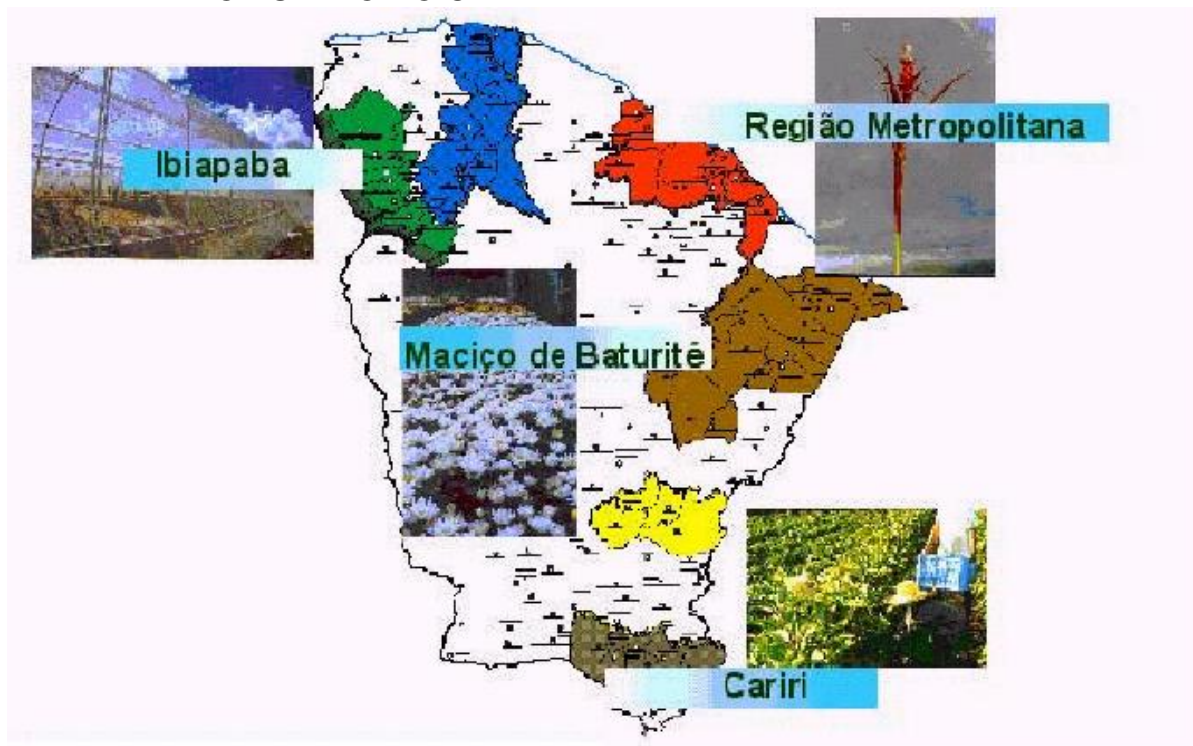
Como estratégia de *marketing*, o Estado do Ceará elegeu a rosa como símbolo do empenho do governo estadual para a promoção do setor, criando toda estrutura de promoção sob o título “Flores do Ceará”. Produtores profissionais vêm obtendo índices produtivos superiores aos padrões internacionais, como no caso produtivo das rosas. “As rosas produzidas no Ceará apresentam de 180 a 200 botões por m<sup>2</sup>/ano, enquanto países como Colômbia e Equador produzem apenas 80 a 90 botões por m<sup>2</sup>/ano” (AGUIAR, 2004:5b), porém as rosas cearenses possuem tamanho inferior às colombianas.

A Seagri (2004) “identificou no Ceará quatro regiões onde já se cultivam flores e ou plantas ornamentais, e que apresentam elevado potencial para a expansão da atividade” (Figura 3):

1. Agropólo Metropolitano, destacando-se pela produção de plantas ornamentais (palmeiras, crótons, mini-cactus, mussaendas, minilacres, ficus, bromélias), flores em vaso (crisântemos) e flores tropicais (helicônias, antúrios);
2. Agropólo do Maciço de Baturité, com a produção de crisântemos para corte e em vaso, folhagens (dracenas, cordylines) e flores tropicais (helicônias, antúrios, alpínias);
3. Agropólo Cariri, com a produção existente de flores tropicais (bastões do imperador, sorvetões, helicônias, maracas) e grande potencial para o desenvolvimento de flores de corte e vaso (crisântemos);

4. Agropólo da Ibiapaba, para onde estão se direcionando os projetos de produção de flores de corte, como rosas e crisântemos, devido às condições edafo-climáticas e de relevo ideais.

FIGURA 3 – REGIÕES PRODUTORAS DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO ESTADO DO CEARÁ



Fonte: SEAGRI, 2004.

É grande a variedade de flores cultivadas no Ceará nas quatro regiões onde se concentra a produção (Quadro 5).

Para o desenvolvimento da atividade, a SEAGRI conseguiu o apoio da EMBRAPA – Agroindústria Tropical, que atua no desenvolvimento de pesquisas em floricultura. Trata-se de um trabalho realizado de acordo com as demandas do setor produtivo, ou seja, o produtor define a linha de atuação da pesquisa.

“Um exemplo dessa parceria é a propagação *in vitro* do *Ananas sp.* (abacaxi ornamental) em que a disponibilidade de mudas constituía-se num grande entrave à expansão do cultivo desta espécie” (BORGES, 2000a).

QUADRO 5 – MUNICÍPIOS PRODUTORES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS COM OS PRODUTOS	
AGROPÓLO METROPOLITANO	PRODUTOS
Fortaleza	Plantas ornamentais (mussaendas, palmeiras, ixoras, crótons, minilacres, ficus)
Eusébio	Plantas ornamentais (palmeiras, crótons, minilacres, bromélias), crisântemos em vaso, flores tropicais (antúrios), forrações (pingo d'ouro, espuma do mar, orelha de rato)
Maranguape	Crisântemo em vaso e em corte, flores tropicais (helicônias), forrações (pingo d'ouro)
Paracuru	Flores tropicais (abacaxi ornamental, helicônias)
Aquiraz	Plantas ornamentais (mini-cactus, mussaendas, ixoras, palmeiras)
AGROPÓLO DO MACIÇO DE BATURITÉ	PRODUTOS
Baturité, Redenção	Flores tropicais (helicônias, alpínias, antúrios), flores em vaso (gérberas, crisântemos)
Guaramiranga	Crisântemos de corte, flores tropicais (helicônias)
Pacoti	Flores tropicais (helicônias, bastões do imperador, musas, alpínias), rosas, gypsophila
Aratuba	Crisântemo e gérberas
AGROPÓLO CARIRI	PRODUTOS
Jardim, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Brejo Santo	Flores tropicais (bastões do imperador, sorvetões, helicônias, maracas) crisântemos em corte e em vaso
AGROPÓLO DA IBIAPABA	PRODUTOS
Tianguá	Crisântemos em vaso e em corte
São Benedito, Ubajara	Rosas, crisântemos, gérberas
Guaraciaba do Norte	Crisântemo em vaso, folhagens (aspargos)

Fonte: SEAGRI, 2004.



Paracuru, localizado no litoral oeste cearense, a 101 Km de Fortaleza, é o município que concentra a produção do pequeno abacaxi ornamental, na fazenda Quinta das Flores (Foto 4). “A produção é exportada para Estados Unidos, Holanda Alemanha e Inglaterra, num valor de 25 mil peças por mês ou US\$ 12 mil. O transporte via aérea representa de 30 a 40% do custo da produção” (BORGES, 2000b).



Foto 4 – Abacaxis Ornamentais  
Fonte: Flora Brasilis Ceará, 2003.

Os principais destinos para os produtos da floricultura cearense são no mercado externo: Portugal, Holanda, Alemanha, Estados Unidos e outros países (França, Itália, Dinamarca) - (Quadro 6). Mercado interno: São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Piauí, Pará, Maranhão, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Amapá, Amazonas, Distrito Federal, dado que algumas regiões do Brasil e do mundo não conseguem produzir em determinadas épocas do ano devido às condições climáticas.

Segundo Rogério Morais, Gestor de Projetos para Floricultura do SEBRAE local, “as importações para floricultura cearense ainda ocorrem para suprir a necessidade de diversificar os produtos, mas estas reduziram em 35%”, (MORAIS, 2005a).



QUADRO 6 – PRINCIPAIS DESTINOS DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA CEARENSE – EXPORTAÇÃO 2005 (US\$)							
Produtos	Países					Total Acumulado	%
	Holanda	EUA	Alemanha	Portugal	Outros Países		
Flores Tropicais	525.428	2.023	18.181	93.950	17.767	657.349	24,52
Rosas	584.667	1	165.710	16.177	2.985	769.541	28,71
Mudas	122.108	62.625	6.655	2	90.936	282.326	10,53
Folhagens	63.338	-	11.412	12.592	662	88.005	3,28
Bulbos	317.644	452.831	-	-	27.277	797.752	29,76
Secos	53.190	29.378	-	257	2617	85.442	3,19
Total	1.666.375	546.858	201.959	122.979	142.244	2.680.415	100
(%)	62,17	20,4	7,53	4,59	5,31	100	

Fonte: SECEX, 2006.

Existem no Ceará associações de produtores, como a Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Estado do Ceará (AFLORAR); a Associação dos Produtores de Flores do Maciço de Baturité (CONFLOAR); a Associação de Floricultores, Olericultores e Fruticultores da Serra de Ibiapaba (ASFOF); e a Associação de Produtores de Flores e Plantas Ornamentais da Região do Cariri (CARIRIFLORA).

Apesar das associações existentes e do apoio governamental recebido, o Estado do Ceará ainda não conseguiu estruturar sua comercialização, dada a carência de empresas especializadas no fornecimento de insumos e serviços para a floricultura e a deficiência da cadeia produtiva, com necessidade de rede de distribuição eficaz e mercado atacadista forte.

## 2.2 Estratégias de Desenvolvimento do Estado do Ceará que Incentivaram à Expansão do Agronegócio: Produção de Flores

Desde 2002, o Ceará tem figurado no cenário nacional como um dos estados brasileiros a apresentar maior dinamismo para o setor da floricultura. Pode-se citar como principais avanços: a primeira exportação de rosas e do bulbo de Amarílis, para Holanda e Estados Unidos; segunda colocação no *ranking* de exportadores brasileiros de flores frescas cortadas; construção do primeiro terminal aeroportuário brasileiro destinado à exportação de flores; estabelecimento de produtores estrangeiros (Colômbia, Equador, Alemanha e Holanda) no Ceará; aumento na área de produção; geração de empregos em áreas rurais e melhoria no nível tecnológico de produção e comercialização.

O Governo do Estado vem desenvolvendo “[...] sistema de ações” (SANTOS, 1994d) concretas para incrementar o setor de flores:

- Criação da Secretaria de Agricultura Irrigada em 1999, denominada Secretaria de Agricultura e Pecuária em 2003, e, dentro da Secretaria, a Gerência de Floricultura, com o programa Pró-Flores, iniciado em 2000;
- Elaboração do Plano Diretor da Floricultura;
- Zoneamento de áreas com potencial;
- Prospecção tecnológica e mercadológica;
- Capacitação com o projeto Agroflores;
- Protocolo de intenções entre instituições de apoio;
- Assistência técnica aos cultivos através da SEAGRI, com a contratação de funcionários, inclusive de outros países, como a Colômbia;
- Apoio financeiro através de parcerias com entidades financeiras, como BNB e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES);
- Apoio à comercialização dos produtos, que está sendo contemplado com algumas estratégias de comercialização, como a criação de duas marcas: Rosas do Ceará e Flores do Ceará (Figura 4);
- Lançamento do Portal da Floricultura no Ceará: [www.prossiga.br/arranjos/ce-floricultura.html](http://www.prossiga.br/arranjos/ce-floricultura.html), em setembro de 2002, durante a 9ª Semana Internacional da

Fruticultura, Floricultura e Agroindústria – FRUTAL 2002, com intuito de divulgar informações estratégicas para o desenvolvimento do setor;

FIGURA 4 – MARCAS DA FLORICULTURA CEARENSE



Fonte: SEAGRI, 2004.

A SEAGRI, paralelamente a todas essas ações, que atua em parceria com outros órgãos do governo e produtores, vem desenvolvendo projetos específicos, os quais estão em andamento, como o Projeto Florescer, Rosas do Ceará, Flores Tropicais, Tec Flores, Caminhos de Israel de Flores, Centro Agroflores de Inovação Tecnológica, Produção de Cactus no Semi-Árido.

Em parceria com a Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (INFRAERO), a SEAGRI instalou no Aeroporto Internacional de Fortaleza, em maio de 2002, uma câmara frigorífica para servir aos exportadores de flores, compreendido segundo Santos (1994e), como “sistema de objetos [...]”, pois se trata de um produto perecível que necessita de temperatura fria para armazenamento (Foto 5).



Foto 5 - Câmara Frigorífica para Exportação de Flores  
Fonte: SEAGRI, 2004.

Segundo Moraes (2005b), “a câmara frigorífica ainda é provisória, a unidade permanente será construída e entrará em operação em julho de 2006, para armazenar flores e frutas, com 10 mil/m<sup>2</sup>”.

Está sendo realizada pesquisa para o desenvolvimento de tecnologias para flores e plantas ornamentais pela EMBRAPA – Agroindústria Tropical. Essas ações integram o projeto Centro Agroflores de Inovação Tecnológica, coordenado pela SEAGRI, que prevê, além do estudo, investimento em capacitação profissional e instalação de unidades de inovação tecnológica. Os recursos para implantação desse projeto provem da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), sendo aplicado em todo o programa R\$ 1,18 milhões.

O projeto Centro Agroflores de Inovação Tecnológica teve como objetivo “consolidar, expandir e alavancar o agronegócio da floricultura no Ceará, por meio da inovação tecnológica. Tornando a atividade competitiva e sustentável para gerar emprego, renda e divisas, focalizando a expansão da exportação de flores” (EMBRAPA, 2002:6). As linhas de pesquisa são multidisciplinares e abrangem seis áreas de estudo: sistema de cultivo (refere-se ao manejo das plantas), fitopatologia (trata das doenças das plantas), entomologia (trata das pragas), cultura de tecidos (técnica importante na produção mais intensa de mudas de alta qualidade fitossanitária, definindo-se protocolos para propagação de espécies), pós-colheita e seleção de material genético para os novos cultivos e viabilizar os implantados por meio de novas variedades.

Ocorreu em 2002 a inauguração da primeira unidade de inovação tecnológica, na cidade de São Benedito, no Ceará. Trata-se de um centro de pesquisa, informação e treinamento em floricultura para dar suporte aos produtores da região.

É importante observar que o setor de flores no Estado está sendo acompanhado, gerenciado e desenvolvido pela SEAGRI, em parceria com a EMBRAPA, BNB, Banco do Brasil (BB) e SEBRAE.

A SEAGRI desenvolve projetos voltados para o setor e atua diretamente com as demais instituições de apoio e com os produtores para alavancar a atividade no Estado. A isenção do ICMS, que é um incentivo da política do Estado para determinados produtos que justifiquem o crescimento do Ceará, é também concedida aos produtores de flores, ou seja, o produto vendido internamente é isento do imposto.

Além disso, o Governo Federal possui programa prioritário de exportações, e o Governo Estadual também dá prioridade ao incremento das exportações, desenvolvendo trabalho de parcerias como forma de aumentá-las e atingir novos mercados, o que pode vir a favorecer o setor de flores.

O Ceará promove eventos ao longo do ano, a fim de propagar os produtos da floricultura, difundir a cultura do consumo e a exportação de flores e realizar negócios. Nesses eventos, são ministrados cursos e palestras sobre o assunto. É também oportunidade de reunir os maiores produtores de flores do Brasil, especialistas e representantes da indústria, capacitando produtores e lojistas locais, trocando experiências, conhecendo tendências e novidades do setor.

Como exemplos destes, pode-se mencionar: VIII AGROFLORES Seminário Internacional da Floricultura, que ocorreu de 24 a 26 de maio de 2006, no Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza; o primeiro Festival Flores da Serra de Baturité, que se realizou em Pacoti entre 8 a 10 de Julho de 2005; a terceira edição da Feira Internacional do Nordeste da Floricultura, Paisagismo e Jardinagem (FESTFLORA), que aconteceu no período de 28 a 31 de agosto de 2002, no Centro e Negócios do SEBRAE, em Fortaleza, organizada pela Cooperativa dos Engenheiros Agrônomos do Ceará (UNIAGRO), juntamente com a Associação Cearense dos Floristas (ACEFLOR).

Outros exemplos são: o evento anual da Semana Internacional de Fruticultura e Floricultura, promovido pelo Instituto de Desenvolvimento da Fruticultura e Agroindústria (FRUTAL), que ocorre desde 1999, no mês de setembro, no Centro de Convenções do Estado do Ceará, em parceria com o BNB e outras instituições estaduais e nacionais; a primeira Feira Flor e Cultura, que aconteceu todos os sábados, durante o primeiro semestre de 2006, no Mercado dos Peões, em Fortaleza, num convênio entre a Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (FUNCET), UNIAGRO e SEBRAE.

O Estado possui também Comissão de Comércio Exterior do Ceará (CCE – CE) com objetivo de estimular as exportações, formada pelo BNB, BB, Governo do Estado, SEBRAE, Correios (através do Programa Exporta Fácil), Federação das

Indústrias do Estado do Ceará – Centro Internacional de Negócios do Ceará (FIEC – CIN), Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

“Existe no BNB o Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDECI) que se destina ao apoio técnico e financeiro a projetos de pesquisa, capacitação e difusão tecnológica” (BNB, 2001b).

O BNB também apóia o setor através de financiamentos, com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) – Flores do Nordeste, com o objetivo de reunir e organizar todos os participantes da cadeia produtiva, para que sejam encontradas opções para o crescimento sustentável so setor.

O BNDES, empresa pública federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), tem como principal objetivo financiar em longo prazo empreendimentos que contribuam para o desenvolvimento do País. O BNDES dá apoio ao setor de flores e ainda dispõe de um programa do Governo Federal para floricultura – Programa de Desenvolvimento Sustentado da Floricultura.

O panorama da floricultura no Ceará pode ser compreendido como de um agronegócio com potencial, mediante o quadro da floricultura mundial. Tem-se o potencial existente em termos de recursos naturais adequados ao desenvolvimento dessa atividade, que apresenta ambiente organizacional estruturado e recursos humanos especializados em área de suporte importantes para o setor. A clarividência política desse potencial e a consciência de que falta o domínio de ativos intangíveis (informação, pesquisa e desenvolvimento, capacitação, transferência de tecnologia e promoção comercial) são necessários, para a construção de um agronegócio competitivo e sustentável, capaz de transformar a realidade social e econômica do Estado do Ceará.

## **CAPÍTULO 3 AS POTENCIALIDADES DO MACIÇO DE BATURITÉ E DA IBIAPABA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FLORICULTURA CEARENSE**

Situado próximo ao litoral, o Maciço de Baturité recebe ventos oriundos do mar, o que garante níveis de precipitação pluviométrica, que oscilam em torno de 600mm a 1.100mm anuais. Suas características geográficas e variação de altitude entre aproximadamente, 700m a 1100m, propiciam clima ameno e paisagem de floresta Atlântica úmida que, por sua vez, contrasta com vegetação arbustiva de ecossistemas áridos, com campos de altitude e com áreas bastante transformadas pelo homem (Quadro 7).

Considerada uma ilha úmida no contexto semi-árido do nordeste brasileiro, lá ainda se encontram representantes variados da fauna, com grande riqueza de insetos e aves e se localiza um dos pontos mais alto do Estado do Ceará, o Pico Alto, com 1.115m de altitude. Nas fazendas, com resquícios de senzalas, são utilizadas práticas tradicionais de agricultura.

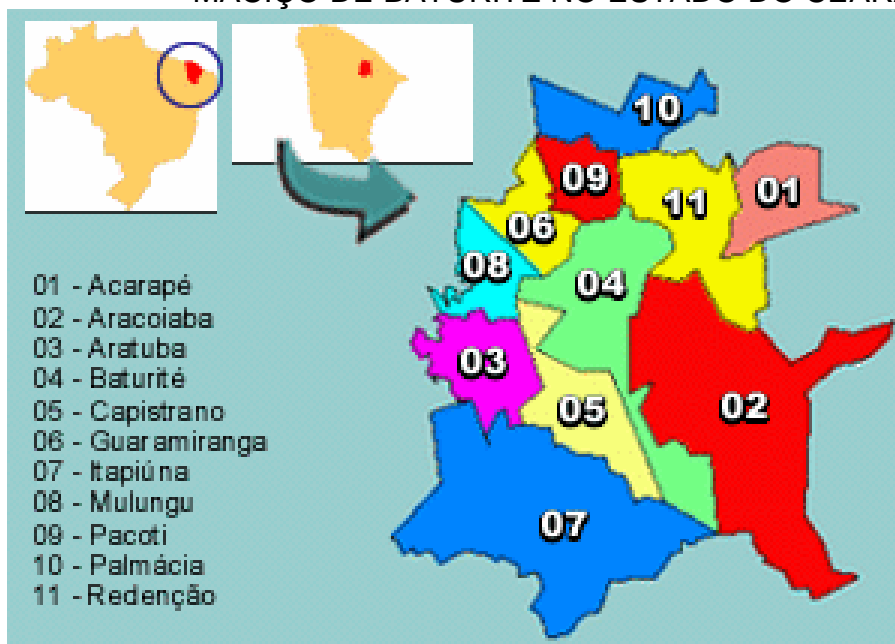
QUADRO 7 - CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DO MACIÇO DE BATURITÉ, CEARÁ	
Temperatura Média (°C)	20 – 22
Umidade Relativa (%)	60 - 95
Insolação (horas/ano)	2000 - 3000
Precipitação (mm)	600 - 1100
Relevo	Suave Ondulado
Altitude (m)	700 - 1100
Solos	Podzólico

Fonte: IPECE, 2002.

Apresenta matas exuberantes, com inúmeras cachoeiras, cascatas e grutas no meio da vegetação, com trilhas ecológicas e paredões para a prática de rapel. A cerca de uma hora de Fortaleza, ergue-se sertão em volta do Maciço de Baturité, com largura média de 22km e área total aproximada de 1300Km<sup>2</sup>. Envolve as cidades serranas como Redenção, Pacoti, Baturité, Mulungu, Aratuba, Palmácia, Aracoiaba, Capistrano, Itapiúna, Acarape e Guaramiranga (Figura 5).

Para este trabalho, os municípios de interesse são Baturité e Redenção, onde foram realizadas as pesquisas de campo, no Sítio Olho d' Água, em Baturité, e no Sítio Vale do Piancó, em Redenção, os quais, juntos, constituem a empresa Flora Tropical, de estrutura familiar, e produzem flores há 25 anos na região.

FIGURA 5 – MUNICÍPIOS QUE PERTENCEM À MICRO-REGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ NO ESTADO DO CEARÁ



Fonte: *City brazil*, 2003.

A expressão serra, com que designa Baturité, acaba por se constituir um pleonismo, pois a toponímia, na suas origens indígenas, originária do tupi, significa Serra Verdadeira.

Baturité tem como data de criação o dia 06 de agosto de 1763, com a instalação em 31 de março de 1764. A cidade fica no sopé do Maciço, numa altitude de 175m acima do nível do mar. Estando a 96km de Fortaleza, Baturité tem uma área de 347,30Km<sup>2</sup>. Seu acesso se dá pelas CE-060 e CE-356. Limita-se ao norte com Pacoti, Redenção e Guarimiranga, ao sul com Itapiúna, à leste com Aracoiaba e à oeste com Mulungu e Capistrano. (IBGE, 2000b).

À época da riqueza do café, foi município dos mais ricos do Estado. Conta com população aproximada de 30 mil habitantes. Repleto de sítios que explora bem a fruticultura, se não é tão extensa como no passado, ainda tem esta atividade como uma das básicas de sua economia, aliada à olericultura e floricultura. O clima da cidade, por estar abaixo das outras cidades serranas, é um pouco mais elevado, sendo semelhante ao da capital, mas privilegiado pela vegetação que ali cerca, com



temperatura que vai da máxima de 30°C e da mínima de 24°C. Baturité é detentor de uma das últimas reservas da Mata Atlântica do Ceará.

Sua economia baseia-se na extração vegetal e em culturas de algodão, banana, arroz, milho, feijão e cana-de-açúcar. Na pecuária de bovinos, suínos e aves. São 29 indústrias presentes no município.

Redenção é a primeira cidade antes de subir o Maciço de Baturité pela CE-060, distando 60km de Fortaleza. Seu nome representa homenagem, pois a cidade serviu de exemplo como primeiro município brasileiro a abolir a escravatura cinco anos antes da princesa Isabel assinar a Lei Áurea. Também, é conhecida como "Rosal da Liberdade". Sua população já tem quase 25 mil habitantes. Possui área de 240,70Km<sup>2</sup>, limitando-se ao norte com Palmácia e Guaiúba, ao sul com Aracoiaba, à leste com Acarape e Barreira e à oeste com Pacoti e Baturité.

A data de criação de Redenção é em 28 de dezembro de 1868, sendo instalada em 21 de julho de 1871. A cidade é um desmembramento de Baturité. Os acessos à cidade se dão através das rodovias CE-060, BR-116 e CE-354. A temperatura de Redenção, comparada às outras cidades do Maciço de Baturité, é elevada, com máxima de 35°C e mínima de 24°C. (IBGE, 2000c).

Sua economia baseia-se na cultura de algodão, banana, cana-de-açúcar, milho e feijão. Na pecuária, bovinos, suínos e aves. Em suas terras, foi registrada a existência de Calcário (calcita), Vermiculita e Talco. O município possui 21 indústrias.

No Maciço de Baturité, além dos municípios de Baturité e Redenção, o "cultivo de flores ocorre também nos municípios de Guaramiranga, Aratuba e Pacoti" (FLORA BRASILIS CEARÁ, 2003a).

Localizada sobre o Maciço de Baturité, a 865 metros de altitude, Guaramiranga está distante de Fortaleza 125km. Com temperatura média anual de 18°C, é conhecida pelo cultivo de flores e também pelos bem-sucedidos festivais de teatro e de *jazz* e *blues*, introduzidos no calendário cultural da cidade.

A produção das flores em Guaramiranga é realizada por proprietários de sítios e/ou empresas produtoras como:

Multiflora: empresa produtora de helicônia e crisântemo, que também possui floriculturas localizadas em Fortaleza, que atua na comercialização de arranjos de flores naturais, ramalhetes, buquês de noiva e na decoração de eventos;

Alexandre Caracas: pequeno produtor de crisântemos, helicônias e samambaias. (FLORA BRASILIS CEARÁ, 2003b).

Pacoti, distante de Fortaleza 97km, possui as mesmas características de Guaramiranga, com clima ameno, rica em diversidade de frutas e flores, cuja produção destas é feita por empresas como:

Agropecuária Jereissati: empresa que atua na produção de flores tropicais (alpínia, antúrio, helicônia, bastão do imperador), rosas e folhagens (dracena, cordyline, papyrus) e comercializa seus produtos com floriculturas e decoradores de Fortaleza, com capacidade para atender outros mercados;

S.S. Domingos: empresa que atua na produção de mudas e flores tropicais (helicônia, alpínia, bromélia) numa área de 3 hectares plantados, com uma previsão de produção futura de 3 mil flores de 20 variedades e comercializa seus produtos junto aos decoradores, floristas e intermediários no Estado. (Idem, 2003c).

Aratuba, mais uma das cidades do Maciço de Baturité, possui altitude de 945m e temperatura que varia com máxima de 25°C e mínima de 14°C. Sua distância de Fortaleza é de 138km.

O Projeto São Tomé - Jovens Produtores Rurais - Ver para Crer começou, em 2003, a fim de capacitar jovens para cultivar flores e olericulturas em Aratuba, um dos maiores produtores de alho do Ceará. Pelo projeto, mais de um milhão de crisântemo e gérbera já foram produzidas nas estufas construídas pela prefeitura. E jovens de várias comunidades rurais locais tiveram a oportunidade de aprender a cultivar.

Para o projeto sair do papel, a prefeitura investiu em 2002, R\$ 5.090 na adaptação de prédios para as estufas. Com as parcerias do SEBRAE, do BNB, da SEAGRI, da Secretarias de Desenvolvimento Local e Regional do Estado do Ceará e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o investimento já chega perto dos R\$ 140.000. O projeto começou depois que o então prefeito Júlio César Batista realizou um diagnóstico da agricultura na cidade, em julho de 2002. O diagnóstico concluiu que a cidade tinha condições de cultivar flores (crisântemo, gérbera) como alternativa ao alho. Ele convidou o agrônomo Edson Westin Dias Filho para coordenar o projeto e capacitar os jovens produtores locais. Este tem experiência em floricultura e olericultura em Israel e no estado de São Paulo. (VICTOR, 2005).

A Ibiapaba ou Serra Grande, que se inicia a 40km do litoral e vai aos confins ocidentais do Estado, conduz ao limite do Ceará ao Estado do Piauí. São 110km, com altitudes que variam de 700m a 980m e temperatura média de 22°C a 25,5°C (Quadro 8).

QUADRO 8 – CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DA CHAPADA DA IBIAPABA, CEARÁ	
Temperatura Média (°C)	22 - 25.5
Umidade Relativa (%)	50 - 85
Insolação (horas/ano)	2000 - 3000
Precipitação (mm)	800 - 1500
Relevo	Plano
Altitude (m)	700 - 980
Solos	Francos

Fonte: IPECE, 2002.

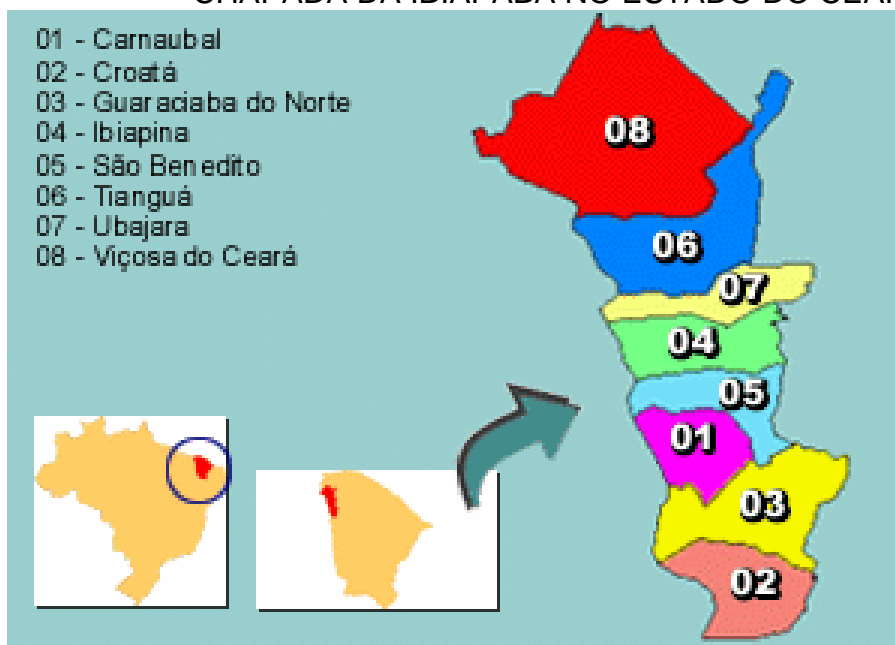
É na Ibiapaba que está localizado o Parque Nacional de Ubajara, na cidade de mesmo nome. Possui cascatas, mata nativa e a famosa gruta de Ubajara.

Faz parte da Ibiapaba as cidades de Viçosa do Ceará, Croatá, Guaraciaba do Norte, Carnaubal, São Benedito, Ibiapina, Ubajara e Tianguá (Figura 6). As cidades são todas interligadas por rodovias asfaltadas e próximas, umas das outras.

São Benedito é o município de interesse deste ensaio, onde também foi realizada atividade de campo na Reijers Produção de Rosas S.A. e Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda., ambas de estrutura empresarial e estabelecidas com incentivo do Governo do Estado do Ceará para o desenvolvimento da floricultura na região, dadas as condições favoráveis.

O município de São Benedito foi fundado em 1872, possui altitude em torno de 901m, população de 38.416 habitantes, uma área total de 301,1km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 127,59hab/km<sup>2</sup>. A temperatura média é de 22°C, com precipitação de 1000mm a 1800mm anuais. (IBGE, 2000d).

FIGURA 6 – MUNICÍPIOS QUE PERTENCEM À MICRO-REGIÃO DA CHAPADA DA IBIAPABA NO ESTADO DO CEARÁ



Fonte: *City brazil*, 2003.

São Benedito está distante de Fortaleza 361Km. Limita-se ao norte com Ibiapina; ao sul com Carnaubal e Croatá; leste com Graça; oeste com o Estado do Piauí. Sua economia baseia-se na produção de café, banana, cana-de-açúcar, mandioca e feijão. Na pecuária, bovinos, suínos e aves. O município possui 19 indústrias.

Na Ibiapaba, além de São Benedito, “a produção de flores também está presente nos municípios de Ubajara, Guaraciaba do Norte e Tianguá” (FLORA BRASILIS CEARÁ, 2003d).

Ubajara está distante de Fortaleza 338Km, possui altitude de 847m e clima serrano, com temperatura que varia de 18°C a 25°C. O potencial para o desenvolvimento da floricultura em Ubajara foi encontrado e trabalhado pelos empreendedores que investem nesse setor como:

Cauim Flora Ltda (de Walter Feichtinger): possui uma área de 0,5 ha. plantados de rosas e gipshofila. Conta com 8 funcionários e está localizado no Distrito de Jaburuna;

Swartt (de Patrícia Swartt): possui uma área de 2,66 ha. de rosas vermelhas, variedade Ipanema, com possibilidade de expandir para 15 ha. caso a demanda de exportações aumente. A área tem

potencial para abrigar 40 hectares de plantio e está localizada na Cachoeira do Boi Morto;

Antônio Augusto Pereira de Sousa, gerente do Agropolo da Ibiapaba: possui uma área de 0,3 hectares da Rosa Carola, no Sítio Cachoeira; Minoru Mikawana, do Grupo Migos e Migas da Internet: em contato com os internautas de Ubajara, percebeu o potencial da região para o plantio de flores, adquiriu um terreno e já deu início às primeiras mudas de orquídeas;

A Associação Florescer: grupo de 20 famílias da localidade de Japitaraca, no Jaburu, está iniciando o plantio de 1 ha. em estufa de Gérbera, com apoio da Reijers. O projeto é para 10 hectares. (FLORA BRASILIS CEARÁ, 2003e).

Distante de Fortaleza 386Km, Guaraciaba do Norte está a 903m de altitude, com temperatura média que oscila entre 24°C e 26°C. No município, o plantio de flores é realizado pelas empresas:

Floricultura Santa Teresinha: atua na produção de plantas ornamentais, rosas e aspargos e comercializa seus produtos na própria região;

Jair Boto Cruz: atua na produção de crisântemos em vasos e possui capacidade para produção anual de 30 mil unidades. (Idem, 2003f).

Tianguá possui temperatura média de 20°C, está a 776m de altitude e distante de Fortaleza 321Km. A produção de flores neste município é exercida pela empresa:

S.A. Rodrigues Distribuidora de Flores e Folhagens: atua na produção de folhages e crisântemos de cortes. Possui produção média semanal de 1200 pacotes, seus principais compradores são do Ceará e Piauí. (Id., 2003g).

### 3.1 Maciço de Baturité: A Floricultura em Redenção e Baturité

No Maciço de Baturité, a empresa Flora Tropical<sup>12</sup>, no mercado há 25 anos é uma das mais antigas produtoras do setor da floricultura no Estado do Ceará.

A empresa começou de maneira informal e possui administração familiar. São 16 hectares plantados de flores tropicais e folhagens distribuídos em duas propriedades: Baturité, no Sítio Olho d' Água, com 7,5 ha., e Redenção, no Sítio Vale do Piancó, com 8,5 hectares (Fotos 6 e 7).



Foto 6 – Sítio Olho d' Água, Baturité-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)

---

<sup>12</sup> As informações que se seguem nesse subcapítulo, referentes à Flora Tropical, foram adquiridas através de entrevistas realizadas, em Baturité e Redenção, com os proprietários: Maria Cândida Soares e Joaquim Nuto Soares e 12 trabalhadores agrícolas. Em Fortaleza, com a Gerente Geral da empresa, Silvânia Nuto, representante da entidade particular, em atividade de campo, no período entre janeiro a fevereiro de 2005.





Foto 7 – Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)

Maria Cândida Soares<sup>13</sup>, 65 anos, proprietária da empresa, cultiva flores desde menina, quando morava em Baturité. O pai já reservava área do Sítio Olho d'Água para que aquela construísse seu jardim.

Joaquim Nuto Soares, também proprietário e esposo de Maria Cândida sabe muito bem administrar o agronegócio gerado a partir da vocação da produtora (Foto 8).

---

<sup>13</sup> Joaquim Nuto diz: “a mania de Maria Cândida por plantas é tão grande que, quando recebi a transferência do trabalho de Natal, para Fortaleza, precisamos nos dividir na mudança. Os cinco filhos foram de ônibus, pois no carro só cabiam eu, ela e as flores. Ninguém da família sabe com certeza se tal apego foi reforçado pelo excesso de mimo do pai ou se, desde criança, ela já apresentava uma vocação inata”. Informação adquirida com Joaquim Nuto, produtor, em entrevista realizada, em Redenção, no Sítio Vale do Piancó, por ocasião desta pesquisa, em janeiro de 2005.



Foto 8 – Proprietários da Empresa Flora Tropical, Sítio Olho d' Água, Baturité-CE  
Fonte: Souza, 2006.

Eles cultivam 40 itens de espécies florísticas, sendo 30 tipos na propriedade de Baturité, onde o abastecimento de água é feito por uma nascente, e a irrigação do plantio por meio de condutores plásticos perfurados (Foto 9); e 10 variedades no sítio em Redenção, onde o abastecimento de água é feito por meio de um açude construído na propriedade (Foto 10), que também irriga o cultivo através de condutores plásticos perfurados, além de transportar os nutrientes necessários às flores e folhagens (Foto 11). O ciclo produtivo é inerente a cada espécie, variando, do plantio à colheita, de 8 a 10 meses até a primeira florada.





Foto 9 – Irrigação Sítio Olho d'Água, Baturité-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)



Foto 10 – Açude Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)





Foto 11 – Irrigação Sítio Vale do Piancó, Redenção-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)

A colheita é realizada todos os dias pela manhã, de segunda a sábado, em ambas as propriedades, pelos trabalhadores agrícolas, que utilizam o carrinho-de-mão para transportá-las até o galpão, onde são lavadas, limpas, colocadas para hidratação, secagem e posteriormente acondicionadas em embalagens de papelão para serem escoadas (Fotos 12, 13 e 14). O transporte da produção, para Fortaleza é realizado por carro próprio diariamente em horário matutino. O desperdício do plantio tem representação percentual em torno de 2%.





Foto 12 – Pós-colheita da Flora Tropical  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)



Foto 13 – Pós-colheita da Flora Tropical  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)



Foto 14 – Pós-colheita da Flora Tropical  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)

O suporte para produção é adquirido através de indústrias que prestam serviços no segmento de produtos agrícolas (defensivos, fertilizantes, hormônios, adubos químicos) e embalagens (caixas de papelão e divisórias/pacotes), instaladas no Ceará.

A proprietária faz pequenos testes em variados lugares das duas propriedades, para ter certeza da implantação do cultivo, que acontece com predominância ao ar livre, mas, para algumas espécies, em cobertura telada, como no caso do *Anthurium andraeanum* e *Cordyline terminalis* (Fotos 15 e 16). As pragas são combatidas, em sua maioria, com produtos orgânicos à medida que vão surgindo na produção, visto que se tem buscado o Selo Orgânico e a mais ocorrente é a formiga. Se dependesse da pouca literatura existente, ela não acredita que compreenderia os anseios de cada espécie, cuja origem se divide entre América do Sul, África e Ásia, pois o gosto pela mata úmida é um só, mas a necessidade de luz, sombra ou calor são variáveis.





Foto 15 – Cultivo de Antúrio em Cobertura Telada, Sítio Olho d'Água,  
Baturité-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)



Foto 16 – Cultivo de Cordyline em Cobertura Telada, Sítio Vale do Piancó,  
Redenção-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005. (Registro Próprio)



Dentre as espécies cultivadas estão *Helicônia rostrata* (Foto 17), *Tapeinochilos ananassae* (Foto18), *Cyperus giganteus* (Foto 19), *Zingiber spectabilis* (Foto 20), *Dracaena sanderiana* (Foto 21), *Alpínia purpurata* (Foto 22), *Caulinha* (Foto 23), *Etilingera elatior* (Foto 24), *Musa Ornata* (Foto 25), *Musgo* (Foto 26).



Foto 17 – Helicônia  
Fonte: Souza, 2006.



Foto 18 - Tapeinoquilos  
Fonte: Souza, 2006.



Foto 19 – Papiros  
Fonte: Souza, 2006.



Foto 20 - Sorvete  
Fonte: Souza, 2006.



Foto 21 – Dracena  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)



Foto 22 - Alpínia  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)



Foto 23 - Caulinha  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)



Foto 24 – Bastão do Imperador  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)



Foto 25 – Musa Ornata  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)



Foto 26 – Musgo  
Fonte: Luzianny Rocha, 2005.  
(Registro Próprio)

Comercialmente, a família produz as flores tropicais e as folhagens há 18 anos. No primeiro trimestre de 2004, exportou para Portugal<sup>14</sup> quase 20 mil unidades de helicônias, alpínias, sorvetes e diversas folhagens para o país europeu.

A Flora Tropical também atua no varejo, seu forte, com floricultura própria, de mesmo nome e sede da empresa, localizada em Fortaleza. Abastecida com a colheita de 8 mil flores por mês, extraídas das duas propriedades. A produção

<sup>14</sup> As flores produzidas pela Flora Tropical chegam a Portugal de 15 em 15 dias. Lisboa é, desde 2004, o primeiro mercado externo que a empresa explora. Informação obtida com Maria Cândida, produtora, em entrevista realizada, em Baturité, no Sítio Olho d' Água, em atividade de campo, em janeiro de 2005.

mensal dos dois sítios é em torno de 3 toneladas, e o faturamento com a exportação varia entre 20% e 25% do total.

A responsável pela Gerência Geral da empresa, Silvânia Nuto, espera bom índice de vendas para 2005, já que as exportações têm aumentado a cada ano.

A Flora Tropical pratica varejo atípico. Enquanto a maior parte das floriculturas se dedica mais à venda de balcão, a empresa se fortaleceu vendendo para o mercado de decoração e fazendo de hotéis<sup>15</sup>, organizadores de eventos, restaurantes, lojas, *buffets* e outras empresas os principais clientes.

A exposição de flores em ambientes também estimula as pessoas a terem flores em casa e incentiva o mercado de varejo dos pequenos consumidores.

As variedades tropicais formam segmento de mercado diferente das flores de clima temperado, sendo adequadas à decoração, adaptadas ao clima e mais resistentes.

Cinquenta por cento do cultivo das propriedades é para o consumo da própria floricultura, direcionada ao consumidor final para decorações de ambientes, casamentos, aniversários, eventos em geral. São vendidos em média 1000 arranjos por semana, e esse valor tende a dobrar em período comemorativo do Dia das Mães, Dia dos Namorados, Finados, Dia Internacional da Mulher e Dia das Secretárias.

A empresa comercializa 20% para outros floricultores e decoradores, e os 30% restantes são vendidos para os Estados do Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte e Portugal. Exportam 800 quilos de flores tropicais (de quatro a cinco mil peças) por semana em parceria com a Quinta das Flores, que produz o abacaxi ornamental.

Os produtores não ficam, porém, só no conhecimento artificial ou na prática da jardinagem. Maria Cândida já fez cursos em São Paulo, participou de exposições de flores tropicais e recebe visitas de especialistas do País e

---

<sup>15</sup> A floricultura tem contrato de fornecimento com cerca de 10 hotéis da cidade de Fortaleza. Informação adquirida com Silvânia Nuto, Gerente Geral da Flora Tropical, em entrevista realizada, em Fortaleza, na sede da empresa, por ocasião desta pesquisa, em fevereiro de 2005.



estrangeiros. A proprietária acredita ser fundamental a atualização e reciclagem para manter o negócio.

São 28 trabalhadores agrícolas para os dois sítios, sendo 16 no Olho d'Água<sup>16</sup>, em Baturité, e 12 no Vale do Piancó, em Redenção. Predomina o sexo masculino, com faixa etária de 25 a 32 anos e nível de escolaridade o Ensino Fundamental completo. Jornada de trabalho de 44 horas semanais, com descanso semanal aos domingos, registrada em carteria, com média salarial de um salário mínimo. Utilizam a bicicleta como meio de deslocamento, pois moram em vilarejos próximos às propriedades. Trabalham há pelo menos 12 anos com os proprietários, e tudo que aprenderam sobre o cultivo de flores foi repassado por Maria Cândida e seu esposo.

---

<sup>16</sup> Foi observada, nesta propriedade, a presença de um trabalhador agrícola surdo-mudo, em atividade de campo, realizada em janeiro de 2005.

### 3.2 São Benedito: A Produção de Flores da Ibiapaba

A produção de flores na Ibiapaba, no município de São Benedito, vem sendo desenvolvida, com expressividade, através das empresas Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda. e Reijers Produção de Rosas S.A. no Estado do Ceará.

A Fazenda Cearosa<sup>17</sup>, de estrutura empresarial, foi fundada em 15 de dezembro de 1999, no Distrito de Inhuçú, pertencente ao município de São Benedito, com capital gaúcho, mas sob administração cearense, para produzir rosas de corte em escala comercial, colhendo as primeiras hastes em 2001 (Foto 27).



Foto 27 - Fazenda Cearosa, São Benedito-CE  
Fonte: Cearosa, 2004.

---

<sup>17</sup> As informações que se seguem neste subcapítulo, referentes à empresa Cearosa, foram adquiridas através de entrevistas realizadas, em São Benedito, com o Presidente/produtor, Paulo Selbach, 21 funcionários agrícolas e com o Engenheiro Agrônomo responsável pelo cultivo da propriedade particular, Julio Cantillo Simanca, por ocasião desta pesquisa, em outubro de 2004.

A propriedade tem 80 hectares de extensão. No projeto inicial, foi construída estufa de 1,5 hectare, com média de 65 mil plantas e produtividade variando de 180 a 200 rosas por metro quadrado por ano.

Com o crescimento da empresa, em 2003 o tamanho do cultivo passou para 3 hectares, também em estufa. No início de 2004, outra ampliação, desta vez construindo uma estufa de 2,5 hectares, totalizando 5,5 hectares de plantio (Foto 28). Para cada hectare de rosas cultivadas em estufa, o investimento foi em torno de US\$ 200 mil.



Foto 28 – Área do Cultivo de Rosas na Cearosa  
Fonte: Cearosa, 2004.

Paulo Selbach, Presidente/produtor da Cearosa, administra a propriedade, que é pioneira na produção de rosas em escala comercial no Estado do Ceará e a primeira multinacional do setor. Também apresenta proposta embutida de oportunidade de crescimento e expansão de mercados (Foto 29).



Foto 29 – Presidente/ Produtor da Empresa Cearosa, São Benedito-CE  
Fonte: Cearosa, 2004.

Na fazenda são produzidas 16 variedades de rosas, em canteiros, onde o abastecimento de água é feito por açude construído na propriedade que irriga o cultivo através de condutores plásticos perfurados e transporta os nutrientes necessários às flores (Fotos 30 e 31). O ciclo produtivo das rosas é em média de 42 dias, da germinação ao ponto de corte.





Foto 30 – Açude que Abastece a Cearosa, São Benedito-CE  
Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 31 – Irrigação do Cultivo das Rosas, Fazenda Cearosa, São Benedito-CE  
Fonte: Cearosa, 2004.

O Engenheiro Agrônomo Julio Cantillo Simanca (colombiano) é o responsável pelo cultivo, no qual a colheita das rosas é feita todos os dias no período da manhã, pelos funcionários agrícolas, inclusive aos domingos e feriados, pois as rosas não podem esperar para serem cortadas. Posteriormente são transportadas para o galpão de pós-colheita, exigindo habilidade e rapidez, por se tratar de produto sensível ao tempo, onde são tratadas, selecionadas, classificadas, embaladas e acondicionadas, em câmara frigorífica, onde ficam aguardando escoamento (Fotos 32, 33, 34 e 35).



Foto 32 – Equipamento de Retirada de Espinhos e Folhas com a Mesa Classificadora do Tamanho das Rosas  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).





Foto 33 - Equipamento de Fechamento dos Bonches (Boncheadora)  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).



Foto 34 - Rosas na Câmara Frigorífica em Hidratação  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).



Foto 35 – Rosas na Câmara Frigorífica, Acondicionadas para Transporte  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).

O transporte da produção para Fortaleza é realizado em caminhão refrigerado, próprio da empresa, em média três vezes por semana, em horário matutino, e segue para depósito climatizado. As perdas na produção e transporte são de 0,5% a 2,5%.

O suporte para o cultivo é adquirido através de indústrias paulistas e cearenses que prestam serviços no segmento de produtos agrícolas (defensivos, fertilizantes, hormônios, adubos químicos) e embalagens (caixas de papelão e divisórias/pacotes), respectivamente.

Existe o cuidado desde a preparação das mudas<sup>18</sup>, em estufas, à manipulação dos porta-enxertos para o desenvolvimento de novas plantas, até o corte das flores e a medição das hastes, que variam de 40 a 80 centímetros. Nas estufas, os botões, tão logo surgem, são protegidos com capuchos de polietileno (Foto 36). No pós-colheita, as flores recebem tratamento com preparado constituído de açúcares, bactericidas e fungicidas, é a solução de acondicionamento.

---

<sup>18</sup> As primeiras mudas foram adquiridas da Colômbia. Informação cedida pelo Engenheiro Agrônomo Dr. Julio Cantillo Simanca, responsável pelo cultivo da Cearosa, em entrevista realizada em outubro de 2004, em atividade de campo, na cidade de São Benedito-Ce.





Foto 36 – Botões de Rosas Protegidos com o Capucho de Polietileno  
Fonte: Cearosa, 2004.

Na Cearosa, para combater eventuais fungos, utiliza-se manipueira, substrato da mandioca, e o leite para afastar o oídio<sup>19</sup>, pois a roseira é uma planta sensível a várias pragas e doenças ao longo de seu ciclo vegetativo. Para prevenir ou curar problemas desse tipo, a empresa recorre a uma série de tratamentos químicos, biológicos e ou culturais. Esse pacote de ações é chamado Manejo Integrado de Pragas e Doença.

Já foram plantadas na fazenda mais de 2.000 mudas de "Nim", planta que é muito utilizada por suas propriedades medicinais e por ser excelente inseticida e fungicida natural (Foto 37). Além dessas, 1.500 pés de "Acácia Africana" e 1.000 de "Sansão do Campo", plantas utilizadas como quebra-vento.

---

<sup>19</sup> O oídio é causado por um fungo chamado *Sphaerotheca fugilinea*, que se parece com um pó branco nas folhas de variadas culturas. Os fungicidas químicos indicados para o combate ao oídio são caros, cerca de R\$ 135 o litro, enquanto o leite cru custa R\$ 0,50 o litro. Além disso, a solução é totalmente inócua ao meio ambiente, não causando nenhum impacto ambiental, o que não se pode dizer o mesmo dos fungicidas utilizados para o controle da doença. Esclarecimento dado pelo Engenheiro Agrônomo Dr. Julio Cantillo Simanca, em entrevista realizada, por ocasião desta pesquisa, em outubro de 2004, na cidade de São Benedito-Ce.



Foto 37 – Nim

Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).

Dentre as variedades de rosas cultivadas na Cearosa estão a *Carola*, *Eliza*, *Salmone*, *Attaché*, *Chaim Soutine*, *Hot Princess*, *Concorde* e *Prima Donna*+ (Fotos 38 a 45).



Foto 38 - *Carola*

Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 39 - *Eliza*

Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 40 - *Salmone*

Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 41 - *Attaché*

Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 42 - *Chaim Soutine*

Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 43 - *Hot Princess*

Fonte: Cearosa, 2004.





Foto 44 - *Concorde*  
Fonte: Cearosa, 2004.



Foto 45 - *Prima Donna+*  
Fonte: Cearosa, 2004.

As rosas produzidas na Fazenda Cearosa são comercializadas pelo escritório da empresa em Fortaleza, para as floriculturas, decoradores e distribuidores locais e de outros Estados do Brasil, sem a necessidade de atravessadores. Os mercados consumidores da empresa, além do Ceará, são os Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas e o Distrito Federal.

Os picos de demanda são contornados com programação e utilização da capacidade máxima de produção. Destaca-se o Dia Internacional da Mulher, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Secretária e Natal.

Paulo Selbach, visando à expansão de mercado da Cearosa, acertou na Holanda, em outubro de 2004, uma associação com o grupo equatoriano Flores de Cotopaxi<sup>20</sup>. Pelo acordo, a empresa cede 49% de suas ações para receber em troca investimentos em tecnologia, estimados em torno de US\$ 2 milhões.

São 70 funcionários agrícolas, contratados pela Cearosa. Predomina o sexo feminino, com faixa etária de 22 a 30 anos e nível de escolaridade o Ensino Fundamental completo. Jornada de trabalho de 44 horas semanais, em regime de escala, para atender os domingos e feriados, registrada em carteria, com média salarial de um salário mínimo. Utilizam a bicicleta como meio de deslocamento, pois moram em localidades próximas à propriedade. Trabalham há pelo menos 4 anos na fazenda, e as orientações que aprenderam sobre o cultivo de flores foram repassadas pelo Engenheiro Agrônomo Julio Cantillo e por Técnicos Agrícolas da SEAGRI, que dão suporte à produção.

---

<sup>20</sup> Empreendimento que tem duas fazendas de cultivo de rosas, uma com cerca de 14 hectares e outra de 9 hectares, uma distribuidora em Miami, e atualmente exporta para 35 países. Esclarecimento fornecido pelo Presidente/produtor da Cearosa, Paulo Selbach, em entrevista realizada em outubro de 2004, em atividade de campo, na cidade de São Benedito-Ce.

O empreendimento da família holandesa Reijers<sup>21</sup> teve início com a produção de flores em 1971, na cidade de Holambra, em São Paulo, com o cultivo de rosas e cravos, sendo a primeira empresa do Brasil a produzir rosas em escala comercial. Ao longo dos anos, o empreendimento, de estrutura empresarial, conquistou credibilidade e detém 40% do mercado interno.

Roberto Reijers, Diretor de Produção da empresa, dirige as propriedades que produzem 34 espécies diversificadas de flores nas cidades de Pinhal e Santo Antônio da Posse em São Paulo, onde fica a sede da empresa; Minas Gerais, nos municípios de Itapeva e Andradas; e no Ceará, na Ibiapaba, nos municípios de São Benedito<sup>22</sup> e Ubajara (Foto 46).



Foto 46 – Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).

---

<sup>21</sup> As informações que se seguem neste subcapítulo, referentes à empresa Reijers, foram adquiridas através de entrevistas realizadas, em São Benedito, com o Diretor de Produção, Roberto Reijers, 51 funcionários agrícolas e com o Administrador Geral da empresa, Paulo César Martins Paiva, representante da propriedade particular, por ocasião desta pesquisa, em outubro de 2004.

<sup>22</sup> Município de interesse para análise da presente dissertação.

A Reijers possui área de mais de 100 hectares para o cultivo de rosas e 25 hectares destinados a outras flores (cravos, lírios e helicônias), gerando aproximadamente 1.300 empregos diretos.

Os dirigentes da empresa, após visitar o Ceará em 2001, tomaram a decisão de que novos investimentos passariam a ser aplicados no Estado, na Ibiapaba, objetivando exportação<sup>23</sup>. Sendo inaugurada em 2002, no município de São Benedito, a Reijers Produção de Rosas S.A.<sup>24</sup>, numa área de 20 hectares, estando em produção 11 hectares em estufa, com investimento em torno de US\$ 3 milhões. Em 2003, foi inaugurada a Reijers Agrofloricultura, no município de Ubajara, numa área de 50 hectares, implantando 4 hectares, também em estufa, sob administração de Geraldo Reijers, irmão do Roberto Reijers.

Paulo César Martins Paiva é o Administrador Geral da Reijers Produção de Rosas S. A., onde o Grupo levou em consideração, além do clima, a posição estratégica do Estado do Ceará, situado a aproximadamente seis horas de vôo dos Estados Unidos, Argentina e Europa, para conquistar mercados exigentes como o da Holanda.

Outra vantagem que a empresa encontrou para realizar o plantio de rosas no Estado foi a possibilidade de produzir durante todo o ano, sem os problemas da sazonalidade encontrada em São Paulo e Minas Gerais.

Na propriedade, são cultivadas 18 variedades de rosas, em vasos de plástico com substrato de coco, onde o abastecimento de água é feito por poços artesianos que irrigam a produção por meio de condutores plásticos perfurados e transportam também os seus nutrientes necessários (Foto 47). O ciclo de produção ocorre entre 35 e 45 dias, da germinação até o ponto de corte.

---

<sup>23</sup> Até então, o principal alvo da Reijers era o mercado brasileiro. Informação obtida com Roberto Reijers, Diretor de Produção da empresa, em entrevista realizada em outubro de 2004, em atividade de campo, na cidade de São Benedito-Ce.

<sup>24</sup> Empresa de interesse para análise do presente ensaio.





Foto 47 – Irrigação da Produção de Rosas, Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).

As rosas são colhidas diariamente em horário matutino, são transportadas, em água, para galpão de pós-colheita, a temperatura de 8°C. Em seguida são classificadas por variedade, tamanho de haste<sup>25</sup> e ponto de abertura do botão. Depois, armazenadas dentro de câmara fria a temperatura de 2°C, à disposição da expedição (Fotos 48 a 51).

---

<sup>25</sup> O tempo de vida das hastes, desde a poda, varia de 11 a 20 dias, no máximo, de acordo com a espécie e cuidados dispensados. Esclarecimento fornecido pelo Administrador Geral da empresa Reijers, Paulo César Martins Paiva, em entrevista realizada, por ocasião desta pesquisa, em outubro de 2004, na cidade de São Benedito-Ce.





Foto 48 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).



Foto 49 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).





Foto 50 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).



Foto 51 – Pós-colheita, Fazenda Reijers, São Benedito-CE  
Fonte: Luzianny Rocha, 2004. (Registro Próprio).



O transporte da produção para Fortaleza é realizado em caminhão próprio da empresa, climatizado a 2°C, em média três vezes por semana, pela manhã. Posteriormente, seguem para as câmaras resfriadas do aeroporto, com a mesma temperatura, aguardando o seu local de destino. Os desperdícios na produção e transporte são entre 3% e 4%.

O suporte para o cultivo é adquirido, no segmento de produtos agrícolas (defensivos, fertilizantes, hormônios, adubos químicos), através de indústrias de São Paulo e, no segmento de embalagens (caixas de papelão e divisórias/pacotes), através de indústrias do Ceará.

As rosas são produtos perecíveis e requerem cuidados especiais, principalmente em relação à embalagem, ao armazenamento e ao transporte. Suas variedades acompanham as tendências do mercado (cor, tamanho da haste, durabilidade, quantidade de pétalas, produtividade). Por isso, o processo logístico, desde a colheita até o momento da comercialização, precisa ser rápido e eficiente, para que o desperdício seja o mínimo possível.

O Grupo Reijers combate às pragas que aparecem no plantio utilizando defensivos e controle biológico.

Dentre as variedades de rosas cultivadas na fazenda estão a *Passion*, *Brazilian Lady*, *Avalanche*, *Prima Donna*, *Sonrisa*, *Melanie*, *Attracta* e *Serena* (Fotos 52 a 59)<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Todas as fotos utilizadas no trabalho têm uma significação, não somente ilustrativas, elas apresentam as diversas etapas técnicas que constituem a cadeia produtiva. Além do aspecto visual, existe a beleza que contribui para modificar a paisagem dando condições ambientais de alegria e paz espiritual. Esse novo espaço contribui para consolidação do capital no Estado do Ceará.

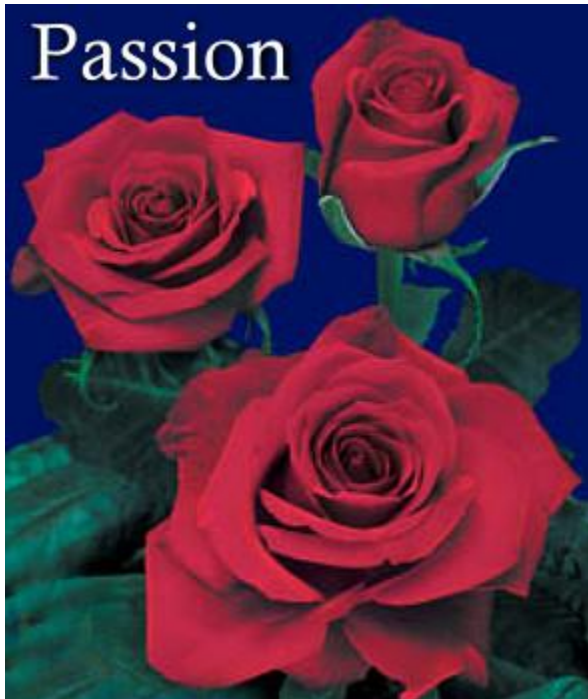


Foto 52 – *Passion*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 53 – *Brazilian Lady*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 54 – *Avalanche*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 55 – *Prima Donna*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 56 – *Sonrisa*  
Fonte: Reijers, 2004.

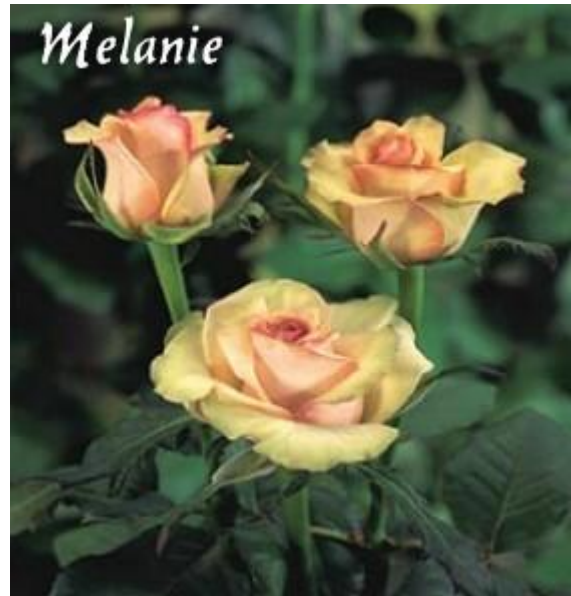


Foto 57 – *Melanie*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 58 – *Atraccta*  
Fonte: Reijers, 2004.



Foto 59 – *Serena*  
Fonte: Reijers, 2004.

A comercialização das rosas ocorre localmente, através da FloraReijers, e nacionalmente, através da FloraNet, empresas pertencentes ao Grupo Reijers que fornece seus produtos para o mundo através de leilão na Holanda, país para onde é exportado 80% da produção de São Benedito, em média duas vezes por semana, desde agosto de 2003, quando foi enviada a primeira remessa de 3 toneladas de rosas, uma carga avaliada em US\$ 6 mil. Os 20% restantes permanecem no mercado nacional, Ceará e São Paulo.

A utilização da capacidade máxima de produção da empresa ocorre nos picos de demanda, que são contornados com programação. Destaca-se o Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia Internacional da Mulher, Natal, e já se incita o Dia da Amizade.

A expansão da Reijers reforça o Projeto Rosas do Ceará, da SEAGRI, que, desde 2000, vem investindo no setor. A empresa, em parceria com o Governo Estadual vem colaborando com o Projeto Florescer, implementado pela SEAGRI, que envolve apoio técnico de comercialização e infra-estrutura para pequenos produtores.

São 171 funcionários agrícolas, contratados pelo Grupo. Predomina o sexo feminino, com faixa etária de 20 a 30 anos e nível de escolaridade o Ensino Fundamental completo. Jornada de trabalho de 44 horas semanais, em regime de escala, para atender os domingos e feriados, registrada em cartería, com média salarial de um salário mínimo. Utilizam a bicicleta como meio de deslocamento, pois moram em vilarejos próximos à empresa. Trabalham há pelo menos 2 anos na propriedade, e as orientações que aprenderam sobre o cultivo de flores foram repassadas pelo Engenheiro Agrônomo responsável pelo plantio e por Técnicos Agrícolas da SEAGRI, que acompanham a produção.

### 3.3 Apontando Propostas de Viabilidade Ambiental e Social

Para expansão do setor da floricultura em Baturité, Redenção e São Benedito e demais municípios no Estado do Ceará, com potencialidades para o desenvolvimento dessa atividade agrícola, a fim de que esse agronegócio tenha caráter competitivo e influência positiva para economia cearense, apontam-se como propostas de viabilidade ambiental e social, diante do exposto pelo trabalho:

- Aperfeiçoamento produtivo;
- Tratamento fitossanitário preventivo;
- Análise do solo, para adequação de espécies a serem produzidas, bem como utilização de produtos agrícolas necessários;
- Suporte técnico especializado, com acompanhamento e fiscalização mais presente nas propriedades;
- Incentivo à formação de parcerias entre pequenos produtores, objetivando o aumento da competitividade na floricultura cearense;
- Programação da produção, primeiro vender, depois produzir;
- Pesquisas em tecnologias apropriadas;
- Adequação de embalagem, para melhor conservação do produto;
- Otimização do sistema de transporte;
- Exigência de certificação ambiental, como maneira de prevenir o uso de agrotóxicos prejudiciais ao meio ambiente;
- Melhora no inter-relacionamento entre os segmentos envolvidos;
- Estudos da cadeia produtiva;
- Elaboração de “regras” fitossanitárias;
- Estratégias de *marketing*, propaganda, promoção de vendas, como incentivo ao consumo de flores e fortalecimento da produção;
- Presença de mercado atacadista forte na capital, para o desenvolvimento do setor;
- Incentivo à instalação de empresas especializadas em insumos e serviços no segmento da floricultura, como meio de diminuir custos para as empresas e gerar novos postos de empregos e divisas;

- Abertura de novos mercados e integração com mercados vizinhos;
- Aumento de linhas de créditos especiais, com condições exclusivas para o setor, visando também ao pequeno produtor;
- Diminuição de impostos, frete para exportação;
- Organização das informações das diversas etapas da cadeia produtiva do setor;
- Orientação para profissionais da floricultura quanto ao estabelecimento de novas técnicas para produção e comercialização;
- Estímulo a fim de investir no setor, que é fonte de geração de emprego e divisas no meio rural e urbano;
- Apresentação da elevada rentabilidade da atividade e do mercado consumidor interno e externo em expansão;
- Capacitação e qualificação da mão-de-obra, pois o setor necessita de um efetivo incremento de capital humano (educação, saúde), como fator fundamental de sucesso competitivo;
- Especialização da mão-de obra, com respectiva elevação do salário real, dada a implantação de escola técnica agrícola próxima aos pólos produtivos, viabilizando a formação de profissionais para atuarem junto ao setor;
- Logística de apoio fundiário, com implantação de perímetro irrigado, favorecendo os pequenos produtores e/ou cooperativas;
- Melhoria na infra-estrutura de telecomunicação, rede elétrica, estradas e aeroportos regionais, para facilitar o escoamento da produção;
- Manutenção da qualidade do produto e permanência da empresa no mercado, fator que gera confiabilidade;
- Criação de cursos profissionalizantes e universitários, na capital, voltados para a floricultura, difundindo, assim, a cultura dessa atividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a análise desta pesquisa, sob um olhar geográfico a respeito da produção de flores no Estado do Ceará, nos municípios de Baturité, Redenção e São Benedito aponta diferenças principalmente no que diz respeito à organização das áreas produtivas.

Em Baturité e Redenção, localiza-se a produção da empresa Flora Tropical, que apresenta estrutura familiar, no mercado há 25 anos, tendo sido praticado o cultivo de flores por *hobby*, e posteriormente observado nessa atividade oportunidade de agronegócio, tornando-se comercial há 18 anos.

Localiza-se, em São Benedito, o cultivo das empresas Cearosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda. e Reijers Produção de Rosas S.A. A Cearosa está no mercado há 6 anos, pioneira no Ceará no setor da floricultura, e a Reijers apresenta 34 anos de experiência na atividade florística, mas está somente há 4 no Estado, sendo a primeira no Brasil a produzir flores. Ambas apresentam estrutura empresarial e foram instaladas com incentivos governamentais (fiscais e financeiros), para fins de comercialização em escala, visando ao mercado externo.

A produção da Flora Tropical caracteriza-se por se realizar predominantemente em campo aberto; cultivar as flores tropicais (alpínias, helicônias, outras) e folhagens (cordyline, dracenas, outras); destinar o plantio para abastecimento próprio (já que possuem floricultura em Fortaleza), local, nacional e internacional, em ordem de importância; apresentar organização das propriedades (Sítio Olho d' Água – Baturité, Sítio Vale do Piancó – Redenção) de forma irregular, em função da própria geografia do terreno ondulado e montanhoso, onde se percebe que só os proprietários e trabalhadores agrícolas diferenciam o local da produção das 40 espécies cultivadas nas duas propriedades; não possuir entressafra, dada a variedade florística e de folhagens, pois sempre estão cultivando alguma espécie em ambos os sítios; utilizar mão-de-obra local masculina.

Os proprietários da Flora Tropical acompanham e orientam a produção das flores e folhagens dos dois sítios, mas, sempre que necessitam, contam com apoio de Técnicos Agrícolas da SEAGRI.

Na Cearosa e Reijers, o cultivo caracteriza-se por se praticar totalmente em estufa; produzir as flores temperadas (rosas); escoar a produção para abastecimento nacional e local, no caso da Cearosa, internacional e nacional, no caso da Reijers, em ordem de prioridade; apresentar organização das fazendas muito bem estabelecida, favorecida pela própria geografia do terreno plano; aproveitar as entressafras para se organizar internamente; utilizar mão-de-obra local feminina que prefere trabalhar com a floricultura a horticultura, mesmo com o nível de exigência de cuidados maiores que a última.

A produção das rosas nas empresas, Cearosa e Reijers, recebem orientação e acompanhamento de Engenheiros Agrônomos contratados pelas mesmas e apoio de Técnicos Agrícolas da SEAGRI.

A quantidade de empregos gerados pelas duas produtoras é bastante significativa no município de São Benedito, totalizando 241 empregos diretos. As empresas perdem apenas para a prefeitura local em número de postos de trabalho.

Constata-se, durante a pesquisa, que as duas fazendas, apesar de apresentarem tamanhos diferentes, são planejadas como verdadeiras linhas de produção e têm alto grau de organização e detalhamento em cada uma das atividades executadas. Possuem profissionais qualificados, que aplicam técnicas compatíveis com as empregadas nos maiores produtores mundiais. Percebe-se na entrada da fazenda Cearosa que os veículos e pedestres passam por uma solução de cloro para evitar o transporte de microorganismos.

Fatos esses pouco observados nas propriedades da Flora Tropical; o que mostra a necessidade de melhor acompanhamento técnico e investimento do Estado para região do Maciço de Baturité, que se apresenta tão promissora para a economia cearense, enquanto região com condições favoráveis para o agronegócio da floricultura, com ênfase também à exportação.



As empresas analisadas reconhecem o esforço do Estado em divulgar as “Rosas do Ceará” e “Flores do Ceará”, inclusive tendo criado estas marcas, mas pedem a intensificação da divulgação destas para estimular o aumento nas vendas, no contexto nacional e nas exportações. Outra estratégia de *marketing* apontada é a propaganda em feiras e eventos relacionados ao setor, nacionais e internacionais. Esta ação também serve como forma de obter informações sobre as tendências do mercado.

O aumento de floricultores nas regiões é mais uma sugestão dos produtores, que alavancaria os fluxos da cadeia produtiva da floricultura, desde a aquisição de insumos até a venda dos produtos ao consumidor, pois a consolidação do “Agropólo da Ibiapaba e do Maciço de Baturité” atrairia fabricantes e fornecedores de insumos para o entorno. Como exemplo, pode-se citar um fabricante de estruturas metálicas para estufas, que se instalou no município de Croatá, na Ibiapaba, a partir da implantação das primeiras empresas produtoras de rosas na região.

A floricultura pode ampliar e diversificar, primordialmente, o mercado de trabalho no Ceará. Contando com bolsões-oásis propícios para isso o ano todo, a exemplo do Maciço de Baturité e da Ibiapaba. A atividade é propícia de ocorrer, também, em ambientes com climas mais secos, produzindo o mini-cactu, planta ornamental de alto valor agregado com amplo mercado a ser explorado e conquistado, com projeto em andamento, Produção de Cactus no Semi-Árido, já desenvolvido pela SEAGRI, uma alternativa para o sertão cearense.

Essas considerações são colocadas no sentido de contribuir para a alavancagem da cadeia produtiva da floricultura na região do Maciço de Baturité e da Ibiapaba, como também em todo o Ceará, que sustenta e confirma a hipótese do presente ensaio de que tais vantagens comparativas só se converterão em vantagens competitivas, de modo a contribuir com o desenvolvimento econômico do Estado, se houver um esforço coletivo que faça a promoção dos arranjos produtivos locais da floricultura cearense.

É necessário, também, haver mais incorporação científica, tecnológica e informacional objetivando a expansão do agronegócio em destaque, para que

resulte em transformações econômicas e sócio-espaciais, já que a produção de flores também se realiza de forma globalizada, se não na sua produção propriamente, através da sua circulação, distribuição e consumo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J. Rubens. **Plano de Internacionalização de um Consórcio de Empresas de Pequeno Porte Produtoras de Flores no Estado do Ceará.** (Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização). Fortaleza: Universidade Católica de Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. Ceará é Campeão de Exportação para Exterior. **Jornal O POVO**, Fortaleza, 18 set. 2004. Agronegócios.

AKI, Augusto. Sobre o Novo Comportamento para os Diversos Agentes da Cadeia de Flores em um Mercado de Oferta. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, São Paulo, v. 4, n. 1, 1997.

ALVES, G. **O Novo (e precário) Mundo do Trabalho:** Reestruturação Produtiva e Crise do Sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho:** Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR14724:** Informação e Documentação: Trabalhos Acadêmicos: Apresentação. Rio de Janeiro: 2005.

ASSUNÇÃO, Maria Inês. Mulheres Revitalizam a Agroindústria Alagoana com Flores de Qualidade. **DBO Sul**, São Paulo, jan. 2006. Notícias. Disponível em: <<http://www.dbosul.com.br/noticias.html>>. Acesso em: 3 jun. 2005.

BNB. **Banco do Nordeste Estimula Cultivo de Flores.** Fortaleza: 2001.

BORGES, Neiliane S. S. **Influência da Adição de Meio de Cultura Líquido no Crescimento e Desenvolvimento de Gemas de Abacaxi Ornamental (*Ananas lucidus* Miller) In Vitro.** (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e Capital Monopolista: a Degradação do Trabalho no Século XX**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CARLEIAL, L.; VALLE, R. (Orgs). **Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997.

CASTRO, C. E. F. Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 4, n. 1/2, 1998.

CEAROSA. **Fotos**. 2004. 14 fotografias. Disponível em: <<http://www.cearosa.com.br.html>> Acesso em: 16 jan. 2006.

CENIQUEL, Mário. Paisagem e Configuração Espacial no Rio de Janeiro: Os Espaços Livres Urbanos no Século XIX. In: Paisagem Ambiente, 1995, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1995.

*CITY BRAZIL*. **Destaques da Região de Baturité**, 2003. Disponível em: <<http://www.citybrazil.com.br/ce/regioes/baturite.html>> Acesso em: 3 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Destaques da Região da Ibiapaba**, 2003. Disponível em: <<http://www.citybrazil.com.br/ce/regioes/ibiapaba.html>>. Acesso em: 3 dez. 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996.

COSTA, M. P. B. **Uma Análise dos Fatores Determinantes da Competitividade de Flores no Estado do Ceará**. (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: UNIFOR, 2003.

CURVINEL, Paulo E. Instrumentação Agropecuária no Agronegócio Brasileiro do Século XXI. **Embrapa Instrumentação Agropecuária**, São Paulo, jun. 2000. Disponível em: <<http://www21.sede.embrapa.br/artigos.html>>. Acesso em: 08 nov. 2005.

DRUCK, Maria das Graças. Globalização e Reestruturação Produtiva: O Fordismo e/ou Japonismo. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.19, n.2, abr. 1999.

ELIAS, Denise e SAMPAIO, José Levi Furtado.(orgs). **Modernização Excludente**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

\_\_\_\_\_. A Atividade Agropecuária do Estado do Ceará no Contexto da Globalização. In: Amora, Z. B. (org.). **Ceará: Enfoques Geográficos**. Fortaleza: Funece, 1999.

EMBRAPA – AGROINDÚSTRIA TROPICAL. **Começa Projeto Agroflores de Inovação Tecnológica**. Fortaleza: Centro Nacional de Pesquisa de Agroindústria Tropical, 2002.

EXPORTAÇÕES de Flores Brasileiras Registram Expansão de 30%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 ago. 2004. Notícias.

**FLORA BRASILIS**, 2004. Disponível em: <<http://www.florabrasilis.com.br.html>>. Acesso em: 20 jun 2005.

\_\_\_\_\_, **Ceará**, 2003. Disponível em: <<http://www.florabrasilisceará.com.br.html>> Acesso em: 18 dez. 2005.

\_\_\_\_\_, **Catálogo de Flores de Plantas Ornamentais**. 2003. 2 fotografias. Disponível em: <<http://www.florabrasilisceará.com.br.html>>. Acesso em 16 jan. 2006.

*FLORACULTURE INTERNATIONAL*. **2001 Floriculture Imports**, 2002. Disponível em: <<http://www.floracultureintl.com.html>>. Acesso em: 20 jun. 2005.

FREITAS, Narciso. Pernambuco em Flores. **IBRAFLOR**, São Paulo, n. 25, maio. 2001.

FURASTÉ, P. Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**, que Todo Mundo Pode Saber Inclusive Você. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2004.

*GEOCITIES*. **A Floricultura no Brasil**, 2004. Disponível em : <<http://www.geocities.com/rainforest.html>>. Acesso em: 20 jun. 2005.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

IBGE. **Caracterização do Setor Produtivo de Flores e Plantas Ornamentais no Brasil**. São Paulo: 2004

\_\_\_\_\_, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br.html>>. Acesso em: 2 maio 2005.

IBRAFLOR. **Diagnóstico da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil**, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.uesb.br/flower/ibraflor.html>>. Acesso em: 20 jun. 2005.

IPECE, 2002. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br.html>>. Acesso em: 2 maio 2005.

JÚNIOR, Francisco de Q. M. Evoluindo no Convívio com as Secas. **Jornal O POVO**, Fortaleza, 11 mar. 2006. Ponto de Vista.

JÚNIOR, Antônio Thomaz. Por uma Geografia do Trabalho. **IV Colóquio Internacional de Geocrítica**, Barcelona, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit.html>>. Acesso em: 12 fev. 2005.

JUNQUEIRA, A. Hélio; Peetz, M. da Silva. Análise Conjuntural das Exportações de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil (Janeiro a Dezembro de 2004). **Flora Brasiliis**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.ibraflor.com.br/ibraflor.html>>. Acesso em: 15 out. 2005.

KIYUNA, I.; ÂNGELO, J. Alberto; COELHO, P. José. Floricultura: Desempenho do Comércio Exterior em 2005. **Instituto de Economia Agrícola**, São Paulo, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br.html>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Floricultura: Tendência Crescente nas Exportações. **Instituto de Economia Agrícola**, São Paulo, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br.html>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

LEITÃO, Ana Paula Sá. Produção de Flores Tropicais. **FRUTAL**, Fortaleza, set. 2001. 1 CD-ROM.

LEITE, Marcia de P. **O Futuro do Trabalho** – Novas Tecnologias e Subjetividade Operária. São Paulo: Scritta, 1994.

LIMA, Luiz Cruz. Produção do Espaço, Sistemas Técnicos e Divisão Territorial do Trabalho. **Scripta Nova**, São Paulo, n.119, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit.html>>. Acesso em: 12 fev. 2005.

LOPES, Sílvia H. M.; TAVARES, Sérgio R. **FESTFLORA**, Fortaleza, ago. 2001. 1 CD-ROM.

MATOS, Carlos. Ceará Fatura US\$ 15 milhões com Planta Ornamental. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 maio 2001. Agrícola.

MATSUNAGA, Minoru. A Indústria da Flor no Mundo e o Comércio Internacional do Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 3, n. 2, 1997.

MELYANA, Comércio Ltda. **Catálogo de Flores e Plantas Ornamentais**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.melyana.com.br.html>>. Acesso em: 10 maio 2006.

MINAYO, M. C. de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, Método e Criatividade. São Paulo: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Manoella. Para Falar de Flores. **Jornal O POVO**, Fortaleza, 3 out. 2004. Agronegócios 6.

MORAIS, Rogério. Ceará se Transforma em Potência na Produção e Flores. **Agência Sebrae de Notícias**, São Paulo, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.asn.interjornal.com.br.html>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

OLIVEIRA, F. Zuza de. Agricultura Irrigada Cearense Cresce 2.500% em Cinco Anos. **Municípios do Ceará**, Fortaleza, n. 60, set. 2004.

OLIVEIRA, A. U. de. Agricultura Brasileira: Transformações Recentes. In ROSS, Jurandy L. (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

OPTIZ, Renato. Venda de Flores e Plantas Pode Crescer no Brasil e no Exterior. **Fazendeiro**, São Paulo, out. 2005. Disponível em: <<http://www.clubedofazendeiro.com.br/noticias.html>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

PEREIRA, M. H. **Empobrecimento e Permanência do Produtor Feirante no Processo Produtivo**: Um Estudo no Município de Lavras-MG. (Dissertação de Mestrado). Minas Gerais: ESAL, 1992.

PIMENTEL, M. O Comércio que Floresce. **Panorama Rural**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, 2000.

PLANEJANDO a Exportação. **Aprendendo a Exportar Flores e Plantas Ornamentais**, Brasília, jun. 2003. 1 CD-ROM.

ROSAS do Ceará. **Jornal O POVO**, Fortaleza, 27 out.2004. Opinião.

REIJERS. **Nossas Variedades**. 2004. 8 fotografias. Disponível em: <<http://www.reijers.com.br.html>>. Acesso em: 16 jan. 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização**. São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo**. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHERER, Andréa M. S. Flores da Bahia. **IBRAFLOR**, São Paulo, n. 26, jun. 2001.

SEAGRI. **Flora Brasilis Ceará**. Ceará: 2004. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Flores do Ceará**. 2004. 2 fotografias. Disponível em: <<http://www.floresdoceara.com.br.html>>. Acesso em: 12 dez. 2005.

SEBRAE. **Estudo exploratório – Setor Floricultura**. Ceará: 1999.

SECEX. **Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior**, Exportação, Importação e o Saldo da Balança Comercial Brasileira de Plantas Vivas



e Produtos da Floricultura, Brasília, 2006. Disponível em: <[http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta\\_nova.html](http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta_nova.html)>. Acesso em: 16 jan. 2006.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior**, Exportação, Importação e o Saldo da Balança Comercial Brasileira de Plantas Vivas e Produtos da Floricultura, Brasília, 2005. Disponível em: <[http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta\\_nova.html](http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta_nova.html)>. Acesso em: 16 jan. 2006.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior**, Exportação, Importação e o Saldo da Balança Comercial Brasileira de Plantas Vivas e Produtos da Floricultura, Brasília, 2004. Disponível em: <[http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta\\_nova.html](http://alicesweb.mdic.gov.br/consulta_nova.html)>. Acesso em: 16 jan. 2006.

SIGA. **Exportações do Agronegócio Cearense**, Fortaleza, 2000. Disponível em: <<http://www.seagri.ce.gov.br/siga.html>>. Acesso em: 3 fev. 2005.

\_\_\_\_\_. **Exportações Cearenses dos Produtos da Floricultura**, Floricultura, 2004. Disponível em: <<http://www.seagri.ce.gov.br/siga.html>>. Acesso em: 3 fev. 2005.

SILVA, J. Graziano. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. **Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SILVEIRA, Rosiris. B. de Aguiar. Floricultura no Brasil. **Horticultura Ornamental**, São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.uesb.br/flower/florbrasil.html>>. Acesso em: 13 out. 2005.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-modernas - A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Ernesto de. **Revista Globo Rural**. São Paulo, 2006. 5 fotografias. Disponível em: <<http://www.revistagloborural.globo.com/GloboRural.html>>. Acesso: 2 maio 2006.

VANTAGENS em Exportar. **Aprendendo a Exportar Flores e Plantas Ornamentais**, Brasília, jun. 2003. 1 CD-ROM.

VICTOR, Joerly R. **Do Alho aos Crisântemos**: Um Projeto que Mudou Aratuba. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2005.

## **APÊNDICE**

## Apêndice A – Roteiro das Entrevistas

Roteiro das Entrevistas			
Assuntos abordados	Entrevistados		
	Produtores	Trabalhadores	Representantes de Entidades Públicas e Privadas
Histórico da Floricultura	X		X
Pólos de Produção			X
Espécies Cultivadas	X		X
Destino da Produção	X		X
Hectares Destinados ao Cultivo	X		X
Tecnologias Utilizadas	X		X
Irrigação	X		X
Capacitação	X	X	X
Incentivos	X		X
Instituições Ligadas à Atividade			X
Exigência do Mercado			X
Tempo de Produção (média)	X		X
Transporte da Produção	X		X
Desperdício da Produção (média)	X		X
Suporte para Produção	X		
Pragas no Cultivo	X		
Empregados por Hectares (média)	X		X
Perfil do Trabalhador (sexo, faixa etária, escolaridade)		X	
Horas de Trabalho (média)		X	
Ganho Salarial (média)		X	
Deslocamento da Mão-de-obra		X	

**ANEXO**

## **Anexo A – Sítios de Interesse sobre Floricultura**

### **Agriflor**

[www.agriflor.com](http://www.agriflor.com)

### **AgroPortal**

[www.agroportal.pta/index](http://www.agroportal.pta/index)

### **AgroOnline**

[www.agronline.com.br](http://www.agronline.com.br)

### **APEX/SEBRAE - Agência de Promoção de Exportações**

[www.apexbrasil.com.br](http://www.apexbrasil.com.br)

### **Aprendendo a Exportar**

[www.aprendendoaexportar.gov.br/flores/home.asp](http://www.aprendendoaexportar.gov.br/flores/home.asp)

### **Banco do Nordeste do Brasil**

[www.banconordeste.gov.br](http://www.banconordeste.gov.br)

### **BrazilTradeNet**

[www.braziltradenet.gov.br](http://www.braziltradenet.gov.br)

### **Cearosa**

[www.cearosa.com.br](http://www.cearosa.com.br)

### **CIN - Centros Internacionais de Negócios**

[www.fiepa.org.br/cin/index.asp](http://www.fiepa.org.br/cin/index.asp)

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**

[www.embrapa.br](http://www.embrapa.br)

**Export News**

[www.exportnews.com.br](http://www.exportnews.com.br)

**Flora Brasílis**

[www.florabrasilis.com.br](http://www.florabrasilis.com.br)

**Flora Culture Internacional**

[www.floracultureintl.com](http://www.floracultureintl.com)

**Governo do Estado do Ceará**

[www.ceara.gov.br](http://www.ceara.gov.br)

**Hortitecnia**

[www.hortitecnia.com](http://www.hortitecnia.com)

**Instituto Brasileiro de Floricultura**

[www.ibraflor.com.br](http://www.ibraflor.com.br)

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

**Instituto de Economia Agrícola**

[www.iea.gov.br](http://www.iea.gov.br)

**Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará**

[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)

**Ministério do Desenvolvimento Agrário**

[www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br)

**Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**

[www.mdic.gov.br](http://www.mdic.gov.br)

**Organização das Cooperativas Brasileiras**

[www.ocb.org.br](http://www.ocb.org.br)

**Portal do Exportador**

[www.portaldoexportador.gov.br](http://www.portaldoexportador.gov.br)

**Portal da Floricultura no Ceará**

[www.prossiga.br/arranjos/ce-floricultura](http://www.prossiga.br/arranjos/ce-floricultura)

**Reijers**

[www.reijers.com.br](http://www.reijers.com.br)

**Secretaria de Agricultura e Pecuária**

[www.seagri.ce.gov.br](http://www.seagri.ce.gov.br)

**SEBRAE**

[www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)

**UFC - Universidade Federal do Ceará**

[www.ufc.br](http://www.ufc.br)